Hori Cadernos Técnicos

3



Fernando Costa Straube



Ruínas e urubus:

História da Ornitologia no Paraná



Período Pré-Nattereriano
(1541 a 1819)









Hori Cadernos Técnicos

3

RUÍNAS E URUBUS:

HISTÓRIA DA ORNITOLOGIA NO PARANÁ

PERÍODO PRÉ-NATTERERIANO

(1541 a 1819)

1ª Edição

Fernando C. Straube

Hori Consultoria Ambiental

Curitiba, Paraná, Brasil

Dezembro de 2011

Ficha catalográfica preparada por
DIONE SERIPIERRI (Museu de Zoologia, USP)

Straube, Fernando C.
Ruínas e urubus: história da ornitologia no Paraná. Período Pré Nattereriano (1541 a 1819) ; por Fernando C. Straube. – Curitiba, Pr: Hori Consultoria Ambiental, 2011.
195p. (Hori Cadernos Técnicos n. 3)
ISBN**978-85-62546-03-7**

1. Aves - Paraná. 2. Paraná - Ornitologia. 3. Ornitologia – História. I. Straube, Fernando C. II.Título. III. Série.

Depósito Legal na Biblioteca Nacional,
conforme **Decreto n°1825**, de 20 de dezembro de 1907.

Dados internacionais de Catalogação da Publicação
(Câmara Brasileira do Livro, São Paulo, Brasil)

Capa: Composição com mata de araucária na Lapa (Paraná) (Foto: Fernando C.Straube) e reproduções de documentos (Cabeça de Vaca, 1555; Staden, 1557; Schmidel, 1567; Albernás, 1653). Em destaque um “alcatraz”, ou atobá (*Sula leucogaster*), a primeira espécie de ave mencionada para o Estado do Paraná, pela narrativa de Hans Staden (Foto: **Marcelo Krause**: www.marcelokrause.com)

2011



http://www.hori.bio.br

HORI CADERNOS TÉCNICOS n° 3

ISBN: **978-85-62546-03-7**

CURITIBA, DEZEMBRO DE 2011

CITAÇÃO RECOMENDADA:

Straube, F.C. 2011. **Ruínas e urubus: História da Ornitologia no Paraná**. Período Pré-Nattereriano (1541 a 1819). Curitiba, Hori Consultoria Ambiental. Hori Cadernos Técnicos n° 3. 195 pp.

“As melhores epígrafes jamais serão escritas...”

ALBERTO URBEN FILHO
(*11 de janeiro de 2002*)

Dedico aos meus pais

LAVÍNIA MARIA COSTA STRAUBE

ERNANI COSTA STRAUBE

e ao meu filho

YAGO VIEIRA DA ROCHA STRAUBE

HOMENAGEM

À velha figueira que vivia na beira do Tibagi, abatida em nome de um tipo de progresso que nunca pude compreender. Quanta história nos poderia contar...

"*Haja hoje para tanto ontem*"

PAULO LEMINSKI

APRESENTAÇÃO

Antes de comentar sobre a sua recente obra, permita-me divagar sobre o passado.

Quando ainda crianças, você e seu irmão, antevendo o futuro, brincavam de redatores de histórias em quadrinhos de uma editora cujo nome era verdadeiramente um antônimo de outra poderosa. Nas histórias em quadrinhos de personagens e fatos, retratando o cotidiano e também nas gravações das vozes dos animais, vocês estavam se preparando para voos futuros.

Era o destino de um incansável e dedicado pesquisador, que teve sua iniciação em um curso de observadores de aves organizado por Pedro Scherer Neto, ocasião em que sua mãe, sempre atenta, insistiu junto a ele pela sua inscrição, no primeiro momento negada na alegação de que o número de participantes estava completo. Tendo o convencido, teve participação direta e, assim, conseguiu aquilo que seria a sua entrada nos primeiros passos da Ornitologia.

Isso só podia dar no que deu e aqui, nesta obra, está estampada uma pequena parte dessa realidade.

Diz o velho e conhecido adágio que "a fruta não cai longe do pé" e você o está confirmando. Afinal, seu trisavô – naturalista reconhecido na Alemanha – viajando pela Europa e Turquia na procura e classificação de insetos, teve a honra de ser distinguido com a denominação de dois ortópteros "*straubei*" por ele descobertos, além de publicar trabalhos científicos nessa área. E seu avô, professor de História Natural, escreveu o "Natura Paranista", tentativa primeira e precursora da descrição da natureza que cercava a Ilha do Mel e também autor de numerosas obras técnicas.

Agora, com maestria e o toque especial de seu desejo de ser útil e produtivo, traz ao conhecimento público informações biográficas preciosas e pouco conhecidas dos naturalistas que, arrostando dificuldades e incompreensões, desvendaram o mundo natural, a dimensão e a riqueza de parte do continente americano, ainda pouco explorado cientificamente.

Gosto de afirmar que “somente morrem os que são esquecidos” e, na pureza de teu caráter e na explosão de seu conhecimento e perspicácia, você resgata o histórico de uma fase do Brasil menino, momento importante para o conhecimento e estudo de nossa fauna e flora.

Você está revivendo, nas páginas desta obra, a epopeia dos naturalistas, muitos deles quase anônimos e que, longe de suas pátrias e do aconchego de seus lares, se dedicaram ao estudo, às descrições e à difusão da História Natural. Foram verdadeiros herois que devem servir de exemplo a todos os que dedicam à ciências.

Fico honrado, feliz e realizado pelo teu trabalho.

Obrigado, filho!

ERNANI COSTA STRAUBE
Presidente
Instituto Histórico e Geográfico do Paraná

SUMÁRIO

PRIMEIRAS PALAVRAS...

"Aos medidores do tempo
digo que sigo
ou que não.
enquanto medem o tempo
e sempre dirão
1, 2, 3
meu coração
diz talvez."

PAULO VÍTOLA
no poema "Usuário do tempo"

Esta obra foi feita, volume após volume, como um quebra-cabeças que, aliás, tenho plena convicção de que jamais ficará completo. Entretanto, como todos os outros quebra-cabeças, já pelas primeiras peças que são encaixadas é possível ter uma boa noção do que se está querendo mostrar. À medida em que elas são adequadamente unidas, enfim, aumenta a noção real de todo o conjunto.

Todo o estudo começou já nos meados da década de 80, quando iniciei meu interesse pela História do Paraná, graças às constantes consultas à vasta e diversificada biblioteca do meu pai. Percebi que eram muitas as menções às aves ocorrentes no estado que, aqui e ali, eram citadas por cronistas e compiladores antigos. E isso contrastava bastante com o que se dizia nos tratados sobre Ornitologia disponíveis na época, onde o Paraná raramente era citado,

levando o leitor a acreditar que se tratasse de lugar com pequena riqueza de espécies ou de interesse menor sob o ponto de vista ornitológico.

Nessa mesma época, passei a revisar o legado do polonês Tadeusz Chrostowski que, apesar de ter sido um dos mais produtivos naturalistas viajantes do Sul do Brasil em todos os tempos, havia sido omitido ou tratado superficialmente nesses livros. Dediquei-me então, a divulgar a importância de sua contribuição, associando-a a detalhes interessantes de sua rica (e curiosa) biografia. Com isso, fiquei feliz por ver, em 1995, um resumo biográfico na obra "Vultos da Zoologia brasileira" de autoria de Hitoshi Nomura e, depois, em 1997, uma pequena – mas destacada – menção no clássico "Ornitologia brasileira" de Helmut Sick.

Mais ou menos contemporaneamente, vi em Johann Natterer uma outra frente de pesquisa. Também havia sobre ele algumas omissões importantes em obras mais específicas, as quais davam muito maior destaque às afamadas expedições oitocentistas como as de Spix e Martius, Langsdorff e Saint-Hilaire. O naturalista austríaco, apesar de seus 18 anos de exaustivo e sistemático colecionamento de exemplares e de outras amostras da natureza do Brasil, era pouco tratado, obscurecendo a magnífica herança deixada por ele ao conhecimento da natureza brasileira e, particularmente, do Paraná. Até meados dos anos 90, por exemplo, nem mesmo a parte meridional de seu itinerário era razoavelmente esclarecida, graças a um pequena distração do revisor de seu material.

Junto a essas duas personalidades, fechou-se a tríade com Andreas Mayer, naturalista viajante do então Museu Paranaense, cuja contribuição ficou quase que totalmente esquecida ao longo dos tempos, devido à modesta visibilidade de sua instituição no cenário científico nacional.

Obtendo material biológico quase que exclusivamente no estado do Paraná, é por sua intervenção e esforço que pelo menos uma pequena amostra do que existia em nossas florestas e campos pôde ser conhecida nos dias de hoje. Inaugurando a proposta, acabou saindo um artigo sobre o material por ele colecionado na região noroeste paranaense, posteriormente estendida a outros grupos animais como mamíferos, répteis e peixes, preparados por alguns de meus colegas.

Esse panorama até certo ponto injusto com tão valorosos viajantes e suas magníficas intervenções nas ciências biológicas no País é o que mais me inspirou a prosseguir com as minhas pesquisas. A cada visita a alguma biblioteca brasileira ou simples consulta a livros antigos, a realidade me aparecia mais nítida: havia muito a ser resgatado e isso tudo teria importância inestimável na relação entre a História e a Ornitologia como campos do conhecimento humano.

Já em 1987, iniciei um manuscrito – em estilo muito semelhante a esse que aqui apresento – e decidi chamá-lo de "*Ruínas e urubus*". O título, estranho a muitos, veio das primeiras impressões do militar e jornalista Carl von Koseritz que, ao chegar no litoral paranaense, afirmou ter apenas encontrado "ruínas e urubus", como descontentamento por uma paisagem que pouco lhe agradou à primeira vista.

> *"Para mim foi notável a existência de algumas ruínas quase românticas, velhos panos de muro cobertos de vegetação, que devem restar do tempo das primeiras habitações, tal como a grande quantidade de urubus que, tal como pombos,*

pousavam nos telhados e andavam pelas ruas" (C. von Koseritz)[1].

A ideia era mostrar que ruínas, em vez de abandono, amontoados de entulho e velharias inúteis simbolizam, na realidade, fontes importantes para o conhecimento de nosso próprio passado. E que merecem, por essa razão, ser vasculhadas a fundo. Urubus, por sua vez, são aves como outras quaisquer que, embora nos façam recordar de sua má aparência e jeitão atrapalhado, são importantes partícipes do processo de saneamento do ambiente, por seus hábitos saprófagos.

É fato que desde pequeno aprendi com meu pai a revirar cemitérios e papéis empoeirados em busca de respostas e, com minha mãe, o uso metafórico das palavras, mostrando caminhos alternativos onde parecia que não existissem... No dia em que escrevo essa pequena apresentação, o título ainda me parece adequado e oportuno e, por isso, resolvi mantê-lo. Com ele também aproveito a fazer uma pequena homenagem aos dois, que tanto me apoiaram em todos os momentos de minha vida.

Acompanhando a cronologia, no ano de 1990 apresentei no XVII Congresso Brasileiro de Zoologia

---

[1] Originalmente (Koseritz, 1895:12): "*Auffällig war mir die Existenz einiger fast romantischer Ruinen, altes Mauerwerk mit Vegetation bedeckt, welches noch aus der Zeit der ersten Ansiedelung herrühren musste, ebenso die riesige Menge von Aasvögeln* (urubús)*, die wie bei uns die Tauben auf allen Dächern sassen und in den Strassen spazieren gingen.*" Carl von Koseritz (Dessau, Alemanha; 1830; Porto Alegre, RS: 1890) passou rapidamente pelo Paraná em duas ocasiões (16 de abril e 24 de junho de 1883), ambas pelo Porto de Paranaguá, visitando em seguida a cidade de Antonina, também portuária. De sua opinião de ambas as cidades, sintetizada no título desta obra, sobressaem-se apenas – e de forma até repetitiva – as ruínas e os urubus. Sobre Paranaguá, endossa sua opinião: "*Das Erste, was mir wieder auffiel, waren Ruinen und Aasgeier, just wie in Antonina*" (Koseritz, 1895:160), ou seja, "A primeira coisa que se me deparou foram ruínas e urubus, tal qual em Antonina". Nada mais é aproveitável, para nenhuma campo da História Natural, além desta prosaica citação ao urubu (*Coragyps atratus*) para ambas as cidades.

(Londrina) a minha revisão do itinerário da Expedição Natterer ao Paraná. Ao fim da exposição, recebi honrosos comentários do saudoso Helmut Sick (falecido no ano seguinte), que estava presente na plateia e a considerou um estudo importante, por corrigir certos enganos geográficos da literatura e que tinham grande relação com o conhecimento da distribuição das aves brasileiras. É até irônico lembrar que, o resumo fôra originalmente recusado pela comissão editorial do evento, fazendo-me recorrer à mesma para uma reconsideração.

Naquele mesmo ano submeti outra revisão de itinerário, agora sobre as expedições polonesas ao Paraná, para publicação em uma revista local chamada "Boletim do Arquivo do Paraná", que era editada pelo Arquivo Público do Estado do Paraná. Esse trabalho continha um dicionário geográfico dos locais visitados e um mapa desenhado nos padrões da época: nanquim sobre papel vegetal, com os topônimos indicados por letras adesivas. Poucos meses depois, o Arquivo Público foi quase que totalmente destruído por um incêndio, representando na perda irreparável de um valioso acervo documental do Paraná e, claro, dos meus originais...

Nesta época passei a receber ajuda e estímulo de outras pessoas. Uma delas foi Dante Martins Teixeira que, além de me acolher hospitaleiramente em sua casa por muitas ocasiões, abriu-me sua valiosa e espetacular biblioteca. Era o momento propício para aproveitar a generosidade de um bibliófilo erudito em um ambiente científico perfeito, no caso, o Museu Nacional da Quinta da Boa Vista. Veio também por meio dele, obviamente, os tantos estímulos para que eu prosseguisse conectando a Ornitologia com a História e, para quem o conhece, isso fica muito fácil de compreender.

Com isso, meio a viagens constantes ao Rio de Janeiro (e São Paulo, onde fui recebido pelo zoólogo, sambista e outro quase-historiador: Paulo Emílio Vanzolini) e períodos de pesquisa em campo e gabinete em Curitiba, fui acumulando documentos, livros e outros materiais impressos ou manuscritos. Só de uma visita que fiz, em julho de 1986, ao Museu de Zoologia de São Paulo (onde fui atendido pela incomparável Dione Seripierri), trouxe quatro caixas de cópias de artigos, livros e outros tipos de documentos.

É até estranho, no Século XXI, considerar isso como uma parte dos métodos, visto que – com a *internet* – a comunicação atualmente passou a ser muito mais simples e ágil e, claro, a obtenção de tais relíquias tornou-se mil vezes mais fácil. Há apenas alguns meses atrás consegui, por exemplo, versões em formato pdf de todos os catálogos de Hellmayr, das obras de Wied-Neuwied, de Spix e do raríssimo catálogo de Pelzeln, obras fisicamente presentes em apenas algumas poucas bibliotecas brasileiras mais privilegiadas.

Há 20 anos atrás, usava-se máquina datilográfica e, os originais de artigos a serem enviados para publicação podiam ser duplicados por um papel carbono ou cópias xerográficas, que eram relativamente caras. Para conseguir mapas, era necessário comprá-los ou tirar fotografias em papel, cuja ampliação era extremamente onerosa e nem sempre preservava os detalhes necessários. Isso quando os responsáveis pelos documentos permitiam essa facilidade e, claro, quando o foco – apenas avaliado alguns dias depois – permitia certas definições de imagem. Além disso, pedir cópias de publicações demandava muito tempo entre a redação das cartas de solicitação, o período entre o recebimento do pedido e o envio do mesmo e todo o tempo

postal envolvido nisso tudo. E isso considerado quando os destinatários respondiam!

Em 1993, em uma lanchonete de beira-de-estrada a caminho de Pelotas (Rio Grande do Sul) para atender o III Congresso Brasileiro de Ornitologia, revi o amigo José Fernando Pacheco, com quem já havia trocado muitas ideias na via-sacra dos congressos de Ornitologia e encontros de observadores e anilhadores de aves e especialmente por várias correspondências no passado. Pacheco já dividia comigo o interesse pela História da Zoologia, transformando a situação em algo especial e marcante, dando início a uma grande amizade, destino que me presenteou com a aproximação à pessoa que, na atualidade, mais me estimula em minhas pesquisas históricas.

Dois anos depois, por iniciativa de Pedro Scherer Neto, fui convidado a assinar o livro “Aves do Paraná” originalmente projetado para ser uma lista que atualizava outras três edições anteriores. Como contribuição, além da revisão da listagem, ofereci uma parte resumida daquilo que eu esboçava havia tanto tempo: um texto sobre a história da Ornitologia no Paraná.

O interesse por divulgar toda essa informação era crescente e a cada dia aumentavam em volume as estantes de livros, repletas de raridades e documentos. Renasceu o desejo de ver tudo isso divulgado e o ano de 2001 acabou por se tornar especial para esse projeto. Recebendo o encargo de presidente da Comissão Científica do IX Congresso Brasileiro de Ornitologia, resolvi inserir textos completos junto ao livro de resumos, dando-lhe um formato mais robusto do que se costumava fazer em anais de eventos. Era a oportunidade certa para divulgar um resumo estendido e atualizado daquilo que fôra publicado em 1995, afinal, o congresso realizava-se em Curitiba. Com isso apareceu o

“História da Ornitologia no Paraná”, autoria que dividi com Pedro Scherer-Neto.

A partir de 1996, pude ter contato prolongado com várias pessoas que, se não eram fanáticas por História como eu, demonstravam grande interesse pelo tema, inclusive utilizando desta área de conhecimento em suas publicações. Eram os integrantes de nossa cooperativa informal, a Toca, onde leituras, estudos e discussões eram realizados, muitas vezes enfocando o assunto deste livro. Nesse sentido, grande parte do que está escrito aqui passou pelos momentos digestivos desses debates, dos quais participavam todos, mas destacadamente Renato S.Bérnils, Paulo H.Labiak, Michel Miretzki, Gledson V.Bianconi, Liliani M.Tiepolo e Vítor de Queiroz Piacentini. No grupo estava Alberto Urben-Filho, que foi certamente o que mais me incentivou e não com esse único encargo mas uma enorme disposição, auxiliando-me na busca por informações documentais, de acervos de museus e especialmente no campo, onde nós dois pudemos sentir na pele uma parte das privações e dificuldades que os viajantes passaram no passado, respeitadas as devidas proporções.

Embora eu tenha traçado esse pequeno esboço cronológico na primeira pessoa do singular, eu quero deixar bem claro que ele está implicitamente tratado na do plural, uma vez que sozinho eu jamais poderia ter concluído esse livro. De fato, esse texto faz parte de um esforço que traz colaborações verdadeiramente valiosas de diversas pessoas, dentre as quais eu gostaria de lembrar as que seguem discriminadas, desculpando-me por algumas omissões que certamente ocorreram.

Aspectos relativos a espécimes depositados em vários museus brasileiros, inclusive nossa permissão de acesso aos respectivos acervos, foram possíveis graças à intervenção de Dante L.M.Teixeira, Jorge B.Nacinovic e

Marcos A.Raposo (Museu Nacional, Rio de Janeiro: MN), Hélio F.de A.Camargo e Luis Fábio Silveira (Museu de Zoologia, São Paulo: MZUSP), José Maria Cardoso da Silva, David C.Oren e Alexandre Aleixo (Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém: MPEG). Jacques Cuisin (*Museum national d'Histoire naturelle*, Paris: MNHN) forneceu informações sobre a coleção A.de Saint-Hilaire; John Bates, Shannon Hackett e especialmente David Willard, ajudaram com o material do *Field Museum of Natural History* de Chicago (FMNH); Paul Sweet, Tom Trombone e Peter Capainolo contribuíram com dados do *American Museum of Natural History* de Nova York (AMNH); Alison Pirie e David Morimoto do *Museum of Comparative Zoology*, em Cambridge (MCZ). Roberto Poggi contribuiu com dados sobre os exemplares de Franco Grillo, atualmente no *Museo Civico di Storia Naturale "Giacomo Doria"* (Gênova, Itália:MSNG) e Hiran Luiz Zoccoli (Museu Maçônico Paranaense, Curitiba) contribuiu com importantes pistas sobre a biografia do naturalista italiano

Participaram direta ou indiretamente do texto sobre as Expedições Polonesas, por meio de discussões, cessão de informações ou mesmo pelo envio de material bibliográfico: Grzegorz Kopij (Universidade Agrícola de Wroclaw), Maciej Luniak (Academia Polonesa de Ciências, Varsóvia), Zygmunt Bocheński (Museu e Instituto de Zoologia da Academia Polonesa de Ciências, Varsóvia), Marek Makowski (Consulado Geral da Polônia em Curitiba) e Witek Chrostowski (Cracóvia). Também Piotr Daszkiewicz (Serviço do Patrimônio Histórico, Museu Nacional de História Natural, Paris, França) ajudou com esse assunto, mas contribuiu igualmente com informações junto ao acervo do Museum de Paris (p.ex. documentos e publicações sobre Saint-Hilaire).

Nos assuntos Bigg-Wither e Alphonse Robert, participou Robert Prys-Jones (*The Natural History Museum*, Tring, UK: NHM) e, com relação ao *Zoologischen Staatssammlung München* (Munique, Alemanha), o apoio partiu de Michael Hiermeier e Matthias Maeuser. Sobre Emmet R.Blake, colaboraram Tracy Robinson e William Cox (*Smithsonian Institute Archives*, Washington, EUA). Enviaram dados importantes sobre as coleções sob seus cuidados: Krzysztof Zyskowski (*Peabody Museum of Natural History*, Yale University, Cambridge, EUA), James Van Remsen (*Louisiana Museum of Natural Sciences*, Louisiana, EUA), Gerald Mayr (*Forschunginstitut Senckenberg*, Frankfurt, Alemanha), Mary Hennen (*Chicago Academy of Sciences*, Chicago, EUA) e Ernst Bauernfeind (*Naturhistorisches Museum*, Viena, Áustria: NHMW). Informações valiosas sobre o Frei Miguel Witte, e também literatura a esse respeito, recebi graças à intervenção do Frei Regis Guaracy Ribeiro Daher, mediante Elisabete Barbero (Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, São Paulo) mas também tive ajuda de Mário Arthur Favretto. Raimund Toelle, membro da família Sello na Alemanha, colaborou com conexões junto aos parentes do naturalista Friedrich Sellow.

Cederam dados inéditos, participaram de várias discussões ou simplesmente me trouxeram estímulos para a conclusão desta obra: Adelinyr (Tota) de A.Moura Cordeiro, Adrian DiGiácomo, Alessandro Casagrande, Alessandro Pacheco Nunes, Alexandre Ferreira Morais, Amazonas Chagas-Junior, Ana Lúcia da Costa Prudente, André A.R. de Meijer, Andrés Colmán Jara, Angelica K.Uejima, Bianca L.Reinert, Carlos Eduardo Conte, Carlos Gofferjé Neto, Cassiano A.F.R.Gatto, Daniel DeGranville Manço, Dante R.C.Buzzetti, David Oren, Deodato Souza, Dione Seripierri, Eduardo Carrano, Edwin O.Willis, Emerson Boaventura,

Emílio Dente (*in memoriam*), Ernani Costa Straube, Fabiano Ardigó, Fabio Olmos, Fabio Schunck, Flávio C.T.Lima, Fernando A.Sedor, Glayson Bencke, Guilherme Renzo Rocha Brito, Helena M.Dobignies, Herculano Alvarenga, Hitoshi Nomura, Ismael Franz, Jacques Vielliard (*in memoriam*), Janael Ricetti, Johann Dalgas Frisch, José Carlos Veiga Lopes (*in memoriam*), José Fernando Pacheco, José Flávio Cândido Júnior, José La Pastina Filho, José Luiz Mercer, José Maria Cardoso da Silva, José Tadeu W.Motta, Juan Carlos Chebez (*in memoriam*), Jules M.R.Soto, Juliana Quadros, Julio César de Moura-Leite, Lenita Kozák, Lenyr A.do Rosário, Leonardo R.Deconto, Luiz Fernando de A.Figueiredo, Luiz Pedreira Gonzaga, Marcelo A.Villegas Vallejos, Marcelo Ferreira de Vasconcelos, Marcio L.Bittencourt, Marco A.Da-Ré, Marco Fábio Maia Corrêa, Marcos R.Bornschein, Martha Argel, Marcia Arzua, Maria Bernadete Ribas Lange, Maria Cecília Vieira-da-Rocha, Maria Lúcia Lorini, Marina Anciães, Miguel Â.Marini, Mirna Casagrande, Nelson A.Pérez Villamayor, Olaf H.Mielke, Osmar dos Santos Ribas, Paulo E.Vanzolini, Pedro Salviano Filho, Pedro Scherer Neto, Roberto Ribas Lange (*in memoriam*), Rogério Ribas Lange, Rolf Grantsau, Ronald Rosa, Rômulo Ribon, Rudi Laps, Ruth Misiuta, Sandra B.Mikich, Sandro Menezes Silva, Sebastião Laroca, Sérgio A.A.Morato, Silvia R.T.Prado, Tietta Pivatto, Vinalto Graf, Vinicius Abilhôa, Vanessa G.Persson, Wolmar B.Wosiacki e Yoshika Oniki.

Sou também muito agradecido aos amigos que participaram da finalização deste livro. Dione Seripierri, pela preparação da ficha catalográfica, Marcelo Krause pela cessão da foto de atobá que ilustra a capa e Ismael Franz pela cuidadosa diagramação.

A todos esses, e aos que – por simples distração – esqueci de mencionar, meus sinceros agradecimentos!

COMO FOI FEITA ESTA OBRA

> "*Uma pergunta para cada história. Foram os reis que carregaram os grandes blocos de pedra?*"
>
> BERTOLD BRECHT

Muito antes de mim, Hitoshi Nomura já estava fazendo para o Brasil quase o mesmo trabalho que eu fazia para o Paraná desde meados dos anos 80. Pesquisava obras antigas e, a partir delas, identificava as espécies animais citadas, muitas vezes recorrendo à indispensável criatividade para reconhecê-las. Graças a isso, tem publicado a série "História da Zoologia no Brasil", uma revisão de valor incalculável que surgiu desde 1996, em paralelo ao seu "Vultos da Zoologia Brasileira" (desde 1995), igualmente importante.

É nessa direção que o trabalho aqui apresentado foi construído, com a pequena distinção de escala: a minha ocupação é a Ornitologia e o estado onde moro é o Paraná. Graças a essa diferença pude, ao mesmo tempo, aprofundar e particularizar as questões zoológicas e geográficas, mas sempre usando os alicerces construídos por outros autores também insuperáveis como Arthur Neiva, Cândido de Mello

Leitão, Olivério M. de O.Pinto, Paulo E.Vanzolini, Dante M.Teixeira, Nelson Papávero, José Fernando Pacheco e muitos outros.

Meu interesse por outros grupos animais e vegetais, por paisagens e aspectos geográficos, possibilitou-me um refinamento interessante. Quase todo o conteúdo deste livro refere-se a tempos em que não haviam especialidades; muitos naturalistas e cronistas podiam até ter um maior interesse pelas aves silvestres mas é claro para mim que a História Natural era algo muito mais holístico, coeso e congregado do que o pensamento moderno.

Por esse motivo, mais do que uma história da Ornitologia no Paraná, tentei aproveitar detalhes de disciplinas que pudessem se conectar a essa ciência, mesmo vindos de viajantes que se interessavam por outros grupos das ciências naturais. Nisso se enquadra o perfil biográfico das pessoas citadas, bem como suas inclinações e descobertas, detalhes sobre as expedições das quais participaram, aspectos geográficos e ligados à vegetação, ao relevo, à hidrografia e muitos outros. Em certos casos, informações oriundas de outras regiões, mas relacionadas de certa forma com o objetivo do trabalho, foram aproveitadas com o objetivo de ilustrar mais ricamente a presença do personagem. Concordância total, aqui, com a afirmação de Roncaglio (2009): "*As representações da natureza em diversas sociedades incluem um vasto repertório de experiências e valores materiais, espirituais, morais e éticos forjados ao longo da sua construção histórica como sociedades e como nações*".

Conforme as informações se acumulavam, parecia nítida a necessidade de uma revisão maior e mais ampla, que permitisse uma noção histórica em maior escala. Por muitas vezes senti um desejo muito forte de recomeçar tudo e escrever uma história da Zoologia e Botânica no Paraná,

em vez de me centrar apenas em uma das tantas ramificações. E foi mais por instinto que prossegui com o objetivo original. A tentação de ampliá-lo, porém, aparece claramente ao longo dos textos. Bastava, ao longo da preparação do livro, que eu tomasse conhecimento de algum naturalista ou cronista que tivesse pisado no solo paranaense – mesmo que nada tivesse escrito ou documentado sobre as aves – que seu nome era logo incluído ao grupo. Independente de tudo, os meus dois caminhos para usar esse procedimento foram: 1. levantar a possibilidade que tivessem registrado aves no Paraná, mas cujo material documental não estivesse disponível, ou tivesse se perdido; 2. preparar caminho para a produção de compilações históricas de outros grupos zoológicos, e mesmo botânicos, no Estado.

Com isso formulo, já de antemão, o primeiro objetivo do trabalho: estimular pesquisadores a publicarem estudos similares, de acordo com suas especialidades e, entre ornitólogos, provocar o sentido investigativo para adicionar ou mesmo excluir peças do quebra-cabeças.

O panorama histórico, social, econômico e ambiental do Paraná durante os momentos em que os naturalistas aqui atuaram, começou inicialmente como um simples tempero que procurei adicionar ao prato principal. Aos poucos percebi que tais informações faziam muita diferença por iluminar caminhos de raciocínio que ninguém havia antes trilhado. Desta maneira, o texto principal é acompanhado de um cronologia com acontecimentos relevantes da História do Paraná, do Brasil e mesmo universal, que se tornaram ingredientes indispensáveis desta culinária. Com tais informações encaixadas[2], pensei deixar possível ao leitor a

---

[2] A cronologia atribuída aos naturalistas e cronistas, baseia-se nos anos em que tais personalidades visitaram o Paraná ou, quando essa informação era inexistente ou

situação em certos momentos ou episódios que, com toda a certeza, tiveram papel importante nas expedições e em seus idealizadores. Os critérios para inclusão desses dados (tendo o ano respectivo como padrão de apresentação) são ligados a momentos políticos relevantes no contexto internacional, nacional e estadual, inclusive aqueles ligados às ciências naturais, com ênfase na Zoologia e Botânica (mas, especialmente, Ornitologia) e também os anos de nascimento e falecimento de pessoas de destaque nesse mesmo cenário.

Minha experiência de quase 15 anos na curadoria de uma coleção científica e especialmente no contato com informações sobre animais e plantas, clima, relevo e todo o ambiente natural paranaense, foram especialmente importantes. Com essa vivência obtive material essencial para avaliar o esforço daqueles que aqui aparecem retratados e suas obras emiuçadas. Certas questões sutis, podem parecer "nada demais" ou, ainda, passarem despercebidas para a maior parte das pessoas, mas guardam um significado importante para quem já enfrentou tais situações. Há muitos detalhes, desta forma, que poderiam ser analisados em estudos futuros ou simplesmente servir como material para melhorar a didática da História e da Zoologia brasileira, ainda tão dependente de exemplos holárticos e africanos e de cansativas memorizações de datas.

O que significaria, por exemplo, para o líder de um grupo de 250 homens e 26 cavalos, dentre fidalgos, soldados e índios devassando as matas do interior do Paraná e, em certo momento, chegando às desconhecidas (!) Cataratas do Iguaçu? E qual o temor quanto a um naufrágio em plena Baía de Paranaguá no ano de 1550 ? E imaginar, ainda, que

---

irrecuperável, no ano em que a contribuição referente ao estado foi publicada ou amplamente divulgada; neste último caso, a data está apresentada entre colchetes.

condições idênticas de mar bravio, ainda podem ser facilmente vividas nos dias de hoje no mesmo local?

Qual a idéia que se faz de viagens que duravam anos e mais anos (por vezes décadas), no completo isolamento, em matas cheias de doenças (na época desconhecidas), animais peçonhentos, falta de alimento e água potável e – claro – inexistência de antibióticos? Vamos adiante: como faziam nos naturalistas do Século XIX sem materiais plásticos? Como faziam para coletar, preparar, conservar, acondicionar, rotular e, ao fim do dia, redigir páginas e mais páginas de diários e depois disso tudo, ainda terem de se preocupar com a higiene, alimentação e local digno para descansar ?

Várias dessas perguntas, feliz ou infelizmente, nunca serão respondidas, mas merecem um local destacado no nosso imaginário e, principalmente, na consciência sobre as dificuldades enfrentadas para que chegássemos ao conhecimento que hoje dispomos. Esses tópicos, na maior parte das obras, são normalmente esquecidos, quando – por uma formação incompleta – visualizamos apenas o resultados finais: tal cronista escreveu tal obra, tal naturalista coletou tais exemplares. Ponto final...

É por causa desse tipo de desdobramento que tive, desde o início deste projeto, uma grande preocupação com o conteúdo das fontes. Em muitos casos transcrevi literalmente o conteúdo de documentos, ou fragmentos deles, julgando interessante o seu resgate e divulgação, em especial naqueles que se tratavam de raridades ou obras de difícil acesso. E fiz isso com o forte propósito de não ater-me às aves mas a todo o contexto histórico em que cada contato foi baseado. E mais: pensando que cada informação poderia ser ampliada e corrigida, mediante documentos involuntariamente omitidos ou por meio de interpretações mais concretas.

Considerei também importantes os relatos de terceiros e incluo aí as traduções, opiniões, os obituários e as revisões críticas de coleções, ainda que o respectivo analisador jamais tivesse tido contato com o coletor ou com os locais visitados. Esses registros pareceram valiosos quando havia carências nas obras originais (algumas delas raríssimas ou inacessíveis) e também para um confronto de opiniões.

Como disse anteriormente, esse livro não é apenas para historiadores ou ornitólogos. E aqui exponho o seu último objetivo e que me parece o principal: usar as aves e o passado como ferramenta para comprovar as múltiplas formas de conexão entre as expressões de diversidade cultural, social, científica, histórica e geográfica.

Não há conhecimento isolado. É sobre esse alicerce que me sinto seguro para contar a História – e as estórias – que, de uma forma ou de outra, entremeiam-se ao conhecimento da avifauna paranaense.

O autor

INTRODUÇÃO

"O que se vê e não se remedeia, ainda que se esteja vendo uma eternidade inteira, ou não se vê, ou se vê como se não vira".

PADRE ANTÔNIO VIEIRA
(Sermão da Quinta Feira da Quaresma, 1669)

Não há dúvida que a Ornitologia, a exemplo de todas as outras ciências, apenas avançou porque contou – ao longo de séculos – com a contribuição inestimável de muitas e muitas pessoas, entre anônimas e famosas, cada qual colaborando à sua maneira com os recursos disponíveis nas épocas e, ainda, em vários graus de precisão e detalhamento. Esses personagens variaram de estudiosos que se debruçaram à temática sem nunca sequer terem saído de seus gabinetes, até incansáveis e abnegados cientistas com tino de exploradores; outros, por sua vez, expressaram-se como cronistas, corógrafos ou compiladores. Até mesmo aqui a diversidade se expressa!

De uma forma geral, as informações que existem sobre a Ornitologia paranaense oriundas de tais obras, não conta com um esforço muito criterioso na indicação de locais em que os visitantes, ou seus informantes diretos, trabalharam. Suportam-se, com muita frequência, em apresentação de topônimos imprecisos ou demasiadamente generalistas. As próprias anotações de campo originais, inclusive, dificilmente têm acesso franqueado aos historiadores, restando apenas a possibilidade de abstrações baseadas em fontes secundárias (rótulos de exemplares, publicações posteriores, informações de terceiros). Naturalmente que essa consequência é mais do que natural, considerando-se o padrão de colonização do Paraná e, com efeito, a impossibilidade de exibição mais profunda de detalhes que simplesmente não existiam!

Para amplificar o problema, as obras de consulta paralela (como mapas, dicionários geográficos e *gazetteers*) mais antigas – que aproximam com maior fidedignidade as denominações toponímicas – sofrem acentuado e gradativo processo de deterioração, ao tempo em que nomes de localidades alteram-se de acordo com a política local vigente. Ao pesquisador cabe essa luta contra o tempo.

A reconstituição de itinerários dos naturalistas que estiveram no Paraná a fim de coletar material para museus de todo o mundo, é uma tarefa não apenas importante como básica. Ela se serve como fundamento para tudo o que se escreveu consecutivamente, ao longo dos tempos. Não obstante pareça ser óbvia a importância dessa tarefa, estudos dos percursos por eles percorridos, associados a informações históricas das variadas épocas, são muito escassos e, em geral, restringem-se a dados pontuais das localidades visitadas.

Dentre todo o material que foi produzido sobre a avifauna paranaense, é possível distinguir com alguma

clareza, quatro tipos de contribuições que acabaram por alavancar o desenvolvimento da Ornitologia local. A primeira delas provém dos *compiladores*, ou seja, estudiosos, geralmente teóricos, que produziram escritos compilatórios citando espécies ou simples particularidades sobre a avifauna local. Eles assinaram coletâneas, corografias ou outros documentos sobre o Paraná (compiladores regionais) ou simplesmente considerando-o como parte de algo mais geral (compiladores gerais), informando sobre espécies de aves indiscutivelmente consignadas a essa unidade da federação. Apesar de subjetivo, esse tipo de contribuição, embora não propriamente ornitológica, é valioso uma vez que traz informações muito antigas que dificilmente poderiam ser resgatadas no presente. Um clássico exemplo de compilador geral é o padre Aires de Casal (1817) e, de compiladores regionais, o multifacetário Antônio Veira dos Santos (1850), além do celebrado Sebastião Paraná (1899) e do menos conhecido Altamirano Nunes Pereira (1942).

É obrigatório discernir entre esse tipo de relato e aquele que provém de viagens, uma vez que os compiladores geralmente obtinham suas informações a partir de documentações de terceiros. Cabe aos *cronistas* a segunda qualidade de fontes, oriundas de viagens que eles próprios realizavam e relatavam, com ou sem a participação de colaboradores. Neste padrão enquadram-se Alvar Nuñez Cabeça de Vaca (no Paraná entre 1541 e 1542), Hans Staden (1550), Ulrich Schmidel (1553), Camillo Léllis da Silva (1848), Thomas P.Bigg-Wither (1872-1875) e José Cândido Muricy (1896). A qualidade destes textos é, em geral, muito mais precisa se comparada com a dos compiladores, uma vez que foram redigidos com base nas próprias observações de seus autores e, portanto, menos suscetíveis a exageros ou omissões.

Já ilustrando um maior interesse do Velho Mundo pela natureza e, evidentemente, por uma nova temática que surgia, aparecem os *naturalistas*. Esses podem ser facilmente identificados por que tinham o claro propósito de observar ou obter espécimes científicos e, preferencialmente, preparar revisões e/ou iconografias alusivas a seus resultados. Em geral alargavam suas atividades para os mais variados campos do conhecimento mas o foco central era a fauna e/ou a flora. São exemplos típicos: Auguste de Saint-Hilaire (1820-1821), Johann B.Natterer (1820-1821), Friedrich Sellow (1828) e Andreas Mayer (1936-1968).

Por fim, a quarta classe refere-se aos *ornitólogos*, um grupo particular de naturalistas, no sentido descrito acima, que tinham evidente inclinação (não necessariamente formação) para as aves, ainda que – de uma forma ou outra – colhessem também amostras de outros grupos. Alguns representantes são João Leonardo Lima (1900-1901), Adolph Hempel (1903), Ernst Garbe (1907, 1914), Tadeusz Chrostowski (1910, 1913-1914, 1921-1924), Emilie Snethlage (1928), Arkady Fiedler (1928-1929), Edwin Steiger (1929), Emil Kaempfer (1930) e Emmet Blake (1937).

É possível notar que esses tipos de contribuições são miscigenados por outros três padrões, ligados aos objetivos: 1. a colheita *in situ* da informação (o próprio autor obteve as informações **ou** utilizou-se de fontes bibliográficas ou orais); 2. a finalidade das observações (literatura **ou** ciência); 3. o elemento central desta finalidade (as aves eram objeto central **ou** eram consideradas como parte de um universo maior, incluindo todas das formas de vida e outros detalhes, inclusive antropológicos, mineralógicos, etc).

Sob esse aspecto, desde o lançamento do capítulo sobre a História da Ornitologia no Paraná no livro "AVES DO PARANÁ: HISTÓRIA, LISTA ANOTADA E BIBLIOGRAFIA"

(Scherer-Neto & Straube, 1995) e sua complementação (Straube & Scherer-Neto, 2001), procurou-se encaixar esses contextos em uma cronologia adaptável aos seus tantos meandros.

Cabe lembrar que desde Ihering (1887) há pelo menos três boas contribuições que tratam especificamente do estado da arte da Ornitologia no Brasil, sob o mesmo enfoque aqui utilizado (Pinto, 1979; Sick, 1997; Alves & Silva, 2000) e ambas são concordantes em considerar quatro grande períodos: 1. dos cronistas (do Descobrimento até o ano de 1808); 2. das explorações estrangeiras (até meados do Século XIX); 3. dos museus de história natural (até aproximadamente a década de 70 do Século XX); 4. período moderno, marcado pelo predomínio das pesquisas feitas em universidades.

Com relação ao estado do Paraná, o quadro se altera um pouco. Scherer-Neto & Straube (1995) também reconheceram quatro épocas: "PERÍODO DE NATTERER" (incluindo todos os esforços ornitológicos regionais do Século XIX), "PERÍODO DE CHROSTOWSKI" (início do Século XX até a década de 30), "PERÍODO DE MAYER" (entre as décadas de 40 e 60 do Século XX) e "Período Atual" (a partir da década de 70 do Século XX), sendo os três primeiros intervalos referentes aos seus mais importantes colaboradores para a pesquisa de aves silvestres no Estado. Recentemente pleiteou-se (Straube, 2005) a alteração de denominação do "Período Atual" para "PERÍODO DE SCHERER-NETO", em alusão ao seu contribuidor maior. Também pareceu sugestivo inserir uma fase correspondente ao tempo que antecedeu Natterer ("PERÍODO PRÉ-NATTERERIANO") por abrigar, neste ínterim, muitas informações valiosas que mereciam ser consideradas.

Essa distinção de épocas traz em si, um valor maior do que o simbólico, justa homenagem aos incansáveis

narradores, coletores e pesquisadores do passado; ela ilustra também o panorama político e social das investigações zoológicas no Brasil como um todo e especialmente no Estado do Paraná, tendo ainda relação com a situação dos próprios países de origem e de domicílio dos naturalistas envolvidos.

Os marcos divisórios são mais ou menos claros, se considerarmos que avaliamos mais de 500 anos de história. O Período Pré-Nattereriano, que se inicia no Descobrimento do Brasil, termina apenas três séculos depois, com a decadência das crônicas corográficas e anedóticas de interesse puramente econômico. O episódio político que o limita é a Abertura dos Portos às nações amigas (1808), por iniciativa de D.João. Graças a essa manobra política, ocorreu um grande afluxo de naturalistas ao Brasil, uma região quase que totalmente desconhecida da ciência por causa das restrições de acesso determinadas pela coroa portuguesa até então. Estava iniciado o Período de Natterer. Esse intervalo estendeu-se por quase um século, até que – em franco desenvolvimento cultural – o próprio Brasil resolveu ampliar seu acervo documental, agora favorecendo as viagens oficiais dentro do seu território e visando à guarda dos legados nas suas próprias instituições. Visitas de naturalistas estrangeiros ainda foram realizadas até muito tempo depois, tanto é que o próprio nome deste lapso temporal (Período de Chrostowski) refere-se a uma iniciativa deste tipo. Inaugurando este período, está João Leonardo Lima, naturalista viajante do então Museu Paulista que inicia, às portas do Século XX, o interesse científico pelo Paraná nas viagens para coleta de exemplares. Antes disso, o estado era considerado apenas como parte de rotas maiores, sem haver um interesse exclusivo por seus limites territoriais.

Esse intervalo se diferencia do subsequente (Período de Mayer) pelo fato de ter se iniciado um período domiciliado no Paraná, ou seja, pelo estabelecimento de mão-de-obra residente que aqui colhia espécimes que iriam ficar definitivamente no próprio território estadual. Uma das consequências disso foi especialmente o fortalecimento das instituições científicas locais, subsidiadas pelo acervo que pouco a pouco ia se avolumando.

A presente sequência aqui adotada não se sustentaria se os únicos critérios a serem adotados ficassem apenas confinados a nomes, datas e número de exemplares, associados e regiões que foram exploradas.

Assim, além do esforço em busca da inatingível tarefa de uma lista completa das aves que ocorrem no Paraná e dos vestígios históricos com ela envolvidos, procuramos incluir informações não tradicionalmente consideradas em pesquisa deste tipo. Era necessário confrontar as fontes, procedimento exigido em qualquer estudo histórico, levando-se em conta as múltiplas facetas dos interesses e obrigações aos quais estavam submetidos aqueles que fizeram os alicerces da Ornitologia paranaense.

Trata-se, sem dúvida, de um trabalho não infinito (como foi o desejo de vê-lo publicado), mas limitado por um horizonte no qual se vêem as letras quase indeléveis rabiscadas em rótulos de museu, em artigos e livros, científicos e de divulgação, adoçadas por alguns detalhes pessoais dos ilustres visitantes que aqui chegaram desde o Século XVI e que viram nas aves um interesse especial por conhecê-las ou simplesmente citá-las.

Muito há de ser feito ainda, com os mesmos propósitos. Além de naturalistas menos conhecidos, mas que visitaram, sob duras privações, os limites do Paraná, resta muito a ser descoberto. É quase certo, por exemplo, que coletores consagrados em outros campos da História Natural

devem ter contribuído com peles, em alguns casos em quantidade considerável, para o acervo de vários museus do Brasil e do mundo, alguns famosos, outros pouco conhecidos ou inativos. Diversas expedições – inclusive aquelas que contaram com a participação de um único coletor – deverão ter seu itinerário e legado investigado. E, por certo, a pesquisa não deve se restringir aos acervos de naturalistas que se dedicaram à Ornitologia, mas também àqueles que o fizeram secundariamente, enquanto obtiam preferencialmente os espécimes de outros grupos biológicos. Que dizer, por exemplo, dos sertanistas, bandeirantes e exploradores em geral e dos tantos flagrantes que tiveram oportunidade de captar, quando de suas viagens? E dos colonizadores europeus, tradicionalmente familiarizados com os seres vivos com os quais conviviam em seu novo lar, favorecendo a remessa de lotes esporádicos de espécimes para os museus de seus países? E, ainda, que adicionar daqueles outros naturalistas que anotaram simplistamente em seus manuscritos e rótulos, a indicação de "São Paulo" que, até o ano de 1853, abrigou toda a região que hoje é conhecida como Paraná?

Uma grande e importante missão futura, desta forma, compreenderá a busca mais detalhada e criteriosa pelos acervos de todo o mundo, especialmente os europeus, na procura por documentos e mesmo espécimes obtidos nessa região. As muitas nuanças de estudos deste tipo servem de estímulo para que tenhamos cada vez mais firme o propósito de continuá-lo. Esse resgate de documentos, de informações e de relatos que dentro de algumas décadas ficarão gradativamente menos acessíveis dos pesquisadores, é o principal objetivo desse trabalho, mais interessado em se configurar como uma provocação do que uma revisão, estilo esse que abunda em nossa literatura histórica e biológica.

O PERÍODO PRÉ-NATTERERIANO

“*...todos los más Halcones que allá hay y se pudiere enviar y de todas las aves que allá hay y se pudiere haber por que querríamos las ver todas...*”.

Da carta dos Reis Católicos a Colombo (1494), logo após o Descobrimento das Américas (*apud*. Teixeira & Papávero, 2006).

O extensíssimo intervalo de mais de três séculos passados entre o “Descobrimento” do Brasil e a Abertura dos Portos, constitui-se – para a Ornitologia paranaense – de um intervalo extremamente pobre e, quando muito, superficial. Para o Brasil, como um todo, o período foi relativamente produtivo, dividindo-se em três fases (Pinto, 1979), iniciadas como o ciclo dos cronistas e missionários, seguida pelo legado da ocupação holandesa no Nordeste e, por fim, pelas consequências da reforma da Universidade de Coimbra.

Apenas com relação ao montante documental resgatável atualmente, Nomura (1996a,b,c,d, 1997, 1998)

preparou uma vasta e bastante ilustrativa lista comentada das obras que mencionam, em alguma parte de seus conteúdos, animais ocorrentes no Brasil. Com base neste autor, foram pelo menos treze as obras publicadas sobre o assunto no Século XVI, quinze no Século XVII e 93 no Século XVIII e, se outros documentos mais raros e pouco acessíveis forem considerados (*cf.* Teixeira *et al*., 1999a,b; Papávero *et al*., 1999a,b, 2000), essa cifra sobe de maneira impressionante.

Aqui é forçoso lembrar que maior parte dos revisores brasileiros suportam-se em documentos portugueses, o que não condiz propriamente com a condição territorial observada, que oscilava com os tratados e acordos firmados e com as frequentes entradas em grandes áreas além-fronteiras. Praticamente intocadas estão muitas obras publicadas (e quem dirá documentos inéditos!) produzidos por espanhois, muitos deles totalmente ignorados em nossa História. Azara (1805) e seu revisor, por exemplo, menciona títulos como aqueles produzidos por Ruy Diaz de Gusmán, Acarete de Riscay, F.N. de Techo, N.Duran, Pierre F.X. de Charlevoix, D. Bernardo Ibañez de Echaveri, Martin Dobrizhoffer e alguns outros. Todos eles têm alguma relação, ao menos periférica, com o território brasileiro atual e, sem dúvida, pesquisas futuras debruçadas em seus conteúdo irão revelar informações de inestimável valor.

Tais citações, embora sejam de imenso interesse à historiografia nacional e de algumas regiões específicas, pouco se prestam ao conhecimento da fauna e, especialmente avifauna, da região sul do Brasil. Isso porque, os pontos habitados na época e passíveis de merecerem descrições pormenorizadas consistiam do eixo litorâneo entre os estados de Pernambuco e São Paulo, além do interior amazônico, incluindo o estado de Mato Grosso e alguns pontos do Nordeste, como o estado do Maranhão.

Assim, quase sempre o limite meridional de tais abordagens acabava sendo a cidade de São Vicente, no litoral paulista.

Desta forma, a exemplo de vários outros estados brasileiros (Pinto, 1979), as primeiras menções de aves para o Estado do Paraná, devem-se muito provavelmente a casos fugitivos de tais padrões geográficos, em que o Planalto Meridional Brasileiro acabava por ser visitado como parte de trajetos mais longos de viagens pela América do Sul. Trata-se de uma fase paupérrima do ponto de vista de aproveitamento científico, uma vez que informações sobre a avifauna paranaense puderam ser colhidas apenas com base em eventuais relatos cuja finalidade não era, propriamente, a de contribuir ao conhecimento biológico das regiões envolvidas.

Fica claro, assim, o pequeno privilégio dado ao Paraná pela visita e por narrativas desses cronistas, como a diversos outros estados do Brasil. Pode-se também afirmar que o pequeno material disponível, foi produzido tão-somente em decorrência do Caminho do Peabiru ter parte de seu trajeto em solo paranaense, o que forçava a passagem dos viajantes pelo interior do planalto, os quais invariavelmente rumavam ao Paraguai e mesmo às civilizações andinas e da costa do Oceano Pacífico.

Resumidamente se observa, nestes três longos séculos, um panorama visivelmente diferente daquele presenciado em outras regiões, como o Nordeste brasileiro, objeto de estudo de George Marcgrave e Wilhelm Pies (Teixeira, 1992) e a Amazônia de Alexandre Rodrigues Ferreira (Vanzolini, 1996), apenas a título de exemplos clássicos que geraram farta documentação sobre as espécies animais e vegetais daquelas regiões.

Muito depois dos europeus tomarem conhecimento superficial da natureza do Brasil, a Zoologia passou a experimentar um rápido avanço, graças à interação de

mecanismos para a aceleração do conhecimento de faunas (o que levou a uma conscientização zoogeográfica) e aperfeiçoamento dos métodos em sistemática, fato aplicável a todos os grupos animais (Vanzolini, 1996). Não é exagerado usar como exemplo que, a obra máxima da classificação dos seres vivos, de autoria do sueco Carl von Linné, haja surgido em meados do Século XVIII, época que coincide perfeitamente com esse período de transição, berço de uma Zoologia mais racional do que filosófica.

No caso particular do Paraná, os reflexos dessa revolução quase que passaram despercebidos e, com isso, os registros de espécies de aves, anteriores ao Século XIX, além de raros, consistiam de relatos pouco expressivos de algumas poucas viagens de exploração. Quando muito, as viagens que contemplavam o sul do Brasil restringiam-se a estadias de navios que empreendiam a circum-navegação do globo, emergencialmente autorizados a aportar no litoral catarinense (Nomura, 1998), particularmente em São Francisco do Sul ou na ilha de Santa Catarina, pontos de encontro das naus espanholas, quando em viagem para o sul (Maack, 1981). Em situações particulares apenas, e calcadas em um senso exagerado de territorialidade, expedições se formariam com o propósito de, aos poucos, ter completo domínio das colônias, culminando com uma penetração mais acentuada pelo interior do continente.

Nesse padrão incluem-se as famosas peregrinações de Cabeça de Vaca e de Ulrich Schmidel, que pretendiam subsidiar os limites definidos pelo Tratado de Tordesilhas e buscavam um caminho mais adequado para atingir o interior da América do Sul, particularmente o Paraguai e a Argentina, pelos planaltos do sul do Brasil.

Invariavelmente, tais viagens não possuiam caráter especificamente científico e voltavam-se a descrições de regiões desconhecidas, com vistas a esboços de colonização

e mesmo busca por minerais preciosos e tesouros. Quando muito, adicionavam-se informações sobre animais mais conspícuos ou que chamassem atenção pelo porte ou valor cinegético e, no caso do Paraná, sem localizações geográficas mais precisas que lhes conferissem ao menos o valor histórico.

Passada a primeira febre de crônicas descritivas do novo continente, com as fronteiras sendo aos poucos definidas e protegidas, Portugal passou a manifestar um interesse muito maior pela Colônia, sabidamente riquíssima em matérias-primas vegetais e, especialmente, ouro e minerais preciosos. Com isso, o Brasil começa a ter seus limites vigiados e protegidos com um rigor sem igual, com o objetivo de resguardar as riquezas que movimentariam, por vários séculos, toda a economia da Coroa Portuguesa.

Organizavam-se, então, as diversas expedições exploratórias, originalmente visando à proteção das fronteiras e ampliação do território mediante a filosofia do *uti possidetis* mas, também determinando a captura de indígenas e o reconhecimento de jazidas de interesse geológico. Decorrência dessa política, aqui estiveram bandeirantes e exploradores como Aleixo Garcia (em 1524), Jorge Correia (em 1549), Manoel Soeiro (em 1585), Jerônimo Leitão (em 1585), Nicolau Barreto (em 1597) e Raposo Tavares com Manoel Preto (em 1628) (PARANÁ, 1978; Straube & Scherer-Neto, 2001; Straube, 2005). Desses, com exceção de raras menções, esparsas e praticamente inidentificáveis, de espécies - quase sempre sem a devida localização - nada se aproveita positivamente, ao menos com base no material bibliocartográfico que tivemos em mãos.

No ano de 1772, pela direta intervenção do Marquês de Pombal, ocorre a Reforma da Universidade de Coimbra. A entidade, que estivera estagnada por séculos, passava a

transformar-se, pouco a pouco, em um centro importante da intelectualidade europeia. A Coroa, então, contrata diversos pesquisadores de outros países e institui uma nova filosofia para a instituição, que começava a andar no mesmo passo dos outros centros científicos do continente e promover o desenvolvimento das pesquisas e o avanço do conhecimento. Graças a esse episódio, animais e plantas brasileiros passaram a fazer parte dos interesses oficiais, agora também científicos, e não somente restritos ao campo da economia. Com isso foram empreendidas expedições, todas muito bem organizadas, com a finalidade de se iniciar a coleta sistematizada de informações sobre a Colônia, por meio do Jardim Botânico da Ajuda, Universidade de Coimbra e da Academia de Ciências de Lisboa (Pataca, 2006).

Não à toa, os governadores e donatários de capitanias passaram a emitir ordens para que seu subordinados se empenhassem em coletar animais vivos e mortos, bem como diversos objetos e itens da História Natural a fim de remetê-los para Portugal. Naturalmente que, do material físico dessas remessas, pouco se preservou, em decorrência dos métodos primitivos de conservação e, via de regra, do intuito no qual eram obtidos. Ainda que toda essa documentação tenha se perdido, muitas das leis e determinações contemporâneas acabaram por gerar informações de grande interesse para a História da Ornitologia paranaense visto que, neste longo período de vazio de informações documentais, elas aparecem como fontes únicas de relato sobre algumas espécies.

No interior do Paraná prosseguia o temor com relação aos índios bravios e perigosos que residiam dispersos pelo planalto. Cabe lembrar que esse também foi um dos motivos para que tudo o que se sabia do Estado, se mantivesse por séculos concentrado na porção litorânea e no planalto de Curitiba.

Cabe aqui uma explicação referente às datas que servirão de marcos divisórios para cada um dos períodos abordados na obra. Este primeiro volume acabou se alargando até o ano de 1819, vinculando toda a informação acumulada antes da (leia-se, “dos reflexos da”) Abertura dos Portos, mesmo que incluindo mais onze anos sucedâneos. Autores, desse intervalo – todos eles – produziram suas obras e suas menções sob um panorama muito distinto daquele observado pelo advento formalizado por D.João, quando o Brasil passara efetivamente a ser foco das atenções do mundo científico.

Cronologia

1492 Sob financiamento dos reis Fernando e Isabel de Castela, Cristoforo Colombo torna-se o primeiro europeu a pisar oficialmente na América, imaginando inicialmente que teria chegado às Índias, conclusão depois corrigida pessoalmente por Américo Vespucci.

1492 Nasce ALVAR NUÑEZ CABEÇA DE VACA.

1493 O papa Alexandre VI oficializa a bula *Inter Caetera*, tratando a divisão das terras recém-descobertas na América. O documento consignou como pertencente à Coroa Espanhola (Reino da Castela e Aragão) todo o trecho situado a 100 léguas a oeste e sul a partir das ilhas de Açores e Cabo Verde.

1494 Tratado de Tordesilhas entre Portugal (D.João) e Castela (atual parte do território da Espanha) (D.Fernando). Ao primeiro reino caberiam as terras descobertas e a descobrir que se situassem a oeste de uma linha imaginária de 370 léguas (cerca de 1770 km) a partir da ilha de Cabo Verde. Ao reino de Castela pertenceriam todo o restante do chamado “Novo

Mundo”.

1500 O espanhol Vicente Yanez Pinzón, que integrou a armada de Colombo no descobrimento da América, chega à costa do Ceará (janeiro) e segue pelo litoral brasileiro até a foz do rio Amazonas, de onde descreve o primeiro animal genuinamente brasileiro, um gambá (*Didelphis*).

1500 A frota de Pedro Álvares Cabral aporta no litoral brasileiro (abril), em episódio considerado “oficialmente” como o Descobrimento do Brasil. De longe avistam o Monte Pascoal e denominam o lugar de Ilha de Santa Cruz, depois alterado para Terra de Santa Cruz.

1500 Na atual cidade de Porto Seguro (Bahia), Pero Vaz de Caminha escreve a “**Carta a El Rei D. Manuel**” (encontrada apenas em 1766), onde aparece a primeira menção a uma espécie de ave para o País (fura-bucho: *Puffinus puffinus*). Além deste famoso documento, há outros quatro também aproveitáveis para a Ornitologia: “Relato do Piloto Anônimo” (de publicação ainda mais recuada: 1507) e mais três cartas de diplomatas ou mercadores italianos.

1501 Primeira expedição exploradora portuguesa, sob o comando de Gaspar de Lemos, entre a Baía de Todos os Santos e São Vicente. Gaspar foi um dos integrantes da expedição de Cabral, sendo designado para levar a Carta de Caminha para D.Manuel e voltando, no ano seguinte, para explorar o litoral brasileiro, agora na companhia de Américo Vespúcio.

1503 O comerciante e empreendedor judeu convertido ao catolicismo Fernando (ou Fernão) de Noronha obtém autorização para exploração comercial do pau-brasil. Em uma única viagem, realizada em 1511, carregou mais de cinco mil toras da árvore, além de animais “exóticos” e escravos.

1506 D.Manoel obtém, do papa Júlio II, uma bula vigorando o Tratado de Tordesilhas e reconhecendo as terra descobertas por Cabral.

1510 Nasce ULRICH SCHMIDEL.

1519 Inicia-se a primeira viagem de circum-navegação do globo por Fernão de Magalhães, com cinco navios e uma tripulação de cerca de 240 homens. No grupo estava Antônio Pigafetta, escritor italiano que produziu as crônicas da viagem ("***Relazione del Primo Viaggio Intorno Al Mondo***" 1522), inserindo inúmeros detalhes fantasiosos sobre animais do Novo Mundo. Tendo Fernão sido morto em combate nas Filipinas, o comando da expedição é transferido para Juan Sebastián Alcano, que a conclui em 1522.

1524 Aleixo Garcia cruza o Paraná, proveniente da costa catarinense, passando pelos rios Tibagi e Ivaí e rumando ao Peru em busca das alegadas montanhas de prata e do poderoso rei branco dos Incas. Ao retornar, após haver saqueado grandes quantidades de ouro e prata, foi surpreendido por um grupo de índios paiaguás que o mataram no ano seguinte. Trechos semelhantes de seu itinerário foram percorridos por Martim Afonso de Souza, Cabeça de Vaca e Ulrich Schmidel. Os sobreviventes da expedição de Garcia foram encontrados em 1526 por Sebastião Caboto no Uruguai, e visto portarem muita prata, acabaram contribuindo com o nome do rio, bem como da Argentina (*argentum* = prata, em latim).

1525 Nascimento de HANS STADEN.

1529 Assinatura da Escritura de Saragoça, pelos reis de Portugal (D.João) e de Castela (D.Carlos), uma relação comercial de venda de território.

1530 Inicia-se a expedição colonizadora de Martim Afonso de Souza pela costa brasileira, entre o Nordeste e a foz do Rio da Prata, para a qual constaram quatro naus e cerca de 400 homens.

1531 Pero Lopes de Souza, irmão de Martim Afonso de Souza que com ele chegou em 1530, sobe o Rio Paraná e toma posse dos

rios em nome do rei de Portugal.

1532 Ocupação, durante o reinado de D.João III, do território colonial português com base no Tratado de Tordesilhas e estabelecimento das 14 capitanias, desde o Maranhão até Santa Catarina.

1532 Fundação da primeira vila fundada por portugueses nas Américas: São Vicente, no litoral paulista.

1533 Joseph de Anchieta inicia a redação de cartas, onde relata a presença de muitas espécies de animais e plantas e, desta forma, sedimentando o seu papel de observador e cronista, atividade exercida até 1597.

1534 Donatários assumem as capitanias, sendo a porção atualmente correspondente ao estado do Paraná pertencendo às capitanias de São Vicente (até 12 léguas ao sul de Cananéia), sob administração de Martim Afonso de Souza e de Santo Amaro (dali até as terras de Santa Ana, em Santa Catarina), administradas por Pero Lopes de Souza.

1535 Fundação de Olinda, então sede da Capitania de Pernambuco, por Duarte Coelho.

1541 Conrad Gessner publica um dos primeiros livros sobre Botânica, a enciclopédia "***Historia Plantarum***".

1541 O explorador espanhol ALVAR NÚÑEZ CABEÇA DE VACA chega ao Paraná, cruzando-o de leste a oeste, a partir do litoral catarinense, até o ano seguinte, quando atinge as Cataratas do Iguaçu.

1541 a 1542

CABEÇA DE VACA

ALVAR NÚÑEZ CABEÇA DE VACA[3] (n. Jerez de la Frontera, Espanha: *circa* 1490; f. Sevilha, Espanha: *circa* 1560) foi um famoso conquistador espanhol, oriundo de aristocrática família espanhola e nomeado governador (*adelantado*) da colônia do Rio da Prata[4] em 1537. Seu curioso sobrenome teria surgido no Século XIII, quando um membro da família indicou, a um exército de cristãos (em guerra contra os mouros), uma passagem secreta pelas montanhas da região, por meio de uma cabeça (crânio) de vaca. Oficialmente seu sobrenome era "de Vera", tal como seu avô Pedro de Vera, que foi um dos conquistadores das Ilhas Canárias.

Cabeça de Vaca ficou mundialmente conhecido pela malograda e fatídica expedição que fez ao sul dos EUA, Cuba e nordeste do México entre 1527 e 1537 de onde, inclusive, trouxe material para suas obras: "*La relación*"[5]

---

[3] Ao contrário do assumido em versão anterior (Straube & Scherer-Neto, 2001), passamos a preferir a grafia Cabeça (não *Cabeza*) de Vaca, com base na autoria expressa na capa de sua obra "*Comentarios*". Essa posição fica ainda mais clara – e enfatizada – no Capítulo 37 (Cabeça de Vaca, 1555): "*...Y porque es asi la verdad como arriba en esa relacion digolo firme de mi nombre Cabeça de Vaca...*" (*vide* Straube, 2008a).

[4] Segundo Soares (2001), a área de jurisdição da chamada colônia do Rio da Prata era imensa, compreendendo grande parte da América do Sul a oeste do Tratado de Tordesilhas, incluindo territórios atualmente no sul da Venezuela (Linha do Equador) e toda a zona cisandina até o centro da Argentina, incluindo pelo menos 2/3 do Brasil.

[5] "*La relacion que dio Alvar nuñez cabeça de vaca de lo acaescido en las Indias en la armada donde yua por governador Panphilo de Narbaez desde el año de veynte y siete hasta el año de treynta y seys quo bolvio a Sevilla con tres de su compañia*"

(1542) e "*Naufragios*"[6] (1592) (Theodoro, 1996). De sua viagem pela América do Sul (1540-1545), surgiram os chamados "*Comentarios...*" que aparecem originalmente (1555) como um anexo da versão revisada de seu primeiro livro, agora com novo título: "*La relacion y comentarios del governador Alvar nuñez cabeça de vaca, de lo acaescido en las dos jornadas que hizo a las Indias*". Essa obra, porém, teria sido redigida por seu escrivão, Pero Hernandez, que o acompanhou na expedição ao Prata (Soares, 2001).

O legado de Cabeça de Vaca ficou tão conhecido como fonte historiográfica[7], que acabou sendo reeditado em várias centenas de versões, em diversas línguas. Só em inglês, estima-se pelo menos 16 edições apenas do livro "*La Relación*" entre 1625 e 2003 (TSU, 2008). Suas crônicas têm sido consideradas fontes importantes para a antropologia, arqueologia, etnografia e contêm, obviamente, um respeitável valor literário (TSU, 2008). Não obstante, o contemporâneo Ulrich Schmidel o criticou severamente, assim como o famoso naturalista Felix de Azara, alegando que algumas informações por ele apresentadas no "*Comentarios*" seriam fantasiosas (Soares, 2001).

Para sua viagem a Assunção, chegou ao Brasil primeiramente em Cananeia (São Paulo), depois na ilha de São Francisco (Santa Catarina) e, enfim, a 29 de março de 1541, atingiu a Ilha de Santa Catarina ("*Yuru mirim*", segundo Nowell, 1946) de onde teria iniciado a peregrinação por terra.

---

[6] "*Navragios De Álvar Núñez Cabeza de Vaca, y Relación De La Jornada que hizo a la Florida con el Adelantado Pánfilo de Narváez. Vol 1. Historiadores primitivos de las Indias Occidentales, que junto, traduxo en parte y sacó a luz, ilustrados con eruditas Notas y copiosos Indices, el Ilustríssimo Señor D. Andrés González Barcia*".

[7] Há poucos anos atrás, Markun (2009) publicou uma tentativa de revisão histórica da sua vida e legado, acompanhada de revisão sobre suas viagens, mediante documentos até então desconhecidos ou pouco explorados. Essa obra, de grande interesse literário falha na carência às origens das informações, o que faz o leitor suspeitar sobre algumas afirmações, nem sempre associadas às respectivas fontes.

Já desde a Espanha, teria recrutado 400 soldados, distribuídos em duas naus e duas caravelas as quais, além de toda a carga, ainda carregavam quase 50 cavalos; deste efetivo apenas uma parte, ainda assim impressionante (250 homens e 26 cavalos), percorreu o trecho previsto (Maack, 1981).

É no mínimo instigante imaginar a situação de quase três centenas de soldados, fortemente armados, alguns deles montados, atravessando milhares de quilômetros de mata primitiva entremeada por campos, bem como rios, serras e outros acidentes geográficos. Ainda mais interessante é supor as duras privações pelas quais passaram, às portas do Século XVI, ao cumprir um trajeto que ia do litoral de Santa Catarina até a região de Assunção (Paraguai)!

Cabe lembrar também, que o Paraná daquela época, era densamente habitado por indígenas, em especial Caingangues e Guaranis, somando uma população superior a 200 mil habitantes (Corrêa & Koch, 2007). Apesar dos relatos de canibalismo, endossados pelo próprio Cabeça de Vaca, a expedição foi invariavelmente bem recebida pelos nativos, tal como se observa em várias passagens.

No Paraná (onde esteve entre 1541-1542) ele é lembrado como o "descobridor" das Cataratas do Iguaçu mas – de fato – os detalhes de sua passagem pelo Estado são pouco conhecidos ou suspeitos de exageros, em decorrência das múltiplas traduções, interpretações e da impressionante disseminação de suas obras (Barbosa & Santos, 2007); e, naturalmente, das discordâncias geográficas acerca de seu itinerário[8]. Segundo Nowell (1946), o primeiro europeu a chegar ali teria sido Aleixo Garcia, conforme se depreende

---

[8] É até curioso que não se tenha aprofundado com a acurácia necessária no itinerário de Cabeça de Vaca, uma vez que as informações sobre sua estada sulamericana foram utilizadas em questões diplomáticas importantes relacionadas a alguns territórios de litígio entre Brasil, Paraguai e Argentina (Nowell, 1946).

de vários manuscritos, correspondências e de interpretações de percursos.





Alvar Nuñez Cabeça de Vaca (esquerda; fonte: http://en.wikipedia.org; acessada em 18 de junho de 2008) e frontispício do livro *"La relacion y comentarios del governador Alvar Nuñez Cabeça de Vaca de lo acaescido en las dos jornadas que hizo a las Indias"* de 1555. (direita; Fonte: Facsimilar online em http://www.library.txstate.edu/swwc/cdv/, acessada em 12 de dezembro de 2006).

Com relação às Cataratas, assim Cabeça de Vaca (1922:182-183) descreve o episódio :

> *"E yendo por el dicho rio de Iguazu abajo era la corriente de el tan grande, que corrian las canoas por el con mucha furia; y esto caudaloso que muy cerca de donde se embarcó da el rio un salto por unas penas abajo muy altas, y da el agua en lo bajo de la tierra tan grande golpe, que de muy lejos se oye; y la espuma del agua, como cae con tanta fuerza, sube en alto*

> *dos lanzas y mas, por manera que fue necesario salir de las canoas y sacallas del agua y llevarlas por tierra hasta pasar el salto, y a fuerza de brazos las llevaron mas de media legua, en que se pasaron muy grandes trabajos*".

Pouco que se sabe sobre o restante de seu itinerário no sul do Brasil é que, a caminho de Assunção (para onde se dirigiu a fim de assumir o cargo para o qual fôra nomeado), atravessou o Paraná de leste a oeste em apenas dois anos (1541-1542) e a ele se tem atribuído registros de animais no impreciso topônimo "S.Catarina-Paraná" (Feio, 1953).

Uma avaliação prévia indica que todos eles devem ser remetidos, com certa atenção, ao último estado, já que sua passagem por Santa Catarina restringiu-se à porção serrana e litorânea do nordeste de Santa Catarina (Maack, 1968 *contra* Nomura, 1996a).

De fato, a expedição de Cabeça de Vaca baseou seu percurso em caminhos de índios pré-colombianos; um destes trajetos vinha do Rio Itapocu e Baía de São Francisco, percorria a faixa litorânea de Santa Catarina através das matas úmidas e levava em direção noroeste ao atuais Campos Gerais, no planalto paranaense (Maack, 1981).

Uma sugestão de itinerário é oferecida por Noelli & Mota (1999):

> *"Subiram a Serra do Mar, alcançaram o rio Negro (na altura de Rio Negrinho - SC ?) e desceram até a sua desembocadura no rio Iguaçu. Para contornar o território dos Kaingang tiveram de subir o Iguaçu e, a certa altura (Palmeira?), por terra, se dirigiram ao rio Tibagi, seguindo seu curso. Nas proximidades da foz do Iapó,*

atual cidade de Tibagi, a expedição dirigiu-se para leste até chegar ao rio Ivaí e, a seguir, rumando ao sul, passou pelo rio Piquiri até alcançar o rio Iguaçu, a poucos quilômetros de sua foz. Dali seguiram até Assunção."

Essa avaliação contrasta grandemente com o curioso itinerário apresentado em uma edição de 1922 dos "*Comentarios*". Também discorda, em parte, da opinião de Reinhard Maack (1968, 1981) que assume a visita do expedicionário à localidade de Tindiquera, atualmente no município de Araucária (Região Metropolitana de Curitiba) e consideravelmente distante do ponto indicado por Noelli & Motta (1999)[9]. Deste ponto, atingido em 1° de dezembro de 1541, Cabeça de Vaca teria seguido a *Atigatyba*, no curso superior do Rio Tibagi (cujas características descreve com alguns detalhes), perto de onde hoje está a cidade de Ponta Grossa e dali chegado ao Caminho do Peabiru, pelo qual seguiu ao longo do vale do Ivaí e, depois, rumando ao Rio Iguaçu[10].

Esse percurso traz questões importantes para reflexão. Se Cabeça de Vaca pretendia chegar ao rio Paraná,

---

[9] Essa parte do itinerário sugerido por Noelli & Motta (1999) parece pouco provável, em virtude da foz do Rio Negro encontrar-se bastante a oeste, na divisa entre os estados de Paraná (município de São Mateus do Sul) e Santa Catarina (município de Canoinhas). Isso exigiria quase que um retorno, a nordeste, para chegar à Serra de São Luiz do Purunã. A opinião de Maack (1968), nesse sentido, parece mais coerente e condiz com o padrão de direção utilizado, por vários séculos depois, para atingir a foz do Rio Iapó, desde as nascentes do Rio Tibagi. Dali para o Rio Ivaí, o trajeto deveria seguir fielmente a demanda oeste, chegando aproximadamente onde hoje está a cidade de Cândido de Abreu.

[10] Se Cabeça de Vaca efetivamente seguiu por este caminho, provavelmente não passou por um dos locais atribuídos ao Peabiru, a foz do rio Goiobang (entre os municípios de Ubiratã e Campina da Lagoa, no médio rio Piquiri a cerca de 50 km a nordeste de Cascavel), onde resquícios do antigo percurso foram localizados na década de 70 (Chmyz & Sauner, 1971). Ocorre que, das nascentes do Rio Cantu, tomou um ramal para sul, transpondo o Rio Piquiri e chegando ao Rio Iguaçu, aproximadamente na foz do Rio Cotegipe.

partindo do leste paranaense, porque não optou por acompanhar o curso do rio Iguaçu, um de seus mais importantes afluentes e que lhe proporcionaria trajeto certo e muito mais curto? O que parece incontestável é que o viajante contava com guias índios arregimentados das dezenas de aldeias que visitou. Nesse sentido, o Caminho do Peabiru, que levava por uma distância consideravelmente maior, porém exata e utilizada tradicionalmente pelos íncolas, seria a opção mais segura, inclusive evitando o contacto com alguns grupos indígenas que poderiam ser encontrados no caminho.

Itinerário (aparentemente errôneo) da expedição de Cabeça de Vaca, segundo a edição de 1922 do "*Comentarios*" , discordante da opinião da grande maioria dos autores.

Desde o Século XVI era conhecida a hostilidade dos índios que ocupavam o vale do Rio Iguaçu, o quais chegaram a dizimar uma expedição enviada por Martim Afonso de Souza (episódio claramente citado por Cabeça de Vaca, 1922). Essa condição de insegurança, estendeu-se até mesmo às primeiras décadas do Século XIX quando os famosos representantes macrojês – leia-se caingangues – do planalto (camés, votorões e dorins) foram, enfim, "pacificados" por iniciativa de Diogo Pinto de Azevedo Portugal (Macedo, 1951). Lembramos, ainda, que uma das primeiras expedições tidas como bem-sucedidas entre a cidade de Guarapuava e a foz do Rio Iguaçu é datada apenas de 1848 (Léllis da Silva, 1865).

Esse dito "Caminho do Peabiru" (chamado de "Caminho de São Tomé", pelos jesuítas) nada mais era do que várias picadas e ramais abertas pelos indígenas e pelos exploradores, que se conectavam entre si mas que, por regra, visavam a conexão do litoral catarinense com as regiões civilizadas nos Andes peruanos e o Oceano Pacífico (Moreira, 1975). Antes de Cabeça de Vaca, o explorador português Aleixo Garcia também teria percorrido em 1524 – ao menos em parte – este extenso trajeto, o que confirmaria sobremaneira o interesse europeu pelas reservas de ouro e prata da civilização incaica (Nowell, 1946).

De qualquer forma, todos os autores são unânimes: "*A expedição da Cabeça de Vaca representa o primeiro reconhecimento, em grande estilo, do interior paranaense, e com ela ficou aberto o caminho aos europeus para o centro do continente*" (Maack, 1968, 1981).

Para a Ornitologia, por sua vez, pouco pôde ser aproveitado [11]. Isso fica ainda mais evidente se

[11] É interessante a frase de Francis Bacon, transcrita e interpretada por Theodoro (1996): " '*É estranho que nas viagens por mar, onde não há nada para ver além do céu e do mar, os*

considerarmos que há apenas algumas poucas espécies citadas, quase sem nenhuma indicação pertinente que facilite as suas identificações. Além das citações clássicas de "codornas", "perdizes" e "patos", uma menção se destaca em particular: "avestruz", evidente alusão à ema (*Rhea americana*). Embora tenhamos admitido implicitamente (Scherer-Neto & Straube, 2001) que essa última espécie teria sido citada para o Paraná, a indicação deve ser associada a outras regiões visitadas pela expedição, como – por exemplo – o centro do Paraguai (região de Caaguazu, segundo o Capítulo 20 de Cabeça de Vaca, 1922:205), setor biogeográfico onde essa espécie é realmente encontradiça. Isso pode, inclusive, ser facilmente confirmado no confronto com o roteiro de apresentação do *Comentarios*, em sequência mais ou menos organizada de acordo com a cronologia de viagem.

É possível que alguns grupos indígenas tivessem emas em cativeiro, particularmente para servirem com fornecedoras de penas para enfeites, como relatado por Jean de Léry, cronista quinhentista de grande confiabilidade. Porém, como bem elucidado por Sick (1997), tais aves devem ter aparecido como resultado de comércio entre as várias tribos e não como presença autóctone, visto que a ocorrência destas espécies em vários lugares (p.ex. Baía de Guanabara) é totalmente inesperada.

As poucas informações ornitológicas autenticamente paranaenses do *Comentarios* aparecem repetitivamente como descrições de habitações indígenas: "*...crían gallinas a la manera de nuestra España, y patos; tienen en sus casas*

homens façam diários, mas nas viagens por terra, onde há tanto que observar em sua maior parte os omitem'. Portanto o descobridor é um homem que prefere o sonho à realidade; e o viajante romântico é aquele que prefere o sonho europeu de uma natureza ordenada e controlada à realidade úmida americana. A estufa natural não supera a beleza das estufas metálicas".

muchos papagayos". No Rio Iguaçu, ao descrever os índios, adiciona (Cabeça de Vaca, 1922; 1995):

> "*...En la ribera del cual, según la relación hobieron de los naturales y por lo que vio por vista de ojos, esta muy poblado, y es la mas rica gente de toda aquella tierra y provincia, de labrar y criar, porque crian muchas gallinas, patos y otras aves, y tienen mucha caza de puercos y venados, y dantas y perdices, codornices y faisanes, y tienen en el rio gran pesqueria...*" .

E logo após ultrapassar as Cataratas do Iguaçu, chegando à margem do Rio Paraná, informa sobre o *"...gran numero de indios de la misma generación de los guaranies, todos muy emplumados con plumas de papagayos..."* (Cabeça de Vaca, 1922).

Tais citações, embora anedóticas, confirmam a reconhecida ligação dos indígenas com xerimbabos, em particular galiformes e psitacídeos, tal como noticiado em tantas e tantas passagens da história do Brasil.

Com base na compleição corpórea, parece tentador relacionar as galinhas com jacus (*Penelope*) e os faisões com urus (*Odontophorus capueira*), como sugerido por alguns autores (por exemplo, Sick, 1997 acerca da expedição Ulrich Schmidel), mas tudo isso não passa de especulação, visto a inexistência de uma descrição mais detalhada das observações.

Cabe lembrar que as galinhas (*Gallus gallus*) foram trazidas para o Brasil pelos espanhóis e/ou portugueses no início do Século XVI, obtendo extraordinária difusão entre os aborígines por meio de extensas rotas comerciais (Gilmore, 1987). Desta forma, as "*gallinas*" criadas à

mesma maneira com que se faz na Espanha, poderiam mesmo se tratar da popular espécie comercial, ainda que cause surpresa a quantidade com que são mencionadas na obra do explorador espanhol.

Ocorre que, de acordo com datações recentes, concluiu-se que galinhas eram criadas na costa oeste da América do Sul desde o Período Pré-Colombiano, sendo que a variedade criada no Chile (araucana) tem afinidade com um estoque pré-histórico da Polinésia (Storey *et al*., 2007). Considerando o comércio intercontinental de xerimbabos movido na época, a presença dessas aves de criação no Paraná pode ser ainda mais antiga do que se supõe e vem, inclusive a concordar com a representatividade numérica e geográfica informada.

Com relação às perdizes e codornizes, a questão recai sobre a antiga polêmica ligada à denominação de espécies neotropicais com nomes de aves semelhantes na Europa (*vide* Ihering, 1921; Straube, 2007), o que gerou denominações inadequadas como codorna, perdiz, corvo, melro e várias outras de grande disseminação atual. Assim, considerá-las como pertencentes, respectivamente, às espécies *Rhynchotus rufescens* (perdiz) e *Nothura maculosa* (codorna) apenas pelo epíteto mencionado parece igualmente precipitado.

Ocorre que, recém-descoberto o continente, não existiam nomes populares para essas espécies, recebendo, então, denominações aproximadas de acordo com a semelhança com as que eram conhecidas na Espanha (*cf*. Hendricks, 1953). Em alguns casos, ainda, essa semelhança é completamente estranha contemporaneamente; é o caso, por exemplo, dos "gatos" citados por Cabeça de Vaca, mas que não passam senão de bugios (*Alouatta guariba*)[12].

[12] Segundo a edição de 1922 (p.173): *"...y muchas veses acontesce que los puercos monteses están aguardando que los monos derriben las piñas, y cuando las tienen*

Apesar destas dúvidas, parece clara apenas a identidade dos patos (*Cairina moschata*), espécie domesticada em toda a América do Sul e em vários outros locais do mundo. Segundo consta, os índios paraguaios criavam essas aves e as galinhas, além da alimentação, com um propósito de controle biológico[13]:

> *"...que habia llegado a una tierra de una generacion de indios labradores y criadores de gallinas y patos, los quales crían estos indios para defenderse con ellos de la importunidad y daño que les hacen los grillos, porque cuantas mantas tienem se la roen y comen; críanse esos grillos en la paja con que están cubiertas sus casas, y para guardar sus ropas tienem muchas tinajas, en las cuales meten sus mantas y cueros dentro, y tápanlas con unos tapaderos de barro, y de esta manera defienden sus ropas, porque de la cumbre de las casas caen muchos de ellos a buscar qué roer, y entonces dan los patos en ellos con tanta priesa, que se los comen todos; y esto hacen dos o tres veces cada dia que ellos salen a comer...".*

Um pouco mais especulativo seria considerar os papagaios como pertencentes à espécie *Amazona vinacea*, que é o único representante do gênero a ocorrer regular e espontaneamente nos planaltos frios do sul do Brasil. Por outro lado, a menção poderia se referir igualmente à baitaca

---

derribadas, al tiempo que abajan los monos de los pinos a comellos salen los puercos contra ellos, y quitanselas, y cómense los piñones, y mientras los puercos comian, los ***gatos*** *estaban dando grandes gritos sobre las árboles*"

[13] Em seu "Zoologia fantástica do Brasil", Taunay (1934) destaca jocosamente que esse caso ocorreria no Brasil (visto o título de sua obra), o que não corresponde com a cronologia da narrativa (Rio Paraguai, perto de Assunção).

(*Pionus maximiliani*), pouco menor do que a anterior, mas com aparência realmente semelhante e ocasionalmente confundida pelo leigo.

Outro detalhe, aliás repetido em inúmeras crônicas subsequentes sobre o interior paranaense, é a escassez de animais que pudessem servir como alimentação para os membros da expedição. A raridade de animais de grande porte foi lembrada por vários viajantes que atravessaram os campos gerais do Paraná e Cabeça de Vaca não foi exceção. Apenas ao adentrar as matas estacionais do oeste é que a abundância voltava a ser notada: *"...y tierra de mucha caza*" (referindo-se à região do Rio Piquiri). Na maior parte da caminhada pelo interior do Paraná, contudo, a fome mais das vezes era saciada com larvas de insetos (coleópteros, localmente conhecidos como corós) que criavam no colmo oco das taquaras (Cabeça de Vaca, 1922:176).

Cronologia

1544	William Turner ocupa-se da análise das aves mencionadas nas obras de Aristóteles e Plínio, o velho, no "***Avium praecipuarum, quarum apud Plinium et Aristotelem mentio est, brevis et succincta historia***".
1548	Primeira leva de escravos africanos chega ao Brasil em expedição de Martim Afonso de Souza.
1548	Estabelece-se o Primeiro Governo-Geral do Brasil (até 1553), tendo por governador Tomé de Sousa, prestigiado em Portugal e com título de fidalgo. Ao Brasil chegou em comitiva de seis embarcações e mais de mil pessoas, para dar novo rumo político na colônia, cujo sistema de capitanias hereditárias pouco havia prosperado. Junto a ele, chegou o padre Manuel

	da Nóbrega, liderando o primeiro grupo de jesuítas que chegaram ao País.
1548	Primeira visita de HANS STADEN ao Brasil, pela costa de Pernambuco, em embarcação que visava à busca de pau-brasil, mas também o combate a naus francesas que porventura estivessem mantendo negociações com os nativos e a remessa de degredados.
1549	Fundação de Salvador por Tomé de Sousa, em um local já habitado desde 1510 e agora planejado para ser uma cidade-fortaleza.
1550	HANS STADEN chega ao litoral do Paraná, escapando de um naufrágio, na região do Superagui.

1550

HANS STADEN

O artilheiro (ou "arcabuzeiro" para alguns) alemão **HANS STADEN** (n. Homberg, Alemanha: *circa* 1525; f. Wolfhagen, Alemanha: *circa* 1580) é um dos personagens mais celebrados na história da região sudeste e sul brasileira, sendo objeto de inúmeras investigações históricas, sociológicas e mesmo ligadas à história natural[14]. Pouco se sabe sobre sua vida, além de que, em seus últimos dias de vida, subsistia do fabrico e venda de pólvora (Nomura, 1996).

Esteve duas vezes no Brasil, sendo a primeira delas (entre janeiro e setembro de 1548) com destino à costa de Pernambuco na armada de Diogo de Sanabria, para onde veio a fim de buscar um carregamento de pau-brasil, mas também para coibir o comércio de navios franceses com nativos e transportar um grupo de exilados portugueses para povoar a colônia. Ao chegar, auxiliou Duarte Coelho, então governador da capitania, no sufocamento de uma revolta indígena, quando visitou o litoral do estado (colônias de Igaraçu e Olinda).

Sua segunda viagem, a partir de Lisboa e Ilhas São Tomé, o fez chegar ao litoral Sudeste e Sul brasileiro,

---

[14] Há um longa-metragem (35 mm, colorido) denominado "Hans Staden", produzido pela Lapfilme do Brasil em 1999 e dirigido por Luiz Alberto Pereira. O filme narra a saga do alemão no litoral do Brasil, inclusive com diálogos em tupi antigo. Uma variação curiosa da saga de Staden aparece, ainda, em 1927. Trata-se da obra infanto-juvenil "As aventuras de Hans Staden", de Monteiro Lobato.

permitindo-o visitar por quase cinco anos (entre abril de 1550 e fevereiro de 1555) a Ilha de Santa Catarina, a Baía de Paranaguá e quase todo o litoral do estado de São Paulo (São Vicente, Bertioga, São Sebastião, Ubatuba), além do Rio de Janeiro. Ambas as viagens renderam-lhe a publicação do clássico "DUAS VIAGENS AO BRASIL" (também "Hans Staden, suas viagens e captiveiro entre os selvagens do Brazil")[15], lançado em 1557 e com várias edições para inúmeras línguas (alemão gótico e moderno, latim, francês, neerlandês, inglês, português e várias outras)[16]. A primeira tradução para o português (1892) deve-se a Tristão de Alencar Araripe e, posteriormente, outros estudiosos (alguns deles com inclinações à História Natural) realizaram outras versões comentadas, com intervenções de Alberto Löfgren, Teodoro Sampaio, Monteiro Lobato e Mário de Guimarães Ferri (*apud*. Francisco de A.C. Franco, na Introdução da edição de 1974).

Essa obra é considerada fundamental para o conhecimento etnológico, linguístico e social dos tupinambás (Fernandes, 1963), dos quais foi prisioneiro por 10 meses em Ubatuba na aldeia do cacique Cunhambebe, alguns anos após seu naufrágio na costa paulista (São Vicente)[17]. Além disso, foi a base para todo o imaginário europeu contemporâneo sobre os índios brasileiros, em

---

[15] Originalmente "*Warhaftige Historia und beschreibung eyner Landtschafft der wilden nacketen grimmigen Menschfresser Leuthen in der Newenwelt America gelegen, vor und nach Christi geburt im Land zü Hessen unbekant, biss uff diese ij, nechst vergangene jar, Da sie Hans Staden von Homberg auss Hessen durch sein eygne erfarung erkant, und yetz durch den truck an tag gibt*" ou "Descrição verdadeira de um país de selvagens nus ferozes e canibais, situados no mundo América, desconhecido na terra de Hessen antes e depois do nascimento de Cristo, até que, há dois anos Hans Staden de Homberg, em Hessen, por sua própria experiência, o conheceu e agora dá a luz",

[16] *Vide* Introdução de Alberto Loefgren em Staden (1900).

[17] Cabe aqui mencionar que Staden, tal como erroneamente divulgado em algumas obras, não naufragou na Baía de Paranaguá e sim nas proximidades da Ilha de São Vicente, tal como atestado documentalmente por E.C.Straube (2002).

especial lembrados pela prática de canibalismo e pelo curioso hábito de andarem nus (Leite, 1996).



Warhaftig

Historia vnd beschreibung eyner Landtschafft der Wilden/Nacketen/Grimmigen Menschfresser Leuthen/in der Newenwelt America gelegen/vor vnd nach Christi geburt im Land zů Hessen vnbekant/biß vff dise ij. nechst vergangene jar/Da sie Hans Staden von Homsberg auß Hessen durch sein eygne erfarung erkant/ vnd yetzo durch den truck an tag gibt.

Dedicirt dem Durchleuchtigen Hochgebornen herrn/ H. Philipsen Landtgraff zů Hessen/Graff zů Catzenelnbogen/Dietz/Ziegenhain vnd Nidda/seinem G. H.

Mit eyner vorrede D. Joh. Dryandri/genant Eychman/ Ordinarij Professoris Medici zů Marpurgk.

Inhalt des Büchlins volget nach den Vorreden.

Getruckt zů Marpurg/ im jar M. D. LVII.

Titelblatt der Erstausgabe, Marburg 1557

Hans Staden (*esquerda*), em retrato feito por Hans Just Winkelmann em 1664, com base em material xilográfico encontrado quase um século depois de sua morte. À direita a capa do "*Warhaftige...*" de 1557 obtida do facsimilar da edição princeps (Fonte: Staden 1557 [1927]).

A Ornitologia brasileira deve a Staden as primeiras informações sobre o guará (*Eudocimus ruber*), todas provavelmente[18] colhidas no litoral de São Paulo, assim como de vários outros organismos, por ele descritos quando lhe chamavam a atenção (Nomura, 1996). Sobre o guará,

[18] Bem da verdade, poucos são os animais citados por Staden que poderiam ser associados a localidades, uma vez que os apresenta como capítulos distintos daqueles em que narra os locais visitados. O Capítulo 30, por exemplo, parece deixar isso ainda mais claro: "*Bericht etlicher Thier im lande*" (Descrição de alguns dos animais do País), deixando claro que refere-se, na obra, aos espécimes observados nas duas viagens.

que disse ser conhecido entre os tupinambás como "*Uwara Pirange"* (grafia tal como utilizada no facsimile), aprofunda-se e descreve aspectos de alimentação, hábitat, nidificação e até mesmo de sucessão plumária (Staden, 1557; Straube, 1999)[19], tal como apresentado na tradução de Guiomar Franco de 1974:

> ***Capítulo 36***
>
> *Dos pássaros da terra.*
>
> *Também lá vivem muitos pássaros estranhos. Uma espécie, chamada guará-piranga, tem seu comedouro no mar, e nidifica nos recifes vizinhos da terra. É aproximadamente do tamanho de uma galinha, tem o bico longo e pernas como a garça, mas não tão compridas. O guará-piranga tem uma particularidade: as primeiras penas, que crescem nos filhotes, são cinza-claro. quando já podem voar, são cinzento-escuro. Assim voam, ao que se sabe, durante um ano. Então mudam as penas, e todo o pássaro se torna tão rubro como a cor vermelha máxima pode ser. E assim fica. Suas penas são muito apreciadas pelos selvagens."*

Esse relato refere-se provavelmente às aves encontradas no litoral do Guarujá onde, quase defronte a Bertioga, há uma Ilha dos Guarás onde essas aves

[19] Nomura (1996:16) diz que esse trecho está no "capítulo XXXV", mas - de fato - encontra-se na seção seguinte: "*Von vogeln des landes*. *Cap. 36".* Não somente a diferença textual e de interpretação é observada nas traduções de textos quinhentistas; há também considerável discrepâncias nas capitulações (Barbosa & Santos, 2007), sendo que para a presente análise, baseamo-nos no facsimilar de 1927.

estabeleciam seus ninhais (Silva-e-Silva, 2007). De fato Staden morou naquelas proximidades, ao ser designado intendente da Fortaleza de Bertioga por determinação de Tomé de Souza (Nomura, 1996), quando no fim de sua gestão como governador-geral do Brasil.

Quando preso pelos tupinambás, em Ubatuba, Staden também menciona o uso, por parte dos índios, da casca do ovo do macuco (*Tinamus solitarius*) transformada em pó e colada ao tacape, o que serviria para matar o inimigo. No original, a denominação exata do nome da ave é "*mackukawa*", nome alterado para macaguá (na tradução de 1974) e "makukawa" (Nomura, 1996). Há outras menções a aves brasileiras na obra de Staden, todas com vários graus de precisão quanto à identificação (Campanário, 1980 *contra* Nomura, 1996).

Embora pouco se aproveite de sua obra que possa ser relacionado entre espécies animais e localidades de registro, cabe o comentário sobre a presença dos guarás no litoral de São Paulo. Também é importante o fato de não tê-los citado para o setor costeiro do Paraná, descoberta que foi documentada apenas um século depois. De fato, sua estada ali foi muito curta, sendo que sequer chegou a se aventurar pelos manguezais das baías de Guaratuba e Paranaguá onde o encontro com a ave seria quase certo. De qualquer forma, o relato de Staden é que favoreceu as primeiras notícias da entrada, por via marítima, de um europeu na Baía de Paranaguá (Maack, 1981). Uma outra importantíssima questão histórica ligada ao Paraná, é o fato de ter sido o Superagui o primeiro local, no Brasil, a ser visitado pelo viajante alemão em sua segunda viagem. Isso, aliás, mais ocorreu como fatalidade do que interesse particular, visto que, originalmente, visava latitudes muito maiores e apenas chegou ali por erro do piloto da esquadra João Sanches (Staden, 1557).

Ali ele chegou em 24 de novembro de 1550 e teve o primeiro revés, após os seis meses de cansativa viagem marítima. O mar agitado, característico daquela região, mostrou-se ainda mais perigoso à navegação pois surgiu uma violenta ventania, arremessando o navio em direção aos rochedos ocultos pela linha de maré. Por pouco não foram a pique, sendo possível encontrar um local seguro para ancorar, onde foram visitados por duas embarcações, uma delas dos tupiniquins, que residiam na península. Esse ponto de calmaria deveria ser onde hoje está a vila de Superagui.

Os atuais moradores do Superagui e também aqueles que navegam por aquela região com alguma frequência, devem ficar interessados no relato histórico de Staden sobre o tão conhecido risco ali existente (Staden, 1988:56-57):

> *"Como lhe dissemos que vínhamos da Espanha, foram de opinião que devíamos ter um piloto hábil para assim termos chegado ao porto, pois que, sendo-lhes êste bem conhecido, não lograriam, entretanto, alcançar a barra durante semelhante tempestade. Então, lhes narramos exatamente como nós, em meio do vento e das vagas, quase naufragamos; como não tínhamos mais esperanças, certos de que pereceríamos; como então, de repente, divisamos a entrada e como Deus, de imprevisto, nos ajudou e nos salvou do naufrágio. Não sabíamos também onde estávamos. Ouvindo isto, admiravam-se muito êles, e agradeceram a Deus. O porto no qual no achávamos, chamava-se Superaguí e devia ficar a cerca de 18 milhas distante da ilha de São Vicente, que pertencia ao rei de Portugal".*



O revoltoso mar do Superagui (*ao fundo*), onde Hans Staden quase naufragou, destino diferente de muitas outras embarcações, como o graneleiro Maria M[atarazzo]. que foi a pique em 1932 (Foto: F.C.Straube, março de 2008).





Representação cartográfica da Baía de Paranaguá, especificamente na região do Superagui (*supra wa*). (Fonte: Staden 1557 [1927]) e, à direita, aspecto da belíssima região estuarina do Superagui, primeiro ponto continental visitado por Staden em sua segunda viagem ao Brasil (Foto: F.C.Straube, março de 2008).

Uma informação valiosa mencionada por Staden que ficou por muitos anos adormecida na literatura ornitológica brasileira [20] refere-se ao percurso de volta, quando ele retornava de Laguna (Santa Catarina) em direção ao destino pretendido, em São Vicente, no litoral de São Paulo. Na edição brasileira do seu livro, chamada "Duas viagens ao Brasil" (Staden, 1988:68), que foi cuidadosamente revisada por Mário de Guimarães Ferri, um fragmento chama a atenção:

> *"Deixamos o porto de Imbeaçã-pe, que fica a 28 graus e meio de latitude sul, e alcançamos, depois de dois dias pouco mais ou menos e de uma viagem de cerca de 40 milhas, uma ilha, a dos Alcatrazes. Aí precisamos ancorar, porque recebíamos vento contrário. Na ilha havia muitas gaivotas marinhas, chamadas* ***alcatrazes****. Como era tempo de sua procreação, era fácil matá-las. Fomos a terra e na ilha demos busca à procura de água doce; encontramos ocas abandonadas, cacos de potes de índios que haviam outrora habitado esta ilha, descobrindo tambem uma pequena fonte numa rocha. Matamos então muitas gaivotas [21], trouxemos tambem ovos a bordo e cozinhamos aves e ovos".*

---

[20] A menção foi incrivelmente omitida em obras de reconstituição como Campanário (1980) e Nomura (1996), não obstante sua relevância histórica.

[21] Aqui a tradução descuidada levaria a acreditar que os ovos colhidos fossem da "gaivota" (*Larus dominicanus*) que ali, embora em pequenos números, também procria. A edição revisada por Löfgren e anotada por Teodoro Sampaio (Staden, 1900:35), no entanto, aponta: "*Alli matámos muitos* ***dos referidos pássaros*** *e levámos seus ovos para bordo*", em escrita que se aproxima muito mais do original (Staden, 1557).

Nas notas de rodapé, Ferri aponta para a localização do lugar chamado de "Imbeaçã-pe" (no original: *hauingen Inbiassape* ou "Porto do Viaçá"), identificando-o como a cidade catarinense de Laguna, o que de fato confere com sua latitude real: 28°30'S. Se considerarmos que a medida alemã de milhas náuticas assumida por Staden (vide nota de rodapé em Staden, 1988:57) fosse 7,42 km, teríamos contextualizada a referida ilha ("*Insula de Alkatrases*", no original: Staden, 1557), portanto a cerca de 297 km a norte de Laguna[22]. Essa distância confere absolutamente, e com indiscutível precisão, ao Arquipélago dos Currais (25°44'11"S e 48°21'54"W), formação insular pedregosa, distanciada a pouco mais de 10 km da linha de costa paranaense e pertencente ao município de Pontal do Paraná.

Essa área, atualmente sob tutela da Universidade Federal do Paraná, especificamente do seu Centro de Estudos do Mar, é mais comumente chamada de "Ilha dos Currais" (eventualmente "Ilha dos Corais") e foi palco de inúmeras pesquisas sobre aves marinhas por estudiosos como Pedro Scherer-Neto e, posteriormente, Ricardo Krul e Valéria dos Santos Moraes (Krul, 2004). O local é, em todo o sul do Brasil, um dos poucos sítios de reprodução de aves como a fragata (ou tesoureiro), cientificamente conhecido como *Fregata magnificens* que ali procria em grandes números, em particular nas porções mais elevadas, suportando seus ninhos sobre as brenhas de uma cactácea (*Pereskia* sp). Nas vertentes rochosas, junto ao solo, os ninhos que têm lugar são os do atobá (*Sula leucogaster*),

---

[22] Segundo as notas de Teodoro Sampaio (Staden, 1900:XIII), a ilha se tratava da "*ilha dos Alcatrazes, fronteira á costa de S.Vicente e Santo Amaro*". Essa posição não condiz com as medidas efetuadas e mesmo com o itinerário explicitamente mencionado por Staden que, na ocasião, encontrava-se entre Laguna e Cananeia (originalmente *Caninee*: Staden, 1557). Pelo mesmo ponto de vista, também parece ter se equivocado o geógrafo e explorador Richard Francis Burton em suas anotações à edição inglesa (Staden, 1847:39), rodapé), cujas coordenadas sugeridas seriam 24°06'15"S e 45°46'32"W, o que coincide exatamente com a Ilha de São Sebastião (município de Ilhabela, São Paulo).

mostrando uma zonação interessante na escolha de sítios para nidificação.

O termo "alcatraz", no Brasil, alude tanto à primeira (*vide* Leão, 1934) quanto à segunda espécie mas, em Portugal, refere-se apenas aos representantes da família Sulidae (onde essa última se enquadra) e notadamente à forma abundante *Morus bassanus*, facilmente encontrada em toda a costa portuguesa. Para Roque (2009), que analisou uma série de documentos de navegação portuguesa, as menções quinhentistas de aves observadas nos trajetos correspondiam, via de regra, a espécies ainda desconhecidas mas semelhantes a outras que eram familiares.

Alcatraz é um arcaísmo português que, além de largamente utilizado por luso-brasileiros, é também bastante complexo do ponto de vista etimológico (*cf.* Amaral, 1976:64-67 e Houaiss & Villar, 2001). Parece que deu origem a outro vocábulo, albatroz, étimo que une duas palavras ali elucidativamente ajustadas (*albo* = branco + *atro* = preto, ou seja, ave preta-e-branca), apontando para a coloração daquelas espécies. A convergência linguística tornou o problema ainda mais complicado, em virtude dos atobás e tesourões, assim como os albatrozes, serem espécies marinhas, ainda que os dois primeiros sejam basicamente costeiros e, por sua vez, os demais, tipicamente oceânicos, portanto viventes em alto-mar.

Há uma infinidade de definições para alcatraz nos dicionários, sendo todas divergentes e contraditórias, situação que se estende desde o Período Quinhentista. Houaiss & Villar (2001)[23] consideram que alcatraz vem do árabe: "*all-gattás*", ou seja, [o] mergulhador, [o] mergulhão.

---

[23] Esses autores também fornecem a coletânea de obras de Gil Vicente (1562: "*Compilacam de toda las obras de Gil Vicente*" [...], publicada em Lisboa) como a fonte mais recuada em que se usou o étimo. Localizamos o fragmento na Folha n° 229 ("...*que canta como alcatraz*") do Livro Quarto ("Das Farsas"), escrito provavelmente entre 1502 e *circa* 1536.

Essa característica condiria com *Sula leucogaster*, exímio mergulhador e não com *Fregata magnificens*, que vive basicamente de pilhagem de peixes capturados por outras aves; a palavra, no entanto, não consta no completíssimo dicionário de arabismos de Nimer (2000).

Confirmada a localização do topônimo, o que nos parece mais do que satisfatória, temos aqui o primeiro registro publicado de uma espécie de ave (para nós, o atobá *Sula leucogaster*) no território paranaense, que pode ser datado de forma incrivelmente recuada, para o ano de 1550.

Cronologia

1551 Conrad Gessner, já famoso pela publicação do *Historia Plantarum*, lança o primeiro volume do "***Historia Animalium***", considerado uma das obras seminais da Zoologia.

1553 Início do Segundo Governo-Geral do Brasil (até 1558): Duarte da Costa, nobre e diplomata, chega em companhia de 260 pessoas para assumir o cargo. Entre elas está o padre Joseph de Anchieta.

1553 ULRICH SCHMIDEL visita o Paraná, oriundo do Paraguai.

1553

ULRICH SCHMIDEL

ULRICH SCHMIDEL (n. Straubing, Alemanha: c.1510; f. Regensburg, Alemanha: c.1579) [24] pertencia a uma importante família da região alemã da Baviera, destacada desde o Século XIV, tendo nascido por volta de 1510. Entre 1534 e 1554 realizou uma grande expedição pela América do Sul no séquito espanhol de D. Pedro de Mendoza. Segundo Taunay (1934), na sua armada, "de quatorze grandes naus tripuladas por dois mil e quinhentos espanhóis, veio Schmidel com mais cento e cinquenta alemães do norte, mais holandeses e saxões".

Aportou na foz do Prata e dirigiu-se a Assunção onde iniciou a peregrinação, rumo a leste até São Vicente (São Paulo) (Mondeschein, 1883 *per* Mitre *In*: Schmidel, 1903). Sua viagem (Schmidel, 1567), em estilo muito semelhante ao apresentado por Cabeça de Vaca, foi relatada na obra: "*História verdadeira de uma curiosa viagem feita por Ulrich Schmidel de Straubing, entre os anos de 1532 e 1554 à América ou Novo Mundo, pelo Brasil e rio da Prata*

[24] A grafia de seu nome não encontra consenso entre os pesquisadores e nem mesmo na autoria expressa em suas obras. "Na primeira edição alemã de 1567, chama-se Ulrici Schmidts e também Schmidt; na segunda (de De Bry), chama-se somente Schmidts; já na latina, converte-se em Ulrico Fabro. Hulsius, na edição alemã, admite Ulrich Schmiedel e, na latina, Huldericus Schmidel. Pelo nome Schmidel ser universalmente conhecido, essa forma é destinada a prevalecer..."; embora Burmeister tenho optado por Schmidt, acreditando Schmidel como uma mera falsificação, parece claro que a grafia adotada pelo próprio autor (na assinatura) seja mesmo a segunda (Mitré *In:* Schmidel, 1903).

e em que se se verá tudo quanto sofreu durante estes dezenove anos e a descrição dos países e povos extraordinários que visitou...". [25].

Para o percurso, foi acompanhado por um grupo bem mais discreto do que o de Cabeça de Vaca: apenas 20 índios carijós como guias e companheiros. Segundo Maack (1959), Schmidel tinha bons motivos para levá-los, visto que esses índios realizavam frequentes peregrinações entre o litoral e o planalto e, desta forma, conheciam muito bem os caminhos e as condições disponíveis, além de serem ótimos guerreiros.

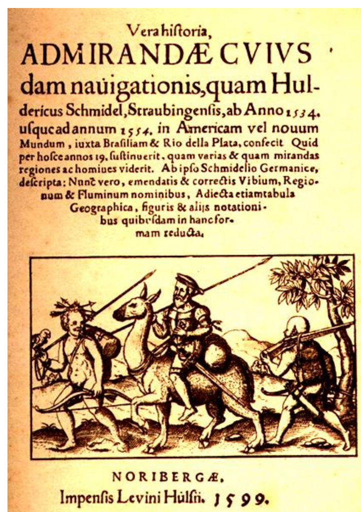
No Paraná, Schmidel esteve no ano de 1553 [26], atravessando o território estadual em uma diagonal no sentido sudoeste-nordeste até chegar ao planalto de São Paulo (Maack, 1959, 1968), tendo como localidade mais destacada a chamada "*Scherebethueba*" que, em nossa opinião, é uma grafia que deve ser convertida em "Jerivatuba", ou seja, a tribo do cacique Caiubi, atualmente bairro de Jurubatuba, no município de São Paulo.

---

[25] Em alemão (edição de 1567), o título é: "*Vierte Schiffart. Warhafftige Historien Einer Wunderbaren Schiffart welche Ulrich Schmidel von Straubing von Anno 1534. bisz Anno 1554 in Americam oder Newenwelt bey Brasilia und Rio della Plata gethan. Was er in diesen Neuntzehen Jahren auszgestanden und was fuer seltzame Wunderbare Laender und Leut er gesehen: burch ermelten Schmidel selbs beschrieben An jetzt aber an Tag geben mit Verbesserung und Corrigierung der Staett Laender und Fluesz namen deszgleichen mit einer nothwendigen Landtaffel Figuren und anderer mehr Erklerung gezieret Durch*". Em latim (edição de 1599): "*Vera historia, Admirandae cujusdam navigationes quam Hulderícus Schmidel, Straubingensis, ab Annum 1534. usque ad annum 1554. in American vel novum Mundum, iuxta Brasiliam & Rio della Plata confecit Quid per hosce annos 19. sustinuerit, quam varias & quam mirandas regiones ac homines viderit. Ab ipso Schmidelio Germanice descripta; Nunc vero, emendatis & correctis Urbium, Regionum & Fluminum nominibus, Adjecta etiam tabula Geographica, figuris & allis notationibus quibusdam in hanc forma reducta*".

[26] Em edição anterior (Straube & Scherer-Neto, 2001), afirmamos que o intervalo seria "entre os anos de 1552 e 1553". Essa informação é incorreta, visto que, de Assunção, Schmidel saiu em 26 de dezembro de 1552 e somente quase duas semanas depois é que foi atingir o Rio Paraná (Maack, 1981:29).




Vera historia,
ADMIRANDÆ CVIVS
dam nauigationis, quam Hul-
dericus Schmidel, Straubingensis, ab Anno 1534.
usque ad annum 1554. in Americam vel nouum
Mundum, iuxta Brasiliam & Rio della Plata, confecit. Quid
per hosce annos 19. sustinuerit, quam varias & quam mirandas
regiones ac homines viderit. Ab ipso Schmidelio Germanice,
descripta: Nunc vero, emendatis & correctis Vibium, Regio-
num & Fluminum nominibus, Adiecta etiam tabula
Geographica, figuris & aliis notationi-
bus quibusdam in hanc for-
mam reducta.

NORIBERGÆ.
Impensis Levini Hulsii. 1599.

O livro de Schmidel (1599) é um clássico sobre a geografia e etnologia da América do Sul quinhentista. O frontispício desta obra refere-se à versão de T. De Bry (1599), saída 32 anos depois da primeira edição (Fonte: Schmidel, 1903).

O itinerário de Schmidel no Brasil é importante pois permite resgate de algumas informações biológicas contidas em sua obra (Schmidel, 1567) e, obviamente, na obtenção de dados sobre ocorrência de espécies. A excelente e segura reconstituição do percurso, oferecida por Maack (1959), mostra que ao chegar na margem direita do Rio Paraná, na altura da foz do Rio Iguaçu, ele seguiu a sul, talvez buscando ponto mais seguro para a transposição fluvial, precisamente onde hoje estão as cidades de Encarnación (Paraguai) e Posadas (Argentina). Dali rumou para norte, atravessando as províncias de Corrientes e Misiones, adentrando o Brasil pelo oeste catarinense e chegando ao Paraná, acompanhando o Rio Cotegipe até chegar aonde atualmente está a cidade de Guarapuava. Deste ponto seguiu rumo a leste, atravessando os Campos Gerais e a Escarpa

Devoniana, depois a região de Castro, até atingir o alto vale do Rio Ribeira. Tal como apontado por vários autores, ele obedeceu, portanto, um sentido aproximadamente contrário (de oeste para leste) daquele percorrido por Cabeça de Vaca.

Visto que as fontes a nós disponíveis se baseiam exclusivamente em interpretações de terceiros (que apareceram em distintas versões já desde 1599: Hulsius *vs*. De Bry *per* Mitre *in* Schmidel, 1903) e que, desta forma, podem e devem ter sido adulteradas de acordo com as opiniões de seus revisores, consideramos os tópicos aqui apresentados como meramente ilustrativos. Uma pesquisa detalhada, preferencialmente tendo em mãos as fontes originais seria imprescindível para alargar a discussão visto, em particular no caso de Schmidel, existir uma grande polêmica até mesmo quanto ao seu itinerário (para argumentações *vide* Maack, 1959, 1981).

Sick (1997) assim se refere à contribuição: "[De] Ulrich Schmidel de Straubing, que aventurou-se de 1534 a 1554 em terras da América meridional, inclusive o Brasil, aproveitamos pouco: '....avestruzes [27] (emas), galinhas (provavelmente cracídeos como jacus) e patos criados pelos aborígines, *Cairina moschata"* (sobre esse tipo de menção a aves criadas pelos indígenas e relatadas pelos cronistas, *vide* Cabeça de Vaca).

Em toda a sua narrativa, Schmidel refere-se sempre a ataques constantes de milhares de índios, bem como de sua busca por víveres no interior das florestas e campos e, portanto, constituídos por animais de caça. Infelizmente não há qualquer menção a espécies de aves no território hoje compreendido pelo Paraná, segundo a tradução para o espanhol (Schmidel, 1903).

[27] "*Abestraussen"* no original (Schmidel, 1903).

A única citação biológica mais aproximada do contexto paranaense, e a única menção aproveitável à Zoologia do Brasil (Nomura, 1996) é:

> *"Cerca de esta nación está un agua (río) llamado Urquaie (Uruguay); allí vimos víboras o serpientes, llamadas en su lengua de indios* schue éyba thuescha*; es de 14 pasos de largo y 2 brazadas de grueso en el medio; hacen mucho daño, por ejemplo, cuando se baña la gente, o bebe una fiera de la misma agua o se pone a nadar sobre el agua, así se le arrima una serpiente de éstas debajo del agua, nada hasta donde está el hombre, o la fiera, y lo envuelve en la cola, zambulle en seguida bajo del agua y se lo come; porque siempre se mantiene con la cabeza a flor de agua y observa a ver si se presenta algo que sea hombre o bestia, que pueda matar y envolver".*

Na melhor das boas intenções (inclusive biogeográficas) tratar-se-ia de uma sucuri (*Eunectes*) mas as descrições de outras situações semelhantes ao longo da obra são tão bizarras que mereceram uma dura crítica sobre a autenticidade, por parte de Taunay (1934):

> “*Um desses minhocões, afirma o nosso aventureiro ter tomado as dimensões, achando-lhe uma circunferência de quatro braças alemãs (7,32 m), o que lhe deixa um diâmetro de 2,33 m! E tinha o bicharoco dezesseis passos de comprimento, aí uns treze metros. Que muralha, que montanha de carne!*”

Digno de nota é que, apesar da ausência de citação a quaisquer espécies biológicas nesse trecho (entre o Rio Uruguai e Jerivatiba, hoje Santo Amaro/SP), pouco encontraram de caça, mostrando a dificuldade de obter animais de grande porte nessas regiões subtropicais, tal como mencionado por autores anteriores e subseqüentes:

> *"...no nos había sobrado de comer, porque nuestro principal alimento era miel, con lo que estábamos todos sin fuerzas; así, pues, cualquiera puede con lo dicho hacerse cargo de los peligros y de la pobre y mala vida que fue la nuestra en tan dilatado viaje, muy particularmente en lo tocante a la comida, bebida y dormidas".*

Cronologia

1554 Fundação de São Paulo, pelos padres Joseph de Anchieta e Manuel da Nóbrega que ali estabeleceram um colégio jesuíta, na então chamada vila de São Paulo de Piratininga.

1554 *Ontiveros*, a primeira vila do Paraná espanhol, é fundada por determinação do governador do Rio da Prata, Domingo Martinez Irala. Localizava-se na foz do Rio São Francisco, margem esquerda do rio Paraná.

1555 Primeira invasão francesa ao Brasil, pelo cavaleiro e diplomata francês Nicolas Durand de Villegaignon na Baía de Guanabara, a fim de criar a colônia denominada França Antártica; com ele, veio o frade cosmógrafo André Thevet.

1555 Com estilo evidentemente medieval, o suiço Conrad Gessner, publica o terceiro volume (versando sobre Aves) de sua obra "***Historia animalium***" com 217 descrições e ilustrações de aves, incluindo "espécies" mitológicas.

1555 Pierre Belon publica "***L'histoire de la nature des oyseaux***", com uma das primeiras classificações tentativas das aves do mundo, as quais ele subdividiu em seis grupos, com base nos princípios de Aristóteles.

1555 CABEÇA DE VACA publica a primeira versão dos "***Comentarios...***".

1557 Falece ALVAR NÚÑEZ CABEÇA DE VACA.

1557 A população que antes vivia em Ontiveros é transferida para a foz do Rio Piquiri, fundando a *Ciudad Real del Guairá*, por iniciativa do explorador espanhol Ñuflo de Chávez.

1557 O pastor e missionário Jean de Lery vem ao Brasil, acompanhando um grupo de artesãos protestantes destinados à chamada França Antártica. Expulsos por Villegaignon, retornaram à França após terem sido, por alguns meses, acolhidos pelos índios Tupinambás.

1557 HANS STADEN publica a primeira edição do "***Warhaftige Historia...***".

1557 Dois anos após sua chegada ao Brasil em companhia de Nicolas Durand de Villegaignon, o padre franciscano André Thevet publica "***Les singularitez de la France Antarctique autrement nommé Amerique, & de plusiers Terres & Isles decouvertes de nostre temps***", contendo importantes – mesmo que exagerados – relatos do ambiente natural visitado pelo frade.

1558 Com o início do Terceiro Governo-Geral do Brasil, Mem de Sá o assume até o ano de 1572. Além de estimular a produção de açúcar, incentivou o tráfico de escravos e responsabilizou-se pela expulsão dos franceses, que haviam estabelecido amizade com os indígenas, incitando-os contra os portugueses.

Pacificou os índios tamoios e organizou várias entradas pelo interior do Brasil.

1559 Com o argumento de incrementar a mão-de-obra para a agricultura e muitas outras atividades comerciais, o tráfico de escravos no Brasil passa a ser oficializado, tendo maior parte do contingente proveniente de Angola, Guiné, Benin, Nigéria e Moçambique.

1560 O padre Joseph de Anchieta redige a "***Epistola quam plurinarum rerum naturalium quaes S.Vicenti (nunc St. Pauli) provinciam incolunt sistens descriptionem***" publicada pela primeira vez em português (a primeira versão é italiana, de 1562), incompleta e anotada, em 1799. Ali são citadas dezenas de animais e plantas observados pelo jesuíta.

1565 Fundação do Rio de Janeiro, por Estácio de Sá, sobrinho de Mem de Sá. O local teria sido escolhido como base para a luta pela expulsão dos franceses.

1567 ULRICH SCHMIDEL publica sua "***Warhafftige Historien...***".

1570 Instalação do povoado na Ilha da Cotinga, primeira vila do Paraná português, durante o Ciclo do Ouro, que dizia-se abundante naquela região. Posteriormente, o povoado estendeu-se pelas margens do Rio Itiberê, área dominada pelos índios carijós.

1572 Falece HANS STADEN.

1573 Neste ano (ou talvez alguns anos antes), Pero de Magalhães Gandavo conclui o "**Tratado da Terra do Brasil, com notícias sobre esta terra**", publicado apenas em 1826, por iniciativa de Capistrano de Abreu.

1573 Volcher Coiter publica seus primeiros estudos sobre anatomia das aves, tratando da embriologia e incluindo descrições morfológicas na obra "***Externarum et Internarum Principalium Humani Corporis Partium Tabulae***". Dois anos depois, lança

outro livro : “*De Avium Sceletis et Praecipius Musculis*”, tratando de miologia.

1576 Espanhois, comandados por Ruy Dias de Melgarejo, fundam a cidade colonial espanhola *Villa Rica del Espiritu Santo*, na confluência do Rio Corumbataí com o Rio Ivaí. Atualmente esse patrimônio antropológico encontra-se protegido no Parque Estadual de Vila Rica do Espírito Santo (município de Fênix, Paraná).

1576 Pero de Magalhães Gândavo publica a “**História da província de Sãta Cruz, a que vulgarmête chamamos Brasil**” contendo várias menções a animais e plantas brasileiros e que, aparentemente, é a primeira obra publicada sobre História do Brasil.

1578 As primeiras minas de ouro são descobertas no litoral do Paraná, em Paranaguá e no Rio Cubatão, onde índios foram encontrados portando fragmentos auríferos. A extração sistemática do metal, porém, começa a ser realizada apenas em 1640.

1578 Jean de Lery publica “***Histoire d’un voyage faict en le terre du Brésil autrement ditte Amerique***”, narrando sua viagem durante a invasão francesa ao Rio de Janeiro e contestando parte das descrições de André de Thevet. Alguns de seus textos, colhidos diretamente dos tupinambás, são fundamentais para o estudo de linguas tupis praticadas no Brasil da época.

1579 Falece ULRICH SCHMIDEL.

1580 Estabelece-se o Império da União Ibérica (Dinastia Filipina) com a Espanha governando Portugal (até 1640), pela morte de D.Sebastião na Batalha de Alcácer-Quibir e consequente problema de sucessão; assume Filipe de Habsburgo (Filipe I de Espanha).

1584 O padre Fernão Cardim escreve o manuscrito “**Do clima e terra**

do Brasil", de pequeno interesse para a Zoologia, mas grande valor histórico. O original foi pilhado em assalto pelo pirata Francis Cook, quando o padre retornava à Europa. Depois, os originais foram adquiridos pelo colecionador britânico Samuel Purchas, a quem devemos a primeira publicação, em inglês, somente em 1625.

1585 Expedição do capitão-mor Jerônimo Leitão, visando à exploração e ao aprisionamento de índios do interior do Paraná.

1587 Gabriel Soares de Souza conclui o relatório "**Roteiro geral, com largas informaçoens de toda a Costa, que pertence ao Estado do Brazil e descripçao de muitos logares delle, especialmente da Bahia de Todos os Santos**". Esse trabalho enciclopédico (com 12 capítulos dedicados às aves) foi publicado parcialmente por iniciativa do Frei Velloso como "Descripçao geographyca da America Portugueza" e, em 1825, como "Roteiro geral do Brazil". Posteriormente recebera o nome de "Tratado descriptivo do Brasil em 1587" por intermédio de Francisco A.Varnhagen que o organizou em 1851; em 1945 fôra novamente batizado, agora como "Noticia do Brasil".

1590 O padre Fernão Cardim acaba a "**Narrativa epistolar de uma viagem e missão jesuítica pela Bahia, Ilhéos, Porto Seguro, Espírito Santo, Rio de Janeiro, S.Vicente (S.Paulo), desde o anno de 1583 a 1590, indo por Visitador o P.Provincial em Portugal**", publicada somente em 1847, com vasta listagem de animais registrados naquelas regiões brasileiras.

1590 O jesuíta, poeta, cosmógrafo e historiador espanhol José de Acosta publica "***Historia natural y moral de las Indias***", uma extensa corografia sobre o Peru, país onde radicou-se por 17 anos, como reitor da Universidade de Lima e viajando por diversas regiões.

1591 O marinheiro e cronista Anthony Knivet termina o "***The admirable adventures and strange fortunes of Master Anthony Knivet, which went with Master Thomas Cavendish***

in his second voyage to the South America, 1591", lançado em publicação somente no ano de 1625.

1593 Francisco Soares, jesuíta português, escreveu "**De alguãs cousas mais notaveis do Brazil**", manuscrito com enorme lista de animais observados no Brasil, que foi publicado apenas em 1927.

1594 Instala-se a primeira colônia francesa no Brasil (França Equinocial) no Maranhão , por iniciativa de Charles de Vaux e Jacques Riffault.

1595 Fica proibida a escravização de indígenas no Brasil, por meio de uma Carta Régia.

1596 Durante a Dinastia Ming, Li Shizhen publica "***Bencao Gangmu***" (ou, em latim, "*Compendium of Materia Medica*", onde lista grupos biológicos e geológicos, de acordo com suas propriedades terapêuticas. Na obra são citadas 77 espécies de aves.

1597 Nicolau Barreto, bandeirante, viaja pelo interior do sul do Brasil, cruzando o estado do Paraná e atingindo o Paraguai e Bolívia.

1599 Ulisse Aldrovandi publica o primeiro volume dentre três (1599, em doze livros; 1600, seis livros; e 1603, com dois livros) do "***Ornitologia***". A obra conta com descrições das espécies, incluindo nomes em grego, hebraico, árabe e italiano, alimentação, hábitos, anatomia, reprodução, técnicas de captura e preservação, propriedades culinárias e medicinais, simbologia, cultura, linguística, etc.

1601 O lançamento da obra "**Prosopopéia**" de Bento Teixeira marca o fim do período literário chamado "Quinhentista" e dá início ao Período Barroco.

1609 O escritor e historiador peruano Inca Garcilaso de la Vega, filho de um colono espanhol e de uma princesa inca, publica o

primeiro volume (o segundo sairia apenas em 1616) dos "***Comentarios reales de los Incas***", narrativas sobre a civilização incaica, onde inclui algumas informações sobre avifauna.

1610 Primeiras reduções jesuíticas são fundadas na margem esquerda (paranaense) do Rio Paranapanema: Santo Inácio e Loreto.

1610 Nascimento de George Marcgrave.

1614 Primeira sesmaria no Paraná é concedida a Diogo de Unhate, entre Ararapira e Superagui.

1614 Claude d'Abbeville publica "***Histoire de la Mission des Pères Capucins en l'Isle de Maragnan et terres circunvoisines***", contendo vários animais constatados pelo frade no Maranhão, quando de sua visita de apenas quatro meses, em 1612.

1615 Chefe da comitiva de frades capuchinhos da qual participou d'Abbeville, o também francês Yves d'Évreux, publica a "***Svuitte de l'Histoire des choses plus mémorables advenues en Maragnan ès années 1613 & 1614***".

1617 Gabriel de Lara, no litoral do Paraná, investiga a presença de ouro na região, oficializando a descoberta em 1646.

1618 O escrivão português Ambrósio Fernandes Brandão escreve o "**Diálogo das grandezas do Brasil**", que somente foi publicado em 1874. Ali constam vários animais observados no litoral de Pernambuco.

1619 O bandeirante Manuel Preto investe contra as aldeias da província de Guairá, dentre elas Santo Inácio, na margem esquerda do rio Paranapanema.

1624 Início da Primeira Invasão Holandesa no Brasil, a qual estendeu-se até 1625. O processo começou com a investida da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais ao litoral da Bahia

(Salvador).

1624 Entre este ano e 1627, o frei Christóvão de Lisboa redigiu a "**História, natural e moral, do Maranhão**", cujo códice referente aos animais e árvores – único fragmento que escapou de um terremoto em Lisboa – foi publicada em 1967 como "História dos animais e árvores do Maranhão".

1627 Vicente Rodrigues Palha ou Frei Vicente do Salvador, conclui o "**História do Brazil**", contendo várias descrições de animais registrados principalmente no nordeste do Brasil. Seus manuscritos foram recuperados e publicados em partes em 1886 e 1888.

1629 Raposo Tavares e Manuel Preto destroem os aldeamentos de Guaíra, aprisionando milhares de indígenas em ação que se estendeu até 1633.

1632 A cidade colonial espanhola de *Vila Rica del Espiritu Santo*, no norte do Paraná é destruída pela bandeira de Raposo Tavares. Nesse mesmo local, a presença humana renasce sob a denominação de Vila Rica, ponto que foi vistado por vários naturalistas viajantes. Na década de 60 do Século XX, é criado o município de Fênix, referência à ave mitológica que renasce das próprias cinzas e que alude ao ressurgimento do novo núcleo urbano.

1633 Johannes de Laet, com base nos livros de André de Thevet e Jean de Lery, publica a compilação "***Novus orbis seu Descriptionis Indiae Occidentalis Libri XVIII***".

1634 Chega ao Brasil, o alemão Zacharias Wagener (ou Wagenaer), cuja peregrinação pelo nordeste do Brasil (até 1641) rendeu a obra "***Thier buch Darinnen viel unterschiedene Arter des Fische vögel vierfüssigen Thiere Gewürm...***", publicada em 1964 com o título de "Zoobiblion".

1637 Chega ao Brasil, por interferência do conde Maurício de Nassau (Johann Moritz von Nasau-Siegen), o naturalista e

médico holandês Willem Pies (Piso) e seu assistente, o alemão Georg Marcgrave (ou Marcgraf), como consequência da Segunda Invasão Holandesa ao Nordeste (Capitania de Pernambuco). Viajou por vários estados do nordeste e retornou em 1642, depois de realizar observações nos campos da cartografia, astronomia, botânica e zoologia.

1638 Maurício de Nassau cria o primeiro Jardim Botânico e Zoológico do Novo Mundo, em Recife (Pernambuco).

1640 Fim da União Ibérica e, por conseguinte, do "Brasil Espanhol". Depois de sessenta anos sob o comando da Espanha, Portugal retoma a autonomia, com a proclamação de D.João IV (de Portugal), sob apoio velado do Cardeal Richelieu, da França.

1640 Jesuítas são expulsos de São Paulo pelos bandeirantes, por serem contra a escravidão dos indígenas, em cumprimento às bulas amitidas pelo papa Urbano VIII. O movimento, chamado "botada dos padres fora", foi imitado no Rio de Janeiro e as partes reconciliadas apenas 13 anos depois.

1645 Marc Aurelio Severino publica a "***Zootomia Democritea***", uma das primeiras obras sobre anatomia comparada dos animais, contendo um capítulo sobre aves ("*Ornithographia*").

1646 Em Paranaguá, é instalado o pelourinho, monumento de praça pública que, na época, era considerado um símbolo oficial de autoridade e justiça. A vila passou-se a se chamar Nossa Senhora do Rosário de Paranaguá.

1648 Descoberta de ouro no planalto de Curitiba por Gabriel de Lara no chamado "Arraial de Cima", em cujo local fundou-se, no ano seguinte, a Vila de Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, atualmente Curitiba.

1648 É publicada a obra "***Historia Naturalis Brasiliae***" de Georg Marcgrave, com participação de Willem Pies (primeira parte: "***Medicina brasiliensis***") e editada por Johan de Laet. Trata-se de obra ímpar e riquíssima, enfocando a natureza do Nordeste

brasileiro. Graças à sua publicação é que muitos animais brasileiros foram incluídos na obra seminal de Carl von Linné.

1648 Falecimento de Georg Marcgrave.

1649 Primeira expedição ao planalto de Curitiba, pelo chefe e coordenador de minas Eleodoro Ébano Pereira. Com isso, no ano seguinte, ocorreu a instalação dos primeiros povoados na chamada Vilinha, às margens do rio Atuba.

1652 Mudança do povoado de Curitiba da "Vilinha" do Rio Atuba para a Praça Tiradentes (Marco Zero).

1653 JOÃO TEIXEIRA ALBERNÁS II publica a "Planta da Baía de Paranaguá".

[1653]

JOÃO TEIXEIRA ALBERNÁS II

Não há dúvidas de que a bem conhecida representação do litoral paranaense presente na "Planta da Baía de Paranaguá", datada de 1653, consiste de um dos documentos mais importantes para a história do Paraná não apenas pela sua antiguidade, mas principalmente pela riqueza de detalhes cartográficos e toponímicos.

A sua relevância estende-se também para o campo das ciências biológicas: consta ser o primeiro documento fidedigno a citar (e ilustrar) uma espécie de ave para o Estado do Paraná (Straube, 2005). Trata-se do guará (*Eudocimus ruber*), espécie de plumagem vermelha-carmim, peculiar de ambientes estuarinos, parente das curucacas (família dos tresquiornitídeos) e algo aproximado das garças, socós (família dos ardeídeos) e cegonhas (ciconídeos).

Ao consultar a literatura histórica paranaense[28], a indicação de autoria deste mapa parece ser quase unânime: a obra teria sido esboçada por "João Teixeira Albernás". Essa conclusão chegou a ser posta em dúvida por Moreira (1972:45-46); esse autor, citando a clássica obra de Moysés Marcondes ("Documentos para a História do Paraná" de 1923), transcreve:

> *"...trata-se de planta remetida em carta do Governador da Capitania de São Paulo,*

[28] Esse fragmento repete, em grande parte, a discussão já publicada anteriormente (Straube, 2008).

> *datada da Vila da Conceição, em 20 de maio de 1653. Esta carta, separada da planta não se sabe onde para. Foram baldados todos os nossos esforços para descobri-la. A falta é lamentável, porque a mera indicação da procedência, como está feita, suscita dúvidas e depende de interpretação que, por bem intencionada, nunca pode-se garantir em absoluto a verdade dos fatos".*

Entretanto, mediante uma análise mais atenta das características do mapa, bem como de uma série de documentos e circunstâncias políticas da época, Moysés Marcondes, acompanhado pelo endosso de Moreira (1972), prefere mesmo confirmar sua autoria "ao cartógrafo Albernás" que o teria desenhado pela intervenção de Eleodoro Ébano, administrador das minas e casas de fundição de ouro em Paranaguá entre 1649 e 1652.

Apesar de todas essas conclusões, nenhum autor ateve-se ao fato de que haviam dois homônimos (avô e neto) que desempenhavam a mesma função em cartografia, porém, com discrepâncias na técnica e apresentação de seus trabalho e, obviamente, nas questões cronológicas.

João Teixeira Albernás (cognominado "O Velho") e seu irmão Pedro (*circa* 1595-1662), ambos nascidos em Lisboa no fim do Século 16 (o primeiro talvez entre 1580 e 1590), pertencem a uma das seis gerações desta família de cartógrafos formados pela Escola de Sagres que atuou na Europa, especialmente Portugal e Espanha, mas também na América do Sul, inclusive no Brasil. Dentre a produção de ambos consta o códice "*Rezão do Estado do Brasil*" datado de cerca de 1616, bem como várias centenas de cartas, atlas e outras anotações cartográficas (Cortesão, 1935; Cortesão & Mota, 1960-1962).

Aproveitando a lacuna deixada pelos historiadores, foi possível analisar uma série de detalhes, abaixo discriminados, que obriga a reivindicação da autoria da "Planta" a seu neto, **JOÃO TEIXEIRA ALBERNÁS II** ("O Moço").

A primeira indicação vem já da biografia. Albernás I teria recebido "Carta de Ofício de mestre em fazer cartas de marear, astrolábios e balestilhas" em 1602; desta forma, presume-se que tenha nascido pelo menos em um ano bem recuado da década de 80 do Século XVI (talvez entre 1580 e 1585) para fazer sentido cronológico entre o grau recebido e sua maturidade. Uma de suas últimas obras foi o famoso "Atlas Universal" (ou *Livro vniversal das navegasões feito em Lisboa por Ioão Teixeira Cosmographo de Sva Magestade*), com oito cartas e datado de 1643 que, segundo consta, é "considerado de excepcional valor artístico" (Cortesão e Mota, 1960-1962) e que, desta forma, marca o auge de sua produção. Em 1648 completou o seu atlas "Descripçaõ dos portos maritimos de Portugal", onde intitulou-se cartógrafo-mor de Portugal.

Cortesão (1965) trata do assunto de forma definitiva:

> *"We refer to this notable cartographer (439 maps, including 19 atlases, still surviving, and some 217 copies, between c. 1616 and 1649) as João Teixeira Albernaz I, because his grandson of the same name was also a remarkable cartographer, whom we therefore call João Teixeira Albernaz II. The grandfather was granted a patent of office as master of making sea-charts, astrolabes, compasses and cross-staffs" in 1602; in 1606 he was working in the official Armazém da Guiné e Índia; and he later became Cosmographer-major. He must die shortly after 1649.*

De fato, essas informações destoam das características da planta de Paranaguá, uma obra visivelmente rudimentar, com traços grosseiros e detalhes mal acabados. Ainda que a sua data de falecimento tenha sido equivocadamente suposta, teria "O Velho" feito um rascunho tão simples exatamente 10 anos depois da conclusão de sua obra-prima?

Embora não se saiba o ano de nascimento de Albernás II, suas primeiras contribuições são datadas de 1655 em mapa retratando os oceanos Atlântico e Índico e uma das últimas foi produzida em 1681, tratando da Colônia do Sacramento (Uruguai); além disso, sabe-se que viveu até 1699 (Cortesão & Mota, 1960-1962).

Com isso, é mais aceitável admitir a autoria da planta de Paranaguá a Albernás II, considerando-se que poderia ter nascido[29] entre 1615 e 1625 e, ainda, que esta teria sido um de seus primeiros trabalhos, ficando – desta forma – esclarecidos os motivos de tanta imperfeição. Seria por essa razão também, que seu mapa "*Demotraçaõ do Pernagva e Cananeia*" (de 1666, presente no "Atlas do Brasil") [30] assemelha-se tanto ao anterior, inclusive nos detalhes grafotécnicos, nomes e localizações de topônimos, etc. Nada mais seria de uma apresentação aperfeiçoada daquele esboço que fizera treze anos antes, sob a orientação do avô, de quem foi sabidamente discípulo.

Moreira (1972), de fato, listou as seguintes congruências: "Semelhança das gerais imperfeições corográficas e cartográficas; identidade toponímica e gráfica

[29] Supondo-se um intervalo de 20 anos entre cada geração.

[30] Esse atlas é originalmente denominado: "*Livro de toda a costa da Província de Santa Cruz*" e foi produzido por Albernás II (seu avô falecera em 1662). O fragmento sobre Paranaguá é reproduzido por Moreira (1972), em encarte entre as páginas 42 e 43, com nota explanatória (pág.43) sobre as características da obra.

das inscrições; coincidência do valor numérico dos algarismos que marcam o balizamento náutico e sua disposição em torno da ilha do Mel; e, mais, o tipo gráfico dos algarismos”[31].

A autoria do mapa é também importante para a Ornitologia paranaense, não somente com relação ao seu significado histórico, mas também pelo envolvimento com uma espécie extremamente rara no litoral sul do Brasil. Conforme informado anteriormente (Straube, 2005), na “Planta” encontra-se mencionada e nitidamente desenhada a espécie *Eudocimus ruber* (guará), com a legenda indicativa: “*Ilha donde crião os guarases. aves uerm.”* (“Ilha onde criam os guarás, aves vermelhas”).

O ponto exato da citação onde essas aves nidificavam no Século XVII é razoavelmente recuperável, apesar do intrincado complexo de ilhas que adornam as reentrâncias estuarinas de todo o litoral paranaense. Com base na sua situação apresentada em mapa (*cf.* Rivereau 1970; IBGE, 1983), pode-se afirmar que se trate da chamada “Ilha das Rosas”[32], situada nos recônditos da Baía de Antonina.

Uma outra questão que merece ser definitivamente esclarecida é ligada à outra ave ilustrada na “Planta” cuja identidade foi reconhecida por Moreira (1972:50) como uma “*...ema, ainda hoje comum nos campos gaúchos*” e que aparece a leste dos contrafortes da Serra do Mar, onde seria o Planalto de Curitiba.

---

[31] Algumas destas características podem ser avaliadas diretamente em facsimilares de muitos mapas históricos, graças à “Biblioteca Virtual da Cartografia Histórica do século XVI ao XVIII” disponível na website da Fundação Biblioteca Nacional (http://consorcio.bn.br/cartografia/cart_colonial.html), acessada em fevereiro de 2008.

[32] Pode-se calcular sua posição exata como 25°25’23”S e 48°40’09”W.



"Planta da Baía de Paranaguá" (1653) de autoria atribuída a João Teixeira Albernás (Reproduzida de Moreira, 1972, encarte entre as páginas 46 e 47).

Ao contrário do que se pode perceber nos guarás, que apresentam-se com um contorno corporal suficientemente bem desenhado e satisfatoriamente coloridos favorecendo uma identificação inequívoca da espécie retratada, a consideração da ema para o planalto de Curitiba é prematura e carece de qualquer fundamento. Parece óbvio que tanto o cervídeo (?) que aparece ao seu lado, quanto ela própria, tratam-se de rascunhos até certo ponto infantis, sem nenhum detalhe que possa permitir alguma identificação da espécie.

Não há dúvida de que a ave desenhada aparenta grande porte, pernas longas e bico curto mas há um longo caminho para considerá-la como uma ema. As escassas informações da presença espontânea da ema (*Rhea americana*) no Paraná, "ligam-se à porção de cerrado da

região nordeste do Estado, relacionando-se com observações de raros indivíduos em Jaguariaíva nos anos 70 e alegada figuração em inscrições rupestres na região do vale do Rio Iapó” (Straube *et al*., 2004).

É caso profundamente diferente daquele dos guarás que – além do elucidativo texto da legenda onde são explicitamente citados – tratam-se de espécies sabidamente ocorrentes naquela região estuarina, ao menos até o Século XIX, mediante farta documentação (p.ex. Auguste de Saint-Hilaire, 1822, 1851; Manuel Aires de Casal, 1817), inclusive museológica (Johann B.Natterer *in* A.Pelzeln, 1871) e mesmo legal (*vide* adiante sob Luis Antonio de S.Botelho Mourão, 1765; Martim L.L. de Saldanha, 1778).

Esse é, sem dúvida, um caso que obriga-nos a emitir um parecer baseado na ciência ornitológica e não em especulações infundadas que surgem pelo excesso de criatividade. Desta maneira, até que se ajuntem fontes realmente confiáveis, não há quaisquer indícios sobre a ocorrência desta ave nos campos de Curitiba. E muito menos pode-se creditar à “Planta” o respaldo de “fonte documental” para tanto, levando-se em conta, ainda, que a representação da ave de longas pernas pode simplesmente tratar-se de uma alegoria meramente ilustrativa oriunda da imaginação do jovem Albernás, em seu início de carreira.

Cabe lembrar, ainda, que Albernás II contava, em sua época, com fontes nada confiáveis sobre a fauna do Novo Mundo e menos ainda do sul do Brasil. Pode-se dizer que seu trabalho é muito antigo, antecedendo até mesmo os postulados de Athanasius Kircher (1675) sobre os “pretensos animais presentes na Arca de Noé” (Papávero *et al*., 1997). Também era ainda mais recuado (mais de um

século) do que a própria classificação de Carl von Linné[33] (1758) que, à sua página 155, foi o primeiro a batizar a sua "*Struthio americanus*" (atualmente *Rhea americana*, nome científico pelo qual é conhecida a ema), com base em informações de Marcgrave.

Segundo Reis (2002), "os navegantes registravam como podiam as informações sobre os centros urbanos - sobretudo sobre seus sistemas de defesa - e as passavam aos cartógrafos, que as integravam em seus trabalhos, visando sobretudo à orientação para outros navegadores e às necessidades dos militares e dos administradores da Corte".

Aparentemente, o único material bibliográfico que Albernás II poderia ter consultado para obter informações biológicas disponíveis na época e alusivas ao sul do Brasil seriam os "*Comentarios*..." de Alvar Nuñez Cabeça de Vaca (1555), o "*Warhaftige Historia*..." de Hans Staden (1557) e o "*Warhaftige Historien*..." de Ulrich Schmidel (1567).

Realmente, os dois primeiros (*vide*) mencionam a presença de emas (avestruzes) meio às suas longas peregrinações pelo interior do Brasil e Paraguai. Entretanto, pela inexistência de informações geográficas associadas a elas, fica totalmente impossível recuperar com a precisão necessária os locais onde avistaram ou caçaram esses animais. Se considerarmos que o percurso percorrido por esses viajantes estendeu-se também pelo interflúvio Paraná-Paraguai, fica ainda mais claro que tais registros relacionam-se a regiões muitíssimo distantes do planalto de Curitiba. Com efeito, pode-se mesmo arriscar que tenham constatado essas aves já nas imediações de Assunção, visto a frequência com que se pode encontrá-las em tais regiões,

[33] Embora grafado de diversas maneiras, inclusive por ele próprio, adotamos aqui o nome Carl von Linné que é a apresentação original sueca. Carolus Linnaeus é a forma latina, que tem em Caroli Linnaei o genitivo. Carlos Lineu é aportuguesamento desnecessário.

situadas às portas do Chaco (Hayes, 1995; Straube & DiGiácomo, 2007).



Detalhe da mesma planta, com a legenda: "*Ilha donde crião os guarases. aves uerm*[elhas]." ("Ilha onde criam os guarás, aves vermelhas") (esq.). À direita a representação de uma ave e um “veado”, ambos sem identificação plausível.

Por fim, uma informação importantíssima do ponto de vista fisiológico é ligada ao desenvolvimento ontogenético das emas. Essas aves são profundamente dependentes de radiação solar, em particular nas primeiras fases de desenvolvimento, quando precisam de uma considerável absorção do cálcio (mediado pelo sol) para o fortalecimento dos ossos (Bruning, 1973; Reece & Butler, 1984; Ghittin, 1986)[34]. É por essa razão que as emas se reproduzem com tanta facilidade em setores ensolarados do

[34] A fixação de cálcio em aves, répteis e mamíferos sulamericanos depende da Vitamina D3, que é produzida a partir do colesterol e mediada pela radiação ultravioleta (R.R.Lange, 2008, *in litt*.)

Brasil Central, onde encontram tais condições em grande abundância. Cabe ressaltar que repetidas tentativas de manutenção de filhotes de ema (e avestruzes) em cativeiro na região de Curitiba tiveram pouquísimo sucesso, em decorrência desta necessidade vital de luz solar. Não há dúvida que o clima curitibano, em sua essência úmido e de grande nebulosidade [35], constitui-se de um obstáculo fundamental para a proliferação destas aves o que, do ponto de vista biológico, determina um ponto final na presente discussão.

Cronologia

1655 O médico e antiquário dinamarquês Ole Worm divulga o inventário de seu gabinete de curiosidades, sistema que fundamenta o padrão museológico, em "*Museum Wormianum*".

1656 Criação da Capitania de Paranaguá com a compra, pela Coroa Portuguesa, das terras que pertenciam aos herdeiros de Pero Lopes de Souza.

1657 O médico, naturalista, historiador e filósofo polonês Jan Jonston inicia sua farta produção catalográfica sobre História Natural (iniciada em 1625), tangenciando a Ornitologia em "***Historiae naturalis de avibus***".

1658 Willem Pies publica "***De Indiae utriusque re naturalis et medica***", complemento ao capítulo por ele preparado para a obra de Marcgrave, com adições, em grande parte colhidas do

[35] No "Atlas Solarimétrico do Brasil" [www.cresesb.cepel.br], toda a zona leste da Região Sul do Brasil conta estar exposta às menores radiações solares do País, entre 14 e 16 MJ/m^2 por dia. No Brasil Central, esses valores atingem a casa de 18 a 20, ficando apenas atrás da caatinga nordestina, com 20 a 22.

mesmo livro.

1661 Mateus Leme e Baltazar Carrasco dos Reis declaram-se moradores da vila de Curitiba, em ato que contribuiu para a fundação da cidade.

1661 Fernão Dias Pais realiza uma bandeira pelo sul do Brasil até a Serra de Apucarana, no interflúvio Tibagi-Ivaí, onde aprisiona e escraviza quatro mil índios guaianás.

1668 Instalação do pelourinho em Curitiba, no Pátio da Matriz, onde atualmente está a Praça José Borges de Macedo.

1675 Fundação de Florianópolis, quando o bandeirante Francisco Dias Velho e sua família estabelecem um povoamento, na época denominado "Nossa Senhora do Desterro".

1676 Provavelmente o primeiro livro da era científica da Ornitologia, "***Ornithologiae***" é publicado em Londres. A obra foi iniciada por Francis Willughby (falecido antes mesmo de ser lançada) e seu amigo e tutor John Ray (originalmente Wray), que – embora tenha sido o maior contribuidor – abriu mão da autoria. Com grande aprofundamento morfológico, o trabalho foi posteriormente usado por Linné.

1678 Falece Willem Pies.

1681 Tratado provisional de limites (Tratado de Lisboa) é assinado pelos reis D.Carlos II da Espanha e D.Pedro de Portugal, devolvendo a Colônia de Sacramento ao domínio português.

1682 Johan Nieuhof publica "***Gedenkweerdige Brasiliense Zee – en Lant-Reize Behelzende Alhetgeen op dezelve is voorgevallen***", narrando sua viagem a serviço da Companhia das Índias Ocidentais, realizada entre 1640 e 1649.

1693 Com a nomeação de três juízes, dois vereadores, um procurador e um escrivão, ocorre, no dia 29 de março, a fundação oficial de Curitiba, então chamada de Vila de Nossa

Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais.

1703 Tratado de Methuen entre Portugal e Grã-Bretanha, um acordo econômico de interdependência comercial para alguns produtos.

1707 Nasce Carl von Linné, patrono da nomenclatura biológica.

1708 Jesuítas instalam-se em Paranaguá (até 1759) com a edificação de uma estrutura física voltada ao ensino e que deu origem ao primeiro colégio local, em 1755.

1709 Inicia-se o "Ciclo da Mineração" no Brasil (até 1810).

1709 Extinção da Capitania de Paranaguá, absorvida pela Capitania de São Paulo como sua 2ª Comarca.

1711 Publicação de '**Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas**", assinada por Antonil, pseudônimo do jesuíta italiano João Antônio Andreoni.

1712 Início do Tropeirismo no Paraná. Comitivas de viajantes em muares e cavalos deslocavam-se entre as regiões de produção e os centros consumidores, impulsionando o comércio, a cultura, a difusão de idéias e propiciando o crescimento de vilarejos. Pelos roteiros percorridos, estabeleceu-se maior parte dos sistemas de deslocamento regional praticados, e em grande parte coincidentes, até os dias de hoje.

1714 Fundação de Antonina, com o nome de Nossa Senhora do Pilar, no lugarejo antes denominado Guarapirocaba, depois Capela.

1715 Tratado de Paz de Utrech entre D. João V e D. Felipe V, reeestabelecendo territórios das colônias da Espanha e Portugal.

1716 O engenheiro militar, matemático e espião Amédée François

Frézier publica os resultados de sua viagem para o Oceano Pacífico, tendo passado pela Ilha de Santa Catarina (1712), na obra: "***Rélation du voyage de la mer du Sud aux côtes du Chily et du Perou. Fait pendant les années 1712, 1713 & 1714***".

1720 Zacharias Dias Cortes, filho de Guilherme Dias Cortes (ambos conhecidos como os "Bandeirantes Dias Cortes", lembrados em um logradouro curitibano) descobre os "Campos da Palmas", em grande peregrinação que o levou também ao oeste catarinense, pelo Rio Iguaçu. Seus relatos foram usados, muito tempo depois para resolver as questões de limites entre Brasil e Argentina, mediada por Grover Cleveland.

1720 Raphael Pires Pardinho é designado Ouvidor Geral da Capitania de São Paulo, portanto assumindo um cargo comparável ao de juiz ou "sub-governador". Durante sua gestão emite várias ordens oficiais, dentre elas algumas referentes à proteção da avifauna nativa "paranaense".

[1721]

OUVIDOR PARDINHO

RAPHAEL PIRES PARDINHO (n. Portugal, circa 1680; f. Lisboa, Portugal: 28 de dezembro de 1761), personagem sempre lembrado na História do Paraná, foi designado, pelo rei D.João V, Ouvidor Geral da Capitania de São Paulo em março de 1717.

Ocorre que, com a extinção da Capitania de Paranaguá (1710), que passara a ser tratada como 2° Comarca da Capitania de São Paulo, as destacadas cidades ali existentes precisava de tratamento especial, em virtude de seu porte e da população emergente. Para tanto, o ouvidor Pardinho esteve, entre 1720 e 1721, na então Vila de Nossa Senhora de Luz (atual Curitiba, entre junho de 1720 e fevereiro do ano seguinte) e também (posteriormente, até junho de 1721) na região litorânea, na Vila de Nosa Senhora do Rosário (Paranaguá), por ordem do Conselho Ultramarino português.

Graças a essa visita, pôde verificar pessoalmente as condições da Comarca. Com isso emitiu ordens documentais (provimentos), contendo normas (correições) e estabeleceu nova estrutura urbana e rural, além de atualizar documentos oficiais, determinar legislações e éticas ligadas à sociedade (Corrêa & Koch, 2007).

A visita a Curitiba gerou um livro de 174 páginas (todas rubricadas pelo ouvidor), com 129 provimentos, datados de 20 de janeiro de 1721, atualmente sob a guarda

do Arquivo Público do Paraná (Ribas *et al*., 1977); à nota de n° 66, consta o seguinte conteúdo (Pardinho 1721a *in*: Ribas *et al*., 1977:171):

> *"Proveo que nenhuma pessôa com pena e 2000 rs. pagos de cadea apanhem ovos de perdizes ou de outras aves, nem ande a cassa dellas no tempo de sua criação que neste terra hé nos mezes de Setembro athe Dezembro, e os juizes ordinarios procederão contra os q'o contrario fizerem na forma da Ord Lb° 5° tt° 88°, pois tem elle Ouvidor Gl. emformação que muitas pessôas de proposito andão no dito tempo a cassa de ovos creações das ditas aves, como q'se hirão extinguindo sobre o q'os juizes e off.es da Camera farão suas posturas e acordãos, para se quartar este dano"*

Essa intervenção, referente aos cuidados necessários para a conservação de espécies de avifauna ocorrentes em Curitiba é umas das primeiras expressões oficiais de preocupação quanto à biodiversidade no âmbito municipal. Toma como exemplo as "perdizes" que tanto podem se tratar da codorna (*Nothura maculosa*), quanto da perdiz propriamente dita (*Rhynchotus rufescens*), ambas comuns no município, em sua condição original. No entanto, estende-se a todas as aves, aos seus ambientes ("*casa dellas*") e, especialmente, a certas épocas tidas como reprodutivas ("*mezes de Setembro athe Dezembro*"), momento em que as espécies tornam-se mais vulneráveis à caça e apanha.

O material referente a Paranaguá (Pardinho, 1721b), por sua vez, constitui outro livro, com 177 provimentos

datados de 16 de junho de 1721 e que posteriormente foi resgatado pelo historiador Moysés Marcondes (1923)[36]. Aparentemente não há nele nenhuma ligação com a conservação no litoral paranaense, o que iria a ocorrer apenas quatro década depois.

Cronologia

1726 Comandante do navio de guerra *Speedwell*, George Shelvocke publica "***A voyage round the world by the way of the Great South Sea, perform'd in the Years 1719, 20, 21, 22, in the Speedwell of London...***", contendo animais observados na costa de Santa Catarina.

1731 Primeira grande tropeada pelo Caminho do Viamão, no ano que sedimenta o tropeirismo como atividade relevante na economia paranaense e de todo o sul do Brasil.

1731 Fundação dos primeiros povoados na Lapa, com o nome de "Capão Alto".

1733 Fundação de Morretes, cidade litorânea paranaense estabelecida em 1721.

1734 O engenheiro militar e cartógrafo genovês Francesco Tosi (ou Tossi) Colombina (ou Colombinase), contratado pela Coroa de Portugal, realiza uma expedição que gerou a primeira descrição conhecida do Rio Tibagi.

1735 Publicação da primeira edição do "***Systema Naturae***", com apenas 12 páginas, onde Linné determinou os três reinos da natureza: animal, vegetal e mineral.

---

[36] Todo esse material, mais documentos adicionais, foi resgatado e atualizado por Antonio Cesar de Almeida Santos (Pardinho, 1721a, 1721b).

1735 Inicia-se a viagem à parte amazônica da América do Sul, inclusive Brasil, do explorador francês Charles Marie de La Condamine, que dura até 1745, em companhia de Jorge Juan y Santacilia e Antonio Ulloa. De regresso publica vários artigos e livros, com destaque para "***Relation abrégée d'un voyage fait dans l'intérieur de l'Amérique méridionale depuis la côte de la mer du Sud jusqu'aux côtes du Brésil et de la Guyane, en descendant la rivière des Amazones, lue à l'assemblée publique de l'Académie des sciences, le 28 avril 1745***" em 8 volumes.

1737 É lançado o primeiro livro tratando dos ninhos e ovos das aves: "***Dell uova e dei nidi degli uccelli***" de autoria de Giuseppe Zinanni.

1745 Pierre Barrère publica "***Ornithologiae Specimen Novum, sive Series Avium in Ruscinone, Pyrenaeis Montibus, atque in Galliâ Aequinoctiali Observatarum, in Classes, genera & species, novâ methodo, digesta***", uma classificação das aves baseada no formato dos pés e que resulta na divisão da classe em quatro grupos.

1748 A Capitania de São Paulo é extinta, tendo seu território anexado à Capitania do Rio de Janeiro ; essa situação prevaleceu até 1765, com o seu reestabelecimento político.

1749 O físico e naturalista francês René Antoine Ferchauld de Réaumur, em sua obra "***Art de faire éclorre et d'élever en tout saison des oiseaux domestiques de toutes espèces***", alerta sobre o estudo das aves, por ele considerado imperfeito, devido à escassez de coleções e de meios para a preservação dos espécimes de estudo. Embora ele não tenha solucionado o problema, acabou por desenvolver uma técnica de secagem de peles em um forno de padaria, utilizando o calor residual após a preparação dos pães.

1749 George Louis Leclerc, mais conhecido como Conde de Buffon, publica o primeiro volume da monumental obra enciclopédica

"***Histoire naturelle, générale et particulière***", em 35 volumes (o último data de 1788, ano de seu falecimento; a obra foi continuada, em mais 9 volumes, por Lacépède). A coleção se tornou um clássico da História Natural servindo-se inclusive como fonte para vários outros campos do conhecimento.

1750 É assinado o Tratado de Madri (ou Tratado de Limites das Conquistas), entre Espanha (D. Fernando VI) e Portugal (D. João V), onde aplica-se ao conceito do *uti possidetis* (a terra pertence a quem a ocupou) e que culmina com a legitimação dos territórios ocupados a oeste do Tratado de Tordesilhas. Neste ano, o atual estado do Paraná, passou à Coroa Portuguesa, integrando a Capitania de São Paulo.

1750 Inicia-se o garimpo de ouro e diamantes no rio Tibagi, cuja aludida riqueza mineral tornou conhecida toda a região por todo o mundo.

1752 Fundação de Porto Alegre, com o nome de "Porto dos Casais", em alusão aos casais de imigrantes açorianos que ali se instalaram.

1752 Paul Heinrich Gerhard Möhring, médico do príncipe de Anhalt, publica "***Avium Genera***", uma classificação das Aves em duas grandes ordens, cada qual também subdividida em dois grupos.

1754 Nasce o PADRE MANUEL AIRES DE CASAL.

1756 Nasce Alexandre Rodrigues Ferreira.

1756 Ângelo Pedroso Lima e Marcelino Rodrigues de Oliveira exploram o sertão do Rio Tibagi, trazendo informações para o primeiro mapa daquela região.

1757 O jesuíta português João Daniel conclui suas anotações sobre animais observados na Amazônia, com as quais escreveu o manuscrito "**Tesouro descoberto no máximo Rio Amazonas**",

obra publicada somente em 1976, em dois volumes nos Anais da Biblioteca Nacional.

1758 Carl von Linné lança a décima edição do "***Systema Naturae***", com cerca de 4.400 espécies de animais e 7.700 de plantas. Na obra, o autor criava definitivamente o sistema binomial para a classificação, com nomes latinos e hierarquia classificatória. Da classe das Aves, existiam apenas 6 ordens (Accipitres, Picae, Anseres, Grallae, Gallinae e Passeres); da fauna brasileira, teve acesso apenas à obra de Marcgrave e Pies.

1759 Extinção do sistema de herança das capitanias hereditárias pelo Marquês de Pombal. A partir de então, as terras não eram mais herdadas, embora a denominação de capitanias tenha sido preservada até 1821, quando passaram a ser chamadas de províncias.

1759 Marquês de Pombal (Sebastião José de Carvalho e Melo), primeiro-ministro de Portugal, expulsa os jesuítas do Brasil, adotando os critérios usados pelas cortes iluministas de vários países da Europa, que se opunham aos ensinamentos e influência da Companhia de Jesus.

1760 Mathurin Jacques Brisson lança os seis volumes do "***Ornithologia; ou Method contenant la division des oiseaux en ordres, sections, genres, espèces, & leurs variétés...***" com várias descrições de aves ocorrentes no Brasil. Brisson baseara-se na coleção Réaumur (da qual era curador) e em alguns acervos disponíveis em Paris e outros locais da França. Seu estudo é muito mais aprofundado do que o de Linné, em vista do detalhamento das descrições e do reconhecimento de um total de 115 gêneros em 26 ordens, contrastando com o sugerido pelo autor sueco (6 ordens). Brisson é considerado o primeiro zoólogo a introduzir o conceito de "tipo" às descrições de espécies, ainda que não tenha aplicado o termo.

1763 O bispo de Bergen (Noruega), teólogo, historiador e antiquário Erik Pontoppidan, publica o primeiro volume do "***Dansk***

Atlas", obra que seguiu-se ao "*Natural History of Norway*", de 1755.

1764 O zoólogo dinamarquês Morten Thrane Brünnich publica "***Ornithologia Borealis***", com descrições e um catálogo de exemplares, em grande parte baseado em espécies escandinavas.

1765 George Louis Leclerc, o Conde de Buffon, lança a parte pictórica de sua enciclopédia "*Histoire naturelle...*", denominando-a "***Planches enluminées***" e confiando a supervisão de Edmé Louis Daubenton. O último volume do apêndice, foi concluído em 1773 e somados, constam 1939 espécies de aves pintadas à mão, sem muito mérito artístico, mas um excelente trabalho técnico.

1765 Fundação de Guaratuba pelo conde de Oeiras, obedecendo ordem do rei de Portugal D.José I, pela necessidade de estabelecimento de colônias entre Paranaguá e São Francisco do Sul.

1765 Luiz Antonio Botelho Mourão publica lei para proteção dos guarás na Baía de Paranaguá.

[1765]

BOTELHO MOURÃO

LUIZ ANTONIO DE SOUSA BOTELHO MOURÃO (n. Vila Real, Portugal: 21 de fevereiro de 1722; f. Vila Real, Portugal: 5 de outubro de 1798), o quarto Morgado de Mateus, foi uma das mais importantes personalidades do sul do Brasil no Século XVIII, ficando famoso como urbanizador e defensor da cultura e das artes e – regionalmente – pela conquista dos campos do Mourão, onde hoje situa-se a cidade de Campo Mourão.

É deste capitão-general, então governador da recém-reestabelecida Capitania de São Paulo (1765: cargo exercido até 1775), uma das primeiras leis de proteção à fauna nativa em todo o Brasil, cujo teor é o que se segue (SÃO PAULO, 1940:28-29):

Ordem p.ª ser preso toda a pessoa que impedir a produção dos Passaros a q'chamão Guarans foi esta ordem p.ª Parnaguá:

Porquanto Se faz precizo deixar produzir huns Passaros Reaes que Costumão haver na V.ª de Pernaguá, e seu Destr.º, o que chamão Guarans, cuja produção costumão m.tos dos moradores impedir uzurpando-lhes os ovos logo que os Lanção. Ordeno a Miguel de Miranda Cout.º, que por

todos os modos Solicite o augmento da d.ª producção e o que impedir, o prenda a m.ª Ordem, e mo remetta com toda a segurança am.ª presença, p.ª ser castigado a meu arbitrio.

Santos a 5 de Dezb.º de 1765"

Embora Hans Staden não tenha encontrado guarás (*Eudocimus ruber*) no litoral do Paraná, a espécie era (pelo menos a partir dos meados do Século XVII), abundante nas duas baías paranaenses (Paranaguá e Guaratuba). É coerente concluir, tal como já apresentado anteriormente, que Staden simplesmente não tivesse visitado os locais em que nidificavam em grandes e conspícuas colônias, ficando por causa deste detalhe a inexistência de menção para esse Estado, como o fez tão detalhadamente a respeito de outros locais do sudeste brasileiro.

Esse magnífico representante de nossa avifauna possuía algo de simbológico para os governantes, uma vez que – a partir deste instrumento legal – vários foram os desmembramentos que tentaram coibir a ação devastadora dos moradores locais às suas colônias de reprodução. A pergunta que se faz é a seguinte: qual a razão de, em plenos meados do Século XVIII, criar uma norma tão rígida para proteger uma única espécie e, ainda, para assegurar-lhe um aumento populacional? Teríamos aqui uma proto-consciência preservacionista, já evidenciada pelos provimentos do Ouvidor Pardinho?

A resposta pode vir uma década depois, por meio de Martim Lopes Saldanha (sucessor de Mourão) e a manifestação expressa do interesse, por parte da côrte portuguesa, em exemplares vivos ou mortos das espécies mais destacadas da fauna existente na colônia.

Cronologia

1766 Carl von Linné lança a 12ª edição do "***Systema Naturae***", com poucas modificações em relação à décima edição. O autor utilizou muitas aves originalmente descritas por Brisson que, embora tenha lançado sua obra dois anos depois da 10ª edição do *Systema Naturae*, não chegou a consultá-la e, portanto, não adotara o sistema binomial. Das 386 espécies de aves citadas por Linné na 12ª edição, 240 foram baseadas em Brisson.

1766 Inicia-se a viagem de circum-navegação sob o comando de Louis Antonie de Bougainville, com um grupo formado pelos navios *La Boudeuse* e *L'Etoile* e que tinha o naturalista e ilustrador Philibert Commerson a bordo. No ano seguinte tentaram aportar no Rio de Janeiro mas foram impedidos pelas autoridades locais e foram forçados a seguir viagem pelo sul da América do Sul e Estreito de Magalhães.

1768 O navio *HMS Endeavour*, sob comando do famoso capitão James Cook, aporta no Rio de Janeiro, mas a tripulação permanece a bordo por não obter a autorização das autoridades locais para desembarcar. O botânico Joseph Banks, contudo, consegue furar o bloqueio e coleciona 320 exemplares de plantas nos arredores da cidade.

1768 Afonso Botelho de São Payo (Sampaio) e Souza envia – e participa de algumas delas – diversas bandeiras pelo interior de São Paulo e Paraná, a fim de consolidar a soberania portuguesa, pelo vale do Rio Tibagi e nas regiões de Guarapuava e Curitiba. Uma dessas expedições foi liderada por Domingos Lopes de Cascais, entre Caiacanga e Birutuna, pelo Rio Iguaçu.

1768	No Brasil inicia-se o período do Arcadismo (ou Neoclassicismo) com a publicação de “**Obras poéticas**” de Cláudio Manoel da Costa, seguido pelas obras de Tomás Antônio Gonzaga, Basílio da Gama, José de Santa Rita Durão e outros.

[1768]

AFONSO BOTELHO

O fidalgo português **AFONSO BOTELHO DE SÃO PAYO E SOUZA** (n. Solar dos Passos, Portugal: 1° de abril de 1728; f. Vila Real, Portugal: 3 de outubro de 1793), figura famosa na história paranaense [37], foi um líder militar responsável pelas expedições para o interior do Paraná, entre 1768 e 1773, visando a resguardar as fronteiras da colônia portuguesa, cobiçadas pela Espanha (Dorfmund, 1963). Uma de suas grandes e mais conhecidas obras foi a construção da Fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres, até hoje presente na Ilha do Mel, embora construída em 1767.

Chegou ao Paraná em 1767 como tenente-coronel, em companhia do então Morgado de Mateus, Luís Antônio de Souza Botelho Mourão (D.Luís Antônio), assumindo o porto de sargento-mor de Paranaguá. Além das atribuições políticas, administrativas e diplomáticas de seu cargo, também dirigiu várias expedições pelo interior do Paraná, visando atender à ocupação efetiva dos limites territoriais da colônia, definidos pelo Tratado de Madri.

Para isso organizou e empreendeu 13 expedições pelos rios Iguaçu, Tibagi, Ivaí, Piquiri e Paraná, bem como pelos litorais paranaense e paulista (Paranaguá, Guaratuba, Cananéia, Iguape) e Campos Gerais (Lapa, Tamanduá, Carrapatos, Castro), além da na região de Curitiba e São José dos Pinhais (Carneiro, 1986).

---

[37] Uma completa biografia foi produzida por Carneiro (1986).

A mais famosa dessas peregrinações foi a que destinou-o aos temidos[38] Campos de Guarapuava, onde chegou precisamente em 12 de agosto de 1771 em companhia dos capitães Lourenço Ribeiro de Andrade, Francisco Carneiro Lobo e José dos Santos Rosa (Leão, 1924-1928).

Dos relatos de suas peregrinações[39], pouco se aproveitou do ponto de vista biológico (e, em particular, ornitológico) além de documentos resgatados por Sebastião Paraná (Paraná, 1899:54-55, nota de rodapé) e publicados na íntegra, alusivos à expedição aos Campos de Guarapuava. Na continuação das *"...delligencias do Real Servisso em que anda empregado o Tenente - Coronel Affonso Botelho de S.Payo e Souza"* há algumas menções a animais ali encontrados, meio a citações sobre caçadas que se fizeram para alimentar a tropa que seguia viagem.

São citadas antas, veados, jaguatiricas, porcos-do-mato e considerável quantidade de onças ("*...recolhendo-se nos dittos ranchos, fazendo fogo as portas por amor das onças, de q*^{e} *há gr*^{de} *quantidade nesta parage...*") (Paraná, 1899:40). Essa expedição, a penúltima de que participou Afonso, saiu de Curitiba em 9 de novembro de 1771, com a finalidade de "reconhecer Guarapuava e tomar posse dos campos" (Carneiro, 1986).

Aproximadamente no local onde hoje situa-se a cidade de Guarapuava, mencionam: "*...forão ver o Campo*

---

[38] Essa região era território dos kaigangues, considerados violentos e "traiçoeiros". Segundo Ermelino de Leão, no volume I (p.22) do seu "Dicionario historico e geographico do Parana", datado de 1924: "*Ninguem, antes e nem depois delle, prestou mais assignalados serviços ao Paraná. Mas quantas victimas exigiu esse efemero descortinamento dos invios sertões do occidente? Bayão, Nunes, Lopes, Bueno, Bettancourt falleceram em consequencia destas expedições; Frei Ignacio enfermou gravemente; [...]; soldados e camaradas foram consumidos pelas febres e trucidados pelos selvagens*". De fato, nessa que seria sua penúltima viagem, perde sete homens "trucidados" pelos índios (Carneiro, 1986).

[39] Ver também Bonnici (2006).

p[a] a parte do Noroeste, e tendo andado pouco apareceo hûa perdiz, q[e] se atirou.." (Paraná, 1899:43). Essas aves são novamente citadas para as imediações do Rio Jordão (denominado "Porto do Pinhão", na data de 22 de dezembro de 1771): "*...só tinhamos algumas perdises, q[e] eu tinha morto*" (Paraná, 1899:56) e, logo depois, "*...pellas oito horas da noite seamos m[to] bem porco do matto açado e perdises...*". Ali por perto, uma citação semelhante novamente aparece: "*Fui as perdises e mattando quatro avista dos ranxos...*" (Paraná, 1899:58).

Cabe mencionar que, mesmo desde o tempo de Cabeça de Vaca e Ulrich Schmidel, é conhecida a pouca fartura de animais de caça nos campos do planalto paranaense, os quais – quando muito – restringem-se a raros indivíduos que surgiam durante o trajeto e eram abatidos para servirem de víveres. Essa condição é a mesma, aliás, que se observa nos dias de hoje, quando é possível reconhecer, nestes ambientes, apenas duas espécies de aves que poderiam ser consideradas para a alimentação: a codorna (*Nothura maculosa*) e especialmente a perdiz (*Rhynchotus rufescens*). Lembramos, ainda, que a denominação portuguesa apresentada por Affonso Botelho não nos permite uma identificação precisa, tendo-se em vista que ambas as aves podem ser tratadas por "perdiz", o que se observa muito bem no Rio Grande do Sul, onde a segunda espécie citada é conhecida como "perdigão".

Cronologia

1769 Nascimento de FRIEDRICH SELLOW.

1769 Antonie Joseph Pernetty publica "***Histoire d'un Voyage aux***

isles Malouines, fait en 1763 & 1764, avec des observations sur la detroit de Magellan et sur les Patagons", dedicando parte da obra à sua vista à Ilha de Santa catarina em 1763. Dom Pernetty era membro da expedição chefiada por Louis A. de Bougainville, que pretendia fundar uma colônia francesa nas ilhas Malvinas.

1769 Giovanni Antonio Scopoli inicia o lançamento dos cinco volumes de sua obra-maior "***Annus [I-V] Historico-Naturalis***" contendo descrições de exemplares existentes em sua coleção particular e várias outras. Scopoli foi um dos primeiros cientistas, na Europa, a adotar o sistema binomial criado por Linné.

1769 É dada como concluída, após mais de dois anos de construção (1° de janeiro de 1767), a fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres, na Ilha do Mel.

1769 Expedições exploradoras dirigidas e organizadas por Afonso Botelho e realizadas por Estêvão Ribeiro Baião, Francisco Lopes da Silva, Inácio Mota e Francisco Nunes, pelos rios Tibagi, Ivaí, Paraná e Iguaçu. No mesmo ano, também ocorreram as expedições de Bruno da Costa Filgueiras, Antonio Silveira Peixoto, Francisco José Monteiro e Manuel Telles (todas elas pelo Rio Iguaçu até Guarapuava).

1770 Inicia-se a cultura de cana-de-açúcar no litoral do Paraná, para abastecer o mercado de açúcar e aguardente. No mesmo ano, são enviadas amostras de pinheiro-do-paraná para Portugal, com vistas à construção naval.

1770 É publicado o primeiro volume (1770-1786) do "***Histoire naturelle des oiseaux***" capitaneado por George Louis Leclerc, o famoso conde de Buffon. Trata-se de uma das obras pioneiras que incluem a distribuição geográfica em seu conteúdo.

1770 Expedição militar exploradora de Francisco Martins Lustosa, entre Palmeira e Imbituva. No mesmo ano, outras expedições

– todas sob o comando de Afonso Botelho – são realizadas, contando novamente com Bruno Filgueiras (ao longo do Iguaçu), bem como Francisco José Monteiro e Cândido Xavier (Rio Paraná).

1771 Marmaduke Tunstall publica "***Ornithologia Britannica***", incluindo uma classificação das Aves, grandemente baseada no sistema lineano. O autor foi o primeiro britânico a adotar a classificação binomial.

1771 A expedição militar de Afonso Botelho seguindo pelos Campos Gerais, chega finalmente a Guarapuava, onde entra em luta com os índios para finalmente "tomar posse" dos campos. Dois anos depois, graças a essa iniciativa, o sertanista Paulo Chaves de Almeida procede viagem de observação e reconhecimento pelos Campos de Guarapuava, durante pouco mais de um ano (novembro de 1773 a janeiro de 1774).

1772 Segunda grande viagem de exploração pelo Oceano Pacífico, sob o comando do capitão James Cook. Em substituição a Joseph Banks, são convidados Johann Reinhold Forster e seu filho Georg Forster, mas também Anders Erikson Sparrman. Em 1789, esse último publica o diário de viagem: "*A voyage to the Cape of Good Hope, towards the Antarctic polar circle, and round the World with Captain Cook: but chiefly into the country of the Hottentots and Caffres, from the year 1772 to 1776".*

1772 No reinado de D. José I e por iniciativa do Marquês de Pombal, ocorre uma grande reforma na Universidade de Coimbra (criada em 1290). Com isso instituiram-se os chamados "Estatutos Pombalinos", norteando o caráter mais voltado às ciências naturais na instituição. Por consequência, ocorreram contratações de novos professores, dentre vários especialistas estrangeiros, incluindo Domingos Vandelli.

1772 No censo demográfico, obtem-se a soma de 1779 pessoas livres e 1414 escravos em Paranaguá.

1772 É criada a “Academia Científica do Rio de Janeiro”, primeira associação científica do Brasil, pelo vice-rei Marquês do Lavradio. Com sessões de discussão semanais no Horto Botânico do Rio de Janeiro, tinha por objetivo tratar de assuntos de história natural, física, química, agricultura, medicina, cirurgia e farmácia. A entidade encerrou suas atividades em 1779.

1773 Deste ano até 1789, Johann Friedrich Gmelin passa a descrever centenas de espécies de aves, várias delas ocorrentes no Brasil.

1774 Nascimento de GEORGE HEINRICH VON LANGSDORFF.

1774 A cidade de Castro, pouso obrigatório de tropeiros às margens do rio Iapó, é elevada a freguesia, com a denominação de “Freguesia Nova de Sant’Anna do Yapó”.

1774 Jakob Christian Gottlieb Schäffer, que era principalmente entomólogo, lança “***Elementa Ornithologica***”, nova classificação das Aves baseada no padrão dos pés.

1776 Philip Ludwig Statius Müller publica “***Natursystem Supplementum***”, contendo a descrição de várias espécies de aves ocorrentes no Brasil.

1777 Tratado de Santo Ildefonso (ou Tratado de Limites das Américas), assinado por D.Maria I e D.Carlos III: novos limites para Espanha e Portugal nas terras da América do Sul.

1778 Falecimento de Carl von Linné.

[1778 e 1781]

MARTIM LOPES SALDANHA

MARTIM LOPES LOBO DE SALDANHA (n. Portugal: ca. 1730; f. Lisboa, Portugal: ca. 1788) foi governador da Capitania de São Paulo entre 1775 e 1782, sucedendo o Quarto Morgado de Mateus, Luis Antonio de Sousa Botelho Mourão. São dele, algumas determinações ligadas à captura de guarás (*Eudocimus ruber*) no litoral paranaense, bem como outras espécies de aves.

Na primeira delas, dirigida ao Ouvidor da Comarca de Paranaguá (SÃO PAULO, 1956:35-36), assim se expressa ao informar que havia recebido uma caixa com animais tratados por "papos amarelos"[40] e outros:

> *"Tenho escripto a vm.[ce] as incluzas. chega a esta Cidade o seu Meirinho com os dois caixotes, hum de papos amarelos, e debaixo destes raridades de que eu muito gostei, e na verdade hão de ser estimaveis na nossa Corte; pelo que rogo a vm.[ce] que todas as que puder alcançar destas qualidades mas não perca. No caixote grande vem as Conxas, e Buzios, tambem de exelentes feitios, e a vm.[ce] não só agradeço o efectivo cuidado, mas o que espero me continue em descobrirme muitas mais, apezar das deligencias que o Tenente João da Costa está fazendo, que mais julgo curiozid.[e] sua, ou para algum p.[ar] do que para o Snr' Marques do Lavradio,*

[40] Pela característica de coloração, poderia tratar-se de tucanos (*Ramphastos vitellinus* e *R.dicolorus*).

> *que se não lembraria de semelhantes bacatelas, quando lhe falta o tempo p.^{a} cuidar no seu regreço.*
>
> *Os Papos amarelos cuido em beneficiar como tambem os passaros, e para o tempo oportuno espero conceguir q.tos mais forem possiveis, para satisfazer o grande empenho que tenho deles.*
>
> *Eu me persuado que na Corte se utilizarão de extrahir as conchas grandes nas madre perolas para os esmaltes, sem embargo do que, muito obrigado me deicha a lembrança de vm.^{ce} como também participarme há nessa Villa hum homem, que sabe fazer estas obras. D.^{a} g.^{de} a vm.^{ce} São Paulo a 20 de Setembro de 1778 // Martim Lopes Lobo de Saldanha"*

Alguns meses depois (25 de novembro de 1778) envia, em carta ao Sargento-mor de Paranaguá (Francisco José Monteiro), uma ordem ao Capitão-mor de Guaratuba (Miguel de Miranda Coutinho) "*para naquela villa, seu termo, e no dessa de Paranaguá, se matarem e apanharem vivos Guarazes, colhereiros e outras aves de diferentes cores para serem remettidas ao Snr. Vice-Rei*".

Essa ordem superior para o envio de animais para Portugal se estendeu por vários anos. Em 18 de março de 1779, Saldanha comunica a Martinho de Mello e Castro (Ministro e Secretário de Estado dos Negócios da Marinha e Domínios Ultramarinos de D.Maria I) sobre a remessa de um casal de antas e cinco guarás (*Eudocimus ruber*), provavelmente oriundos do litoral do Paraná. No documento inclui, ainda, instruções para os cuidados a serem tomados quando do envio, visto serem domesticados (Arruda, 2002).

No ano seguinte, Mello e Castro confirma o interesse por esse tipo de animais, em carta endereçada ao governador e com o seguinte conteúdo (Pinto, 1979:46):

> *“Sua Mag.^{e} hé servida q.’ V.S.^{a} remetta para esta Corte toda qualidade de Passaros, grandes e pequenos que houver nesta Capitania* [de São Paulo]*, e que repitta essas remessas por todos os navios q.’ se offerecem, emquanto se lhe não mandar o contrário, ordenando V.S.^{a} q.’ ahi se fação viveiros proporcionados ao número e grandeza dos mesmos Passaros, com separação delles e tudo o mais q.’ se julgar precizo para evitar que morram no caminho. Igualmente fará V.S.^{a} remetter toda qualid.^{e} de Animaes quadrúpedes, q.’ houver e se puderem descobrir, com o mesmo resguardo acima indicado. D.^{s} g.^{de} V.S.^{a} Palácio de Queluz em 19 de Julho de 1780”.*

Ao ministro Martinho, couberam inúmeras ordens de remessa e isso se estendeu mesmo até os tempos de Martim Francisco de Andrada (*vide*).

Segundo Pataca (2006:269), em sua espetacular pesquisa: “*A remessa de aves vivas para a Corte passou a ser constante durante o final do século XVIII, cujos animais não tinham somente um interesse científico, mas serviriam para adornar os jardins e viveiros das Quintas Reais que estavam sendo construídas em Lisboa e suas imediações, como o palácio de Ajuda e de Queluz. No período foram remetidos pássaros vivos de diversas regiões do império português*”. De acordo com a mesma autora, destacava-se no grupo um preparador, na época especializadíssimo na conservação de aves: Francisco Xavier Cardoso, mais conhecido como “Xavier dos Pássaros”. Muitos dos espécimes por ele preparados acabavam sendo retidos no Brasil, na chamada “Casa de História Natural”, mais conhecida como “Casa dos Pássaros”, fundada em 1784 por Luís de Vasconcelos e Sousa. Lembramos que essa entidade, iniciada com um pequeno acervo colhido pelo naturalista

francês Joseph Dombey é considerada a precursora das coleções do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

Tais encargos poderiam ser considerados conflituosos com aquela ordem expedida pelo antecessor de Saldanha (*vide* Luis Antonio de Sousa Botelho), originalmente voltada à proibição da caça aos guarás, em virtude do declínio destas aves no litoral paranaense. Entretanto, é claro que o abate dessas aves poderia ser tolerável em certas ocasiões, especialmente quando cargos mais elevados da nobreza estivessem envolvidos. E, naturalmente, se as aves serviam-se à côrte, seja lá para qual propósito, é mais do que natural que deveriam ser preservadas ou mesmo mantidas vivas para manutenção em cativeiro.

A exceção à determinação é facilmente notada em nota adicional, presente no mesmo documento *supra* (SÃO PAULO, 1956), quando Martim Saldanha, em edital publicado em 1781, proibe as caçadas e coletas de ovos deste pássaro para presentear diferentes países ou gasto supérfluo e "*auferir lucros no comercio de suas penas ou de seus filhotes[...] como também retiravam-lhes os ovos, não obstante as expressas recomendações dos Ministros, dos Governadores ou do Conselho, que procuravam coibir o abuso que se tinha generalizado ameaçando a sua total extinção, o que efetivamente aconteceu*". A pena, para quem descumprisse a lei, seria o pagamento de 6 mil réis, mais reclusão em cadeia pública.

Na ocasião, o governador da Capitania também emite uma ordem de advertência a algumas pessoas que caçaram guarás *("...de forma que não só se tem quase extinto estes pássaros, mas o fizeram afugentar para outras ilhas...*"), o que resultou na prisão dos contraventores: José Gonçalves e os alferes Manoel Gomes Marzagão e Antônio Carvalho Bueno.

Aparentemente, o intuito de se colecionar aves com uma finalidade "científica", surgira em decorrência da reforma a que se submeteu a Universidade de Coimbra em 1771 (Barretto-Filho, 2001), considerado um epicentro cronológico, quando a entidade passou a contar com um grupo de professores ampliado, inclusive com a contratação de especialistas de outros países. De fato, as três últimas décadas do Século XVIII correspondem ao chamado período do "Absolutismo Ilustrado" que levou alguns países como Prússia, Áustria, alguns estados alemães, além dos países ibéricos a absorver formas de governo derivadas das idéias filosóficas do Iluminismo. "*Algumas das marcas do absolutismo ilustrado português foram fortemente impressas na investigação científica do período, como ocorreu com a pretendida reforma completa de todos os níveis de ensino em Portugal, ainda que, com o tempo, as mudanças tenham produzido poucos frutos [...]. De qualquer forma, a ilustração priorizava o tema de educação, por sua importância tanto no desenvolvimento da ciência, tão valorizada no período, quanto na política, por conta de contribuir para a formação de bons cidadãos*" (Prestes, 2000). Um dos que se beneficiaram deste processo foi Domingos Vandelli, da Universidade de Pádua (Prestes, 2000), que se correspondia com Carl von Linné, um dos que mais o estimulava a estudar a natureza do Brasil[41].

Algo especialmente importante, então, diz respeito à mudança de conceitos sobre o conhecimento e proteção da natureza do Brasil. Leia-se também a fauna, mas especialmente a flora que, por razão de sua importância agrícola e obviamente econômica, passou a figurar como inspiração para um maior conhecimento da natureza dos continentes ainda virgens. Isso foi, de fato, um dos

---

[41] Alguns conteúdos de cartas trocadas entre Linnei e Vandelli podem ser encontradas na excelente obra de Prestes (2000).

argumentos para a famosa expedição de Alexandre Rodrigues Ferreira[42], aluno de Vandelli, ao Brasil, mas também para a presença de outros brasileiros aqui dedicando-se ao estudo da botânica, tais como Manuel Arruda da Câmara e José Mariano da Conceição Velloso (o Frei Velloso)[43]. Sobre esse último é de se lastimar que o itinerário de sua expedição botânica, realizada entre novembro de 1782 e junho de 1790, tenha passado muito perto dos limites hoje paranaenses. Velloso, coletor cuidadoso e especializado em botânica, tinha um perfil naturalista muito amplo, interessando-se por conchas, peixes, insetos e aves (Pataca, 2006). É de sua autoria, por exempo, o "Aviario Brasilico, ou Galeria Ornithologica de Aves indigenas do Brazil", datada de 1800, obra impressa em Lisboa (Portugal).

Esse conceito utilitarista estendeu-se por muitos anos, repercutindo até mesmo nas idéias de Saint-Hilaire e, de certa forma, nunca mais os recursos naturais desvincularam-se deste seu viés mercantilista.

Como ensina o incomparável Olivério Pinto (1979:36): "*...reflexo dos acontecimentos a que acabamos de nos referir parece ser o apreço que a partir do último quartel da mencionada centúria se ia dando em Portugal aquilo que a fauna brasileira oferecia de mais notável,*

[42] Nunca é demais relembrar que, com a fuga da família imperial ao Brasil, em 1808 os exércitos de Napoleão Bonaparte, sob o comando do General Junot e facilitados pela passividade de Vandelli, roubaram – esse é o termo – do Museu d'Ajuda, todo o material colhido e manuscritos de Alexandre R.Ferreira (Daszkiewicz, 2002), bem como as estampas do *Flora Fluminensis* do Frei Velloso (Nomura, 1992; Paiva, 2005). Apenas uma parte deste material foi resgatado, mas o maior volume permanece até os dias de hoje no Museu de Paris. A prioridade de descoberta, portanto, coube não mais a Alexandre e sim ao zoólogo francês Ettiene Geoffroy de Saint-Hilaire, em um dos episódios de rapina intelectual mais conhecidos e documentados da história das ciências.

[43] O nome oficial de Frei Velloso não aparece integralmente em sua certidão de nascimento, que foi reproduzida por Stellfeld (1952:entre as páginas 8 e 9). Ali há menção simplesmente a *"...José filho legitimo de José Velloso Carmo, e de sua mulher Rita de Jesus Xavier...*" o que levou a diversas grafias ao longo do tempo, permeando-se às alcunhas adicionais de devoção, após ter adentrado ao clero.

havendo farta documentação das frequentes remessas de animais vivos, mamíferos e aves principalmente, destinados aos parques zoológicos de Lisboa”.

O que jamais pode ser esquecido, no entanto, é a necessária rejeição ao caráter puramente brasileiro dado à maior parte dos estudos que enfocam as viagens de naturalistas como decorrência da reforma da Universidade de Coimbra. Segundo Cruz (2002):

> “*Resulta daí, minimizar a dimensão transcolonial da sua atuação que, efetivamente, extrapola os limites da colônia do Brasil. De fato, muitos deles são enviados para outras partes do mundo português, nomeadamente para as colônias da África e da Ásia. Perceber essa dimensão significa ampliar a compreensão do papel desses viajantes brasileiros, inscrevendo-os nos quadros de uma política imperial mais ampla, que contempla a articulação da colônia da América com as demais colônias portuguesas*”.

A política portuguesa, desta forma, ia muito além das fronteiras brasileiras. Acima de tudo visava a uma conexão inter-colonial e, sem dúvida, um alcance mundial, enfim expresso de forma prática e organizada.

Cronologia

1779 Nascimento de AUGUSTE DE SAINT-HILAIRE.

1780 O explorador, coletor e naturalista François Le Vaillant (Levaillant) dá início ao seu dedicado e amplo trabalho de

Ornitologia, primeiramente participando de duas viagens à costa da África e, depois, publicando diversos livros, alguns deles voltados a espécies que ocorrem no Brasil. Le Vaillant era amigo pessoal do pai de Temminck e foi, certamente, um dos primeiros mestres do grande naturalista holandês.

1781 Nascimento de Johann Baptist von Spix.

1781 Nascimento de Maximilian Alexander Phillip, príncipe de Wied-Neuwied.

1781 John Latham publica "***A general synopsis of birds: index ornithologicus sive system ornithologica***", em dois volumes, com 106 pranchas desenhadas por ele mesmo. Na obra estão as descrições de inúmeras espécies de aves que ocorrem no Brasil pois o autor baseou-se em diversas coleções privadas para compor seu trabalho revisivo. Nove anos depois, a obra foi retificada, agora com a adoção de binômios latinos no "***Index Ornithologicus***" (1970). Posteriormente, foi largamente ampliada no "***Supplement***" (1801) e, de 1821 a 1828, no "***A General History of Birds***", com 10 volumes.

1782 Fundação de Tibagi por Antônio Machado da Silva que, acompanhado de sua família, instalou-se nas terras de José Félix da Silva, denominadas até os dias de hoje como "Fazenda Fortaleza".

1782 O médico e naturalista português Francisco Antonio de Sampaio concluiu o primeiro volume, referente às plantas (o segundo e último volume, sobre animais, data de 1789) do manuscrito "**História dos reinos vegetal, animal e mineral do Brazil, pertencente à Medicina**". Sua obra sobre animais é baseada em dissecações que ele mesmo realizou, durante sua permanência em Cachoeira (Bahia) depois de 1758, quando ali chegou.

1782 O frade chileno Juan Ignacio Molina publica em Bolonha (Itália), a obra "***Saggio sulla Storia Naturale del Chile***" com a

descrição, vaga e imprecisa, de 33 espécies de aves daquele país.

1783 O naturalista baiano Alexandre Rodrigues Ferreira, regressando ao país natal após período de estudos na Universidade de Coimbra, sob orientação de Domingos Vandelli, inicia sua longa peregrinação pelo interior do Brasil (até 1792). Naquela que seria intitulada uma "***Viagem filosófica pelas capitanias do Grão-Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá***", visita os estados do Pará, Amazonas e Mato Grosso, compondo magnífica coleção de exemplares, acervo iconográfico e quantidade imensa de vários tipos de informações.

1783 O holandês Pieter Boddaert publica "***Tableaux de Planches Enluminées***" com descrição de diversas espécies de aves brasileiras, mas, com a restrita tiragem de 50 exemplares. O objetivo do autor era a identificação das aves retratadas na obra pictórica "*Planches enluminées*", ou seja, o apêndice ilustrativo da '*Histoire naturelle*" de Buffon.

1783 O guarda-mor Manoel Cardoso de Abreu conclui o seu trabalho intitulado "**Divertimento admiravel – para os historiadores observarem as machinas do mundo reconhecidas nos sertões da navegação das minas de Cuyabá e Matto Grosso: extrahido pela curiosidade incansavel de um sertanista paulistense, que os calculou successivos nuns poucos de anno**". Ali cita muitos animais conhecidos para os rios Tietê, Taquari e Paraguai, mas a obra foi apenas publicada em partes nos anos de 1900 a 1902.

1784 Ano da fundação da "Casa dos Pássaros", um gabinete de História Natural iniciado com as coleções doadas pelo naturalista francês Joseph Dombey, quando de sua visita ao Rio de Janeiro ao retornar de peregrinação ao Peru.

1784 Nasce o cronista ANTÔNIO VIEIRA DOS SANTOS, considerado patrono da História no Paraná.

1784	O engenheiro italiano Antonio Giuseppe Landi concluiu seu manuscrito denominado "***Descrizione di varie piante, frutti, animale, etc. della Cappitania del Gran-Pará***", publicado apenas em 1976 como "Landi, esse desconhecido (o naturalista)" por Oswaldo R. da Cunha. Na obra, faz menção a vários elementos da natureza consttados durante suas viagens à Amazônia paraense. Aqui aportou como técnico da comissão encarregada de auxiliar na definição dos limites decorrentes do Tratado de Madri, em 1753.
1785	Portugal proíbe indústrias no Brasil por determinação de D.Maria I preocupada com a expansão da produção de produtos têxteis e metalurgia na colônia. O alvará seria revogado apenas em 1808, com a chegada da família real.
1785	O juiz de fora Diogo de Toledo Lara Ordonhes, também alcaide-mor de Paranaguá, realiza viagem entre São Paulo e Cuiabá, resultando em manuscritos, em grande parte extraviados, mas que acabaram publicados vários sécuos depois. Em seu conteúdo constam narrativas de viagem e importantes anotações sobre a avifauna registrada.
1786	O sueco Anders Erikson Sparrman publica o primeiro volume (dentre quatro: 1786-1789) do catálogo "***Museum Carlsonianum: in quo novas et selectas aves, coloribus ad vivum brevique descriptione illustratas, suasu et sumtibus generosissimi possessoris/exhibet***". Depois disso (1806), o autor publica um tratado de Ornitologia da Suécia.
1786	Por iniciativa do vice-rei Luiz de Vasconcelos e Sousa (Conde de Figueiró), é criada no Rio de Janeiro, a "Sociedade Literária", voltada a pesquisas de diversas naturezas, inclusive história natural e suas aplicações. A entidade extinguiu-se em 1792, devido a movimentos políticos de descontentamento, dentre eles a Conjuração Mineira.
1786	O frei José Mariano da Conceição Velloso inicia sua expressiva pesquisa sobre a flora do Brasil, incluindo a obra "***Flora Fluminensis***".

1787 Nasce JOHANN BAPTIST VON NATTERER.

1788 O químico alemão Johann Friedrich Gmelin publica o primeiro volume (1788-1793) da 13ª edição do "***Systema Naturae***", prosseguindo o trabalho de Linné. Os dois volumes sobre aves (1788 e 1789) incluíam a descrição de muitas espécie novas, várias delas baseadas na obra de Latham.

1789 Inconfidência Mineira, revolta de cunho político contra a cobrança exagerada de impostos e dominação portuguesa do Brasil.

1790 Frei Velloso conclui sua "***Flora Fluminensis***", que seria publicada apenas em 1825, em 11 volumes.

1792 George Shaw publica o primeiro volume da obra "***Musei Leveriani explicatio, anglica et latina***", contendo descrições de novas espécies; o volume seguinte sairia em 1792 tendo a obra um total de 72 pranchas coloridas. Esse autor, eventualmente associado a F.P. Nodder, descreveu ainda várias espécies de aves brasileiras.

1793 As primeiras bases para a criação do *Naturistorischen Museum Wien* (Áustria) são iniciadas, com a compra, pelo imperador Franz I, das coleções de insetos de Joseph Natterer (pai de Johann B.Natterer).

1793 É fundado, durante a Revolução Francesa, o *Musée national d'Histoire Naturelle* de Paris (França), a partir do *Jardin royal des plantes médicinales*, criado por Luis XIII e tendo com um de seus mais destacados cientistas Jean Baptiste von Lamarck.

1799 Alexander von Humboldt e Aimé Bonpland iniciam sua expedição à América do Sul e, chegando à região do Rio Negro pelo Canal de Casiquiare, são expressamente proibidos de entrar no Brasil por determinação da Coroa Portuguesa. Um dos maiores naturalistas de todos os tempos, Humboldt apenas foi conhecer o Brasil em 1854.

1799 Bernard Germain Etienne Médarde de la Ville sur Illon, conde de Lacépéde, publica uma classificação das Aves baseada no estrutura do bico, intitulada "***Tableaux Méthodiques des Mammìfères et des Oiseaux***". O autor iniciara sua sua contribuição às ciências naturais (sob proteção do conde de Buffon) em 1788 quando lançara o "*Histoire naturelle des quadrupèdes ovipares et des serpens*".

1800 Inicia-se o Ciclo do Café no Brasil (até 1930), primeiramente no Vale do Paraíba, expandindo-se gradativamente pelo litoral (1801) e depois no interior do Paraná, nas colônias de Jataí e Teresa Cristina.

1800 O Frei Velloso publica "**Aviario Brasilico, ou Galeria Ornithologica de Aves indigenas do Brazil**", obra litográfica impressa na Tipografia do Arco do Cego, em Lisboa (Portugal). Do grupo que frequentava esse local, estava Hipólito José da Costa, depois fundador (1808) do Correio Braziliense.

[1781 a 1801]

FÉLIX DE AZARA

FÉLIX DE AZARA (n. Barbuñales, Espanha: 18 de maio de 1746; f. Barbuñales, Espanha: 1811) é, sem nenhum exagero e com todos os méritos, considerado o mais importante naturalista conectado ao Brasil meridional de todo o período que antecedeu a Abertura dos Portos. Seu trabalho é um marco divisório intelectual, em inúmeras áreas de conhecimento, fixado entre os séculos XVIII e XIX[44].

De antemão lembramos que ele esteve no Paraná[45] apenas de forma tangencial, durante seus trajetos percorridos entre Assunção (Paraguai) e o litoral atlântico. Esteve, por exemplo, navegando no terço final do Rio Iguaçu, a montante das Cataratas, paisagem natural mencionada em várias passagens de sua obra[46]. Também

[44] Tivemos recentemente a grande notícia de que o amigo Julio Rafael Contreras encontra-se ocupado na produção de uma grande revisão biográfica de Azara, estudo que, graças ao senso naturalista do autor, deverá suprir as grandes lacunas que existem atualmente sobre o assunto.

[45] A sugestão para a sua inclusão nesta obra, vem de José Fernando Pacheco, amparado pela envergadura da obra do naturalista espanhol, pela magnitude de sua influência na intelectualidade durante a transição entre os séculos XVIII e XIX e, especialmente, pelo quanto contribuiu – indiretamente – para a inauguração da Ornitologia das regiões meridionais do Brasil.

[46] "*Se navegó com el mayor cuidado posible por los principales rios, es à saber: Paraguay desde el Jaurú, todo el Paraná desde el Tiete, de este una parte y lo mismo del Iguazú, del Uruguay y del Curuguaty, y en seguida el Jesuy, el Tebicuary y el Guatemy, con parte del Aguaray y por todas partes fijé la desembocadura de los rios*" (Azara, 1850:35); vide também, na mesma fonte (página 60), a breve, porém precisa, descrição do Rio Iguaçu ("*Rio Iguazú o Curitiva*").

descreve, com certo detalhamento, os saltos das Setes Quedas, hoje desaparecidos (Azara, 1805:59).

Azara, de tradicional família aragonesa, era irmão do político e diplomata José Nicolás de Azara (1730-1804)[47] que, dentre outros feitos, participou como articulador de vários assuntos internacionais de limites entre países como a Itália, Espanha e França (González, 1943).

Transitando por universidades espanholas, Félix seguiu inicialmente a carreira militar, especializando-se e atuando em engenharia. Sua capacidade intelectual, bem como o fato de ter sido considerado e celebrado, na Espanha, por sua intervenção na Expedição à Argélia (1775), granjearam-lhe visibilidade ao rei Carlos III que, em 1777, assinara com D.Maria I o "Tratado de Santo Ildefonso", determinando limites para as colônias espanholas e portuguesas na América do Sul.

Com isso, em 1781 o monarca encarregou-o de participar como comandante (para a seção do Paraguai) de uma comissão de Portugal e Espanha visando à legitimação *in situ* dos traçados fronteiriços. Um detalhe dessa negociação, no entanto, acabou sendo decisiva. O grupo português demorou-se nada menos do que doze anos para ajuntar-se aos demais comissionários, com os quais seria dado andamento aos trabalhos de definição de limites.

Azara, nesse tempo, aproveitou para produzir diversos manuscritos sobre as regiões que visitara e especialmente onde havia se estabelecido, no Paraguai. Tais escritos abordavam inúmeros assuntos, desde geográficos e históricos até – e notavelmente – relacionados à História Natural da porção centro-meridional da América do Sul, nunca antes visitada por nenhum naturalista habilitado.

[47] Os dois, separados quando Félix nascera, apenas foram se conhecer pessoalmente quando este, com 19 anos de idade, visitou Barcelona, onde o irmão morava. O rápido encontro foi se repetir apenas 35 anos depois, com seu regresso à Espanha.

Permaneceu por 20 anos (1781-1800) na América do Sul e ali visitou uma vasta região compreendida entre o leste do Paraguai e adjacências do Uruguai (Montevidéu), Argentina (Misiones e Corrientes) e Brasil, no vale do Rio Paraná (Robebar, 1830). Em território brasileiro cumpriu seu encargo ao percorrer um largo perímetro fronteiriço que incluia o oeste do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná e sul do Mato Grosso do Sul (Azara, 1805).

Sua viagem dividiu-se em duas partes, sendo a primeira dedicada a um estudo *in loco* das zonas de fronteira com retorno a Buenos Aires e, uma segunda, rumo a Assunção, onde se estabeleceu para organizar os dados colhidos e realizar reuniões e acertos com a comissão. Durante esse último lapso, aproveitou para empreender muitas viagens, em especial na "*frontera del Este, que es la del Brasil*", para a qual foi designado comandante (Azara, 1805).

Sua função, nessas empreitadas eram bem objetivas (Azara, 1805;34): "*El principal objeto de mis viajes, tan largos y multiplicados, era levantar la carta exacta de aquellos países; que es lo que correspondía á mi profesion, y para lo cual me hallaba provisto de los instrumentos necesarios*".

A realidade, poucas vezes revelada nas obras históricas é que Azara acabou, pela simples contingência do destino, se revelando um naturalista de primeira qualidade, mais pelo interesse de aproveitar o tempo livre do que propriamente pensando em resultados grandiosos[48] – os

[48] A descrição de seus métodos de observação da natureza, e da importância em fazê-los, é vividamente descrita em Azara (1805:38); ali ele também explica os porquês de ter considerado os minerais, plantas, répteis, peixes e outros organismos apenas como complementos de seus escritos. Avaliando-se com mais cuidado, observa-se, no entanto, que as descrições desses grupos, cada qual com capítulos especiais em Azara (1805), é bastante profunda se comparada com o que existia até então.

quais efetivamente obteve. Segundo suas próprias palavras (Azara, 1801:Prólogo, p.iii):

> *"Habiéndome conducido el destino al Paragüay, donde era imposible servir á la Patria segun mis deseos y profesion, medité buscar una ocupacion y recurso que aliviase mis pesadumbres y fuese de alguna utilidad. Lo que me pareció mejor fué acopiar conocimientos históricos y geográficos; pero como esto no satisfacia enteramente mis deseos, comencé á observar, comprar, matar y describir los animals que veía, con el fin de que mis noticias aprovechasen á la historia natural. No solo esto, sino que careciendo de dibuxante, comencé á desollar y rellenar los páxaros y quadrúpedos para enviarlos al Real Gabinete; pero viendo que la polilla y corrupcion, á que propende mucho el clima, lo destruían todo á veces en el mismo dia, desisti del empeño, y metí em aguardente las especies menores, porque me persuadieron que ai llegarian en buen estado á dicho Gabinete, adonde remeti de seis a setecientos individuos".*

Essa condição, associada à sua competência, desencadeou a produção de pelo menos quatro obras magnas, todas de grande interesse para a História Natural do Neotrópico.

A primeira delas, editada em 1801, acabou denominada "*Essai sur l'histoire naturelle des quadrupèdes de la Province du Paraguay*". Esse livro surgiu em uma contingência toda especial. Tendo recebido exemplares da obra do conde de Buffon [49], o naturalista espanhol transtornou-se pela superficialidade dada por aquele autor à

[49] Leia-se a obra enciclopédica "*Histoire naturelle: générale et particulière"*, lançada entre e 1749 e 1789 (36 volumes), cuja parte pictórica (publicada em 1765) acabou denominada "*Planches enluminées*".

fauna sulamericana. Ali encontrara (Azara, 1802:Prólogo, p.vii): “*...una infinidad de descripciones casi todas confusas incompletas y erradas en la parte historica*”. Ao mesmo tempo, também discordava frontalmente da pequena riqueza faunística e de um incipiente endemismo declarado pelo autor francês:

> *“Parece que Buffon es de parecer, que los climas todo lo alteran, y que el de América disminuye la magnitud á las bestias, siendo incapaz de producirlas del tamaño que en otras partes. Pero á mi ver en todo se equivoca; pues he encontrado en la Ornitología de Autor á muchos pasaros que tienen em América las propias formas, magnitud, colores y su distribucion que en el resto del mundo.*

Ficara preocupado, ainda, com potenciais publicações que poderiam estar vindo ao lume, tratando dos animais que estudava há vários anos. Desta forma, por questões de preservação de prioridades, o livro acabou por ser publicado quando o naturalista ainda se encontrava no Paraguai, quase de regresso à sua terra natal. Teria para isso enviado seus manuscritos ao irmão, José Nicolás, que encarregou-se de editá-lo rapidamente. Na obra consta quase todo o resultado de seus estudos, mas, como fôra redigido em francês, muitas das grafias originais do guarani acabaram adulteradas, ou adaptadas à fonética daquela língua. Isso deveu-se por não estar ele direta e atenciosamente envolvido com a tradução, realizada por Moreau de Saint-Mery, contratado pelo irmão embaixador (Hershkovitz, 1987).

O segundo livro de Azara (1802), em espanhol, chamado “*Apuntamientos para la historia natural de los quadrúpedos del Paraguay y Río de la Plata”* é a versão

completa da obra, onde constam todas as observações e dados que foram tratados na edição anterior, além de correções e informações adicionais, colhidas nesse lapso de tempo (Azara, 1850; Hershkovitz, 1987).

No mesmo ano, saiu outro livro, agora de enorme importância para a Ornitologia: "*Apuntamientos para la Historia Natural de los paxaros del Paragüay y Rio de la Plata*" em três volumes somando quase 1600 páginas (Azara, 1802). Nele constam descrições de 448 espécies de aves, preparadas quase artesanalmente e separadas de acordo com seus conceitos de famílias (descritas nos respectivos capítulos introdutórios). Azara não usava a classificação binomial (Bauchot *et al*., 1970), fundada quase meio século antes. Adotava denominações locais, em guarani, provavelmente amparado por Ruiz de Montoya em um estilo que serviu-se de inspiração – com notáveis coincidências – ao usado por Bertoni (1901) (*vide* também Baratti & Candolfi, 1999).

Para cada "espécie" havia um número romano e denominação guarani ou espanhol, encabeçando várias páginas de descrições, incluindo cultura popular, distribuição regional, hábitos, hábitat, descrições detalhadas de plumagem (de acordo com o sexo e idade) e medidas. Também faz uma breve resenha sinonímica, com os nomes latinos adotados na literatura. Em muitos casos critica as descrições e desenhos da obra de Buffon, corrigindo-os quando necessário. Em inúmeras passagens da obra, ainda, menciona a participação de seu amigo Don Pedro Blas Noseda, cura da redução de "*San Ignacio güazú*" (Província de Misiones, Argentina) como informante de muitos dados originais.

Poucos anos antes de falecer, Azara achou por bem publicar a descrição de sua viagem, nos moldes seguidos por naturalistas mais conhecidos, muitas décadas depois. Lança,

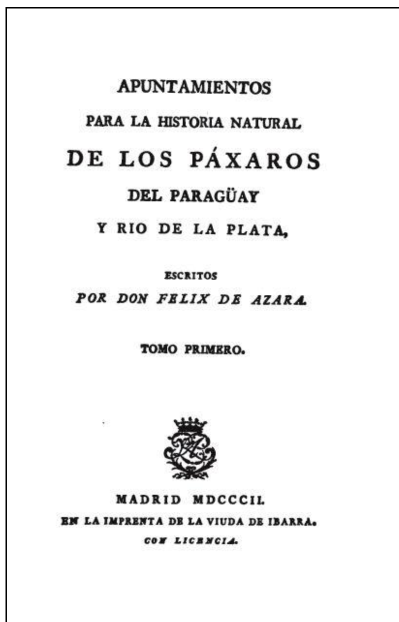
então, o "*Voyage dans l'Amérique meridionale"* (1809)[50] para o qual contou com a participação de zoólogos adeptos do sistema lineano (o que não ocorrera nas obras anteriores), dentre eles George Cuvier e Bernard Germain Étienne Delaville, mais conhecido como conde de Lacépède. Esse zoólogo francês teria obtido notoriedade na classificação dos mamíferos, com o lançamento de seu livro "*Tableaux des genres des mammifères - divisions des ordres*" de 1799 (Nomura, 1998).

Seu legado acabou servindo de subsídio para uma série de novos conceitos sobre as condições ambientais da América do Sul e, inclusive, sobre o tratamento científico da época, para as questões de classificação e mesmo de evolução orgânica. A revolução por ele inaugurada suportava-se em uma inegável (e incômoda, para os ortodoxos) vantagem: "*El señor Azara es el primero que há dado à conocer la conformacion y habitudes de varios animales, de los cuales no poseíamos sinó descriciones imperfectas y diseños inexactos y de los que no se sabia em cierta manera mas que el nombre. El há enriquecido con un gran número de especies que eran aun desconocidas à los naturalistas, el catálogo de los animales que nos es mas útil conocer, y cuando menos podíamos esperar nuevos descubrimientos em tan importante ramo*"[51].

[50] Segundo Florencio Varela, que a prefaciou, Félix teria passado por dificuldades financeiras, o que o forçara a vender seus manuscritos (em espanhol) para um livreiro de Paris, que os publicou em francês. A edição de 1850 ("*Viajes por la America del Sur*") é a primeira em espanhol e teve nada menos do que Bernardino Rivadávia como tradutor.

[51] Nota editorial (Azara, 1850:16-17) de Charles Athanase Walckenaer, estudioso que se encarregou de traduzir os manuscritos originais castelhanos para o francês.




APUNTAMIENTOS
PARA LA HISTORIA NATURAL
DE LOS PÁXAROS
DEL PARAGÜAY
Y RIO DE LA PLATA,
ESCRITOS
POR DON FELIX DE AZARA.
TOMO PRIMERO.
MADRID MDCCCII.
EN LA IMPRENTA DE LA VIUDA DE IBARRA.
CON LICENCIA.

Félix de Azara (óleo de Francisco de Goya: http://www.wikipedia.org) e o frontispício de sua obra sobre Ornitologia.

Não apenas essas foram as consequências de seu trabalho. As contribuições por ele deixadas, visivelmente ricas e criteriosas, foram consideradas e largamente citadas por todos os naturalistas que transitaram pelo leste do Brasil no Século XIX. Segundo Pacheco (2011, *in litt.*), um número altíssimo de espécies de aves do sul e sudeste brasileiro fizeram seu *debut* descritivo com base nos seus livros e, desta forma, como fontes primárias, suas descrições acabaram por permear toda a literatura zoológica da época[52]. Alguns dos autores que se beneficiaram de suas obras, batizando novos táxons de acordo com o sistema binomial

[52] Inclua-se aqui Charles Darwin que, em sua "Origem das espécies", menciona explicitamente Azara na consideração sobre a reprodução do pica-pau-do-campo (*Colaptes campestris*).

foram Vieillot, Temminck e Lichteinstein, sendo que alguns deles perpetuaram seu legado nos nomes científicos da cutia (*Dasyprocta azarae*), do macaco-da-noite (*Aotus azarae*) e até de aves como o araçari (*Pteroglossus azara*) e o furnarídeo *Synallaxis azarae*. A Karel Johann Gustav Hartlaub (1847) coube uma reorganização de suas contribuições ornitológicas em um "*Systematischer Index*"

Embora nenhuma das espécies por ele citadas possam ser consignadas ao território paranaense, onde ele – como dito – esteve apenas tangencialmente, a magnitude de suas obras serve-se notavelmente para o conhecimento da distribuição geográfica e mesmo de características biológicas mais básicas de um sem número de táxons diretamente relacionadas com essa unidade da federação.

Um dos exemplos que atingem diretamente a avifauna do Paraná, cientifica e culturalmente falando, é a gralha-azul. Essa ave, oficialmente considerada símbolo estadual, foi descrita por Vieillot em 1818 sob o nome *Pica caerulea* (hoje *Cyanocorax caeruleus*), com base na "*Urraca Celeste*" (Pinto, 1944:330), espécie de número 55 da obra de Azara (1802:259) (Figura 10).

Nada mais justo, então, do que considerá-lo aqui não como contribuinte, mas como estudioso honorário da Ornitologia paranaense, ao fechamento do Século XVIII.

PARA LA HISTORIA NATURAL. 259



NÚM. LV.

DE LA CELESTE.

Las costumbres son las de la *Morada*. Tambien la voz, aunque me parece algo mas aguda y clara; y vive contenta en jaula comiendo carne.

Longitud $14\frac{1}{6}$ pulgadas: cola $5\frac{5}{6}$: braza $21\frac{1}{6}$. Otro individuo tenia una pulgada ménos. Toda la cabeza y lo anterior del cuello son negros aterciopelados, y la pluma de barba suelta y suave. Todo el resto de la librea celeste vivo y bello; pero los remos por debaxo, y los dos órdenes mayores de tapadas son obscuros bruñidos.

Cola 12 plumas en escalerilla, la de afuera 6 líneas mas breve que la interna. Pico 17, casi recto, agudo, fuerte y negro. La pierna, tarso, dedos y remos como la *Morada*. Iris pardo. En la raiz del pico se elevan verticalmente 10 líneas algunas plumas tiesas y cerdosas en el entrecejo.

kk 2

Reprodução da página 259 de Azara (1802) sobre a gralha-azul (*Cyanocorax caeruleus*), detalhamento que subsidiou a descrição original da espécie em 1818.

Cronologia

1801 Johann Centurius, conde de Hoffmansegg, envia seu colecionador Friedrich Wilhelm Sieber ao Brasil, onde este permanece por 12 anos. Sieber trabalha na Amazônia e os outros dois colaboradores do conde (Francisco Agostinho Gomes, João da Silva Feijó e Luís Beltrão), coletam no Rio de Janeiro, Pernambuco, Bahia e Ceará. São pelo menos treze as espécies brasileiras válidas obtidas pioneiramente por Sieber no Pará e descritas por Temminck, Wagler, Kuhl, Cabanis, Lichtenstein e Illiger.

1801 O espanhol FÉLIX DE AZARA inicia sua grande obra (1801-1809) sobre animais (mas também flora, geografia, clima e antropologia) do Paraguai, oriunda de observações que colhera durante sua longa permanência (1781-1801) naquele país. Destaca-se "***Apuntamientos para la historia de los páxaros del Paragüay y Rio de la Plata***" em três volumes (1801-1805), onde descreve 448 espécies novas. Azara havia sido convocado como representante espanhol para a definição de fronteiras das colônias sulamericanas.

1802 O coronel George Montagu publica os dois volumes do "***Ornithological Dictionary***; ***or Alphabetical Synopsis of British Birds***". A obra, apresentada em ordem alfabética, lista as aves britânicas de acordo com o nome comum, com descrições de cada uma e várias remissões, no caso de sinônimos. Também contém uma lista de espécies e um glossário de termos usado por Linné e outros.

1802 MARTIM FRANCISCO RIBEIRO DE ANDRADA, irmão de José Bonifácio, realiza uma viagem de exploração geológica por São Paulo e Paraná, visitando os Campos Gerais e região de Curitiba.

[circa 1800]

JOSÉ ANTÓNIO LOPES

Em 2008, o historiador e arquiteto Magnus Roberto de Mello Pereira divulgou um documento de enorme importância para a historiografia paranaense do início do Século XIX, no livro "Histórias de Curitiba", editado pela Fundação Cultural de Curitiba (FCC, 2008). Trata-se da transcrição de uma cópia datilografada que, por sua vez, teria sido transcrita a partir de um documento de data desconhecida[53].

O autor, que também não pôde garantir a autenticidade do texto, teria comprado esse material de um alfarrabista em Lisboa e motivou-se a publicá-lo por ser "...inédito e desconhecido dos estudiosos da história de Curitiba" (Pereira, 2008). Infelizmente, nem mesmo se pode concluir que o título consignado à reprodução seja o mesmo que consta na fonte original, embora sua grafia seja sugestiva para tanto.

Apesar de tantas incertezas, não há dúvida de que o documento alude à descrição da presença, pelo período de quase um mês (2 a 27 de julho), de **JOSÉ ANTÓNIO LOPES** em duas cidades paranaenses durante uma viagem de

[53] Pereira acredita que a data esteja nos "primeiros anos do século XIX". A suposição baseia-se no falecimento (1799) de uma das pessoas citadas, o capitão-mor Lourenço Ribeiro de Andrade associada a um fragmento textual do relatório: "*Ainda em São Paulo soube com grandississimo desgosto, q' o Doutor havia morrido há alguns anos*". Segundo Inssa (2000), Lourenço foi capitão-mor da Vila de Curitiba entre 1765 e 1799.

empreendeu, provavelmente entre São Paulo e o Rio Grande do Sul.

Se cercado de dúvidas está esse documento, tanto mais se pode dizer sobre a personalidade que o assina. Tudo o que se pôde apurar é que José António Lopes teria se dirigido a Curitiba a serviço do Reino, munido de cartas de recomendação ao capitão-mor da Vila, Lourenço Ribeiro de Andrade. Tendo aqui a notícia que esse senhor havia falecido há alguns anos, foi ter com seu filho (Antonio Ribeiro de Andrade) que o sucedera no cargo, entre 1800 e 1821 [54]. Chama a atenção o fato de Lopes ter ficado incomodado com a notícia da morte de Lourenço, haja vista ser ele o "*único no lugar q' recebera as luzes do conhecimento da universidade*". De fato, segundo Inssa (2000), o capitão teria se licenciado pela Universidade de Coimbra, por volta de 1747 e, senão o único, seria uma das poucas pessoas letradas a habitar a cidade.

Lopes chega em Curitiba no dia 2 de julho, proveniente de Cubatão e provavelmente por Paranaguá, após subir a Serra do Mar. Segundo ele "*A V*[a] *de N.S*[a] *da Lux de Curitiba não se ve, senão depois de chegar a ella, por cauza de estar situada na descida de hua elevaçaõ, e estar tapada por hum bosque. A parte mais baixa della hé muito pantanoza, môrmente no tempo da chuva*".

No dia seguinte, afirma ter-se obrigado a permanecer recluso, em virtude das chuvas que se abatiam sobre seu alojamento, uma pequena casa de propriedade de Manuel Joaquim de Jesus, "*nos suburbios do Rocio da Villa, próximo a hum córrego a q' chamavam Yuvevê*" (hoje bairro Alto da Glória). Nesse momento iniciam-se as pistas sobre suas conexões com as ciências naturais, ao afirmar sua atividade: "*Fiquei a ler M. Duhamel du Monceau sobre o*

[54] Para Inssa (2000), Antônio foi quem, amável e hospitaleiramente, abriu as portas de sua própria casa para albergar Auguste de Saint Hilaire em sua estada em Curitiba em 1820.

transporte por mar de árvores e plantas e outras coisas pertencentes ao objecto da Historia Natural" (Pereira, 2008:27). Referia-se a *M[onsieur]* Henry Louis Duhamel du Monceu (1700-1782), autor de inúmeras obras sobre agricultura e preparação de solos.

Em seguida, Lopes afirma também ter consultado outro livro-chave: "*Fiquei a ler as Breves instrucções da academia das sciencias de lisboa sobre a remessa dos produtos e noticias pertencentes a historia da natureza* [...]". Trata-se de alusão à obra orientadora, e de certa forma normativa, lançada pela Academia de Ciências de Lisboa em 1781, visando à correta preparação de materiais de história natural, bem como seu acondicionamento e remessa, para a formação de um museu nacional. Esse documento foi consulta obrigatória de todos os emissários que se dirigiram ao Brasil: "*Adverte-se com tudo a cada hum dos Correspondentes e Comissarios, que, quando por alguns motivos, que ocorrão, lhes não seja possivel satisfazer em tudo, satisfação ao menos em parte, e do melhor modo que poderem, ao que nestas Instrucções se recommenda, enquanto ao numero e perfeição dos exemplares que se pedem, e em quanto ao methodo de os preparar e remetter*" (ASL, 1781).

Em 20 de julho, acompanhado de seu anfitrião, Lopes dirige-se à vila da Lapa, descrevendo alguns costumes locais e, uma semana depois, declara sua saída, rumo ao "continente de S.Pedro" (ou seja, o Rio Grande do Sul). Na realidade sua estada fora abreviada por alguns desentendimentos com locais, tendo ele saído com uma impressão curiosa sobre o *"...tão desaprazivel logar, em q' quase findaram os meos dias pelo infeliz climma ou pelos insultos e atrocidades dos facinorozos filhos das suas mais poderosas familias*". Ocorre que o local onde estava alojado fôra invadido: "*Haviam entrado nas casas e feito todo o tipo*

de malfeitoria. Meos liv^{os} *estavam rasgados pollo chão, thé o Livro de Notas do tabelião. Os frascos de agoardentes em q’ metera umas cobras e outros animaes exquizitos para mandar ao Real Gabinete estavam todos partidos. Tudo o q’ havia escrito p*^{r} *comissão de sua Mag. sobre a villa havia desaparecido. Sobraram umas folhas avulsas e feliz*^{te} *o caderno dos diários q’ levara á Villa comigo*”.

Com base no exposto e apesar do malogro de sua empreitada, pode-se dizer que José António lopes teria sido um dos primeiros corógrafos e, de certa forma também um naturalista, a visitar o Paraná com finalidade ligada à História Natural. Dessa maneira, embora nada se conheça positivamente sobre muitas informações relevantes dessa estada e tampouco da avifauna local, o autor do documento é claro ao mencionar seus objetivos: “*...com vistas a começar a attender a comisSão de q’ incumbira S.Magestade qual era de entrar circunstanciadam*^{te} *na inteligencia da Villa de Coritiba e seos Campos Ger*^{es} *de modo a ordenar huas pormenorizadas Memmorias em Grossos volummes, indagando q*^{to} *ao estado natural Que clima tem? Q’ campos a cercão? Q’ montes tem vizinhos? De q’ fructos é abundante?* [...]”.

Essa obra provavelmente nunca existiu ou com muito otimismo poderia estar guardada em algum arquivo português. De qualquer forma, caberiam investigações em acervos ainda inexplorados, visto ter sido Lopes um dos primeiros enviados oficiais de Portugal a visitar o território do Paraná, como consequência das reformulações da Universidade de Coimbra.

1802 e 1805

Martim Francisco de Andrada I

Martim Francisco Ribeiro de Andrada[55] (n. Santos/SP: 19 de abril de 1775; f. Santos/SP: 23 de fevereiro de 1844), formado em filosofia natural e matemática pela Universidade de Coimbra, foi um político do legislativo (deputado) e executivo; nessa última condição foi o primeiro dos ministros da Fazenda do Brasil independente. Embora de grande valor como pesquisador, é mais lembrado como irmão de José Bonifácio, o patriarca da Independência[56]; Junto a ele, mais seu outro irmão Antônio Carlos, formaram a tríade dos Andrada, grupo de grande expressão política ao fim do Período Colonial.

Segundo Varela & Lopes (2007), Martim se destacou também como "estudioso e pesquisador do mundo natural. Participou de viagens científicas, publicou diversas memórias no âmbito da história natural e administrou espaços governamentais ligados diretamente à mineração". Um de seus estudos, lançado pouco antes de sua chegada ao Brasil, é uma tradução de obra sobre as propriedades industriais e medicinais do cânhamo (*Cannabis*) (Marcandier, 1799); também traduziu o "*Manual do*

---

[55] Seu filho homônimo, Martim Francisco *filius* (1825-1886) foi deputado por São Paulo e ministro das Relações Exteriores do Império. O neto, o advogado também homônimo (Martim Francisco III: 1853-1927) também se destacou na política. Eventualmente é encontrada a grafia "D'Andrade" e "...e Andrade", mas também a forma completa "Martim Francisco de Andrade Machado e Silva"; adotamos aqui a grafia do "*Diccionario Biographico Brazileiro*" de Sacramento Blake (1883-1902, 6º volume).

[56] E obviamente um cientista (e conservacionista!) destacado que, dentre outros cargos, fez parte da Academia Real de Ciências de Lisboa desde 1789 (ver Pádua, 2000; Falcão, 2006).

Mineralogico, ou Esboço do Reino Mineral" (Bergman, 1799-1800).

O tempo em que esteve em Coimbra recebendo a mesma formação técnica que seus irmãos mais velhos, foi muito importante para sua carreira como estudioso e político. Adequando-se à política de recuperação do império lusitano estabelecida pelo Marquês de Pombal, acabou como uma das personalidades que, ao concluirem os estudos na eminente entidade de ensino, acabaram arregimentadas para ocupar cargos políticos de destaque.

Um de seus grandes feitos foi a participação ativa na Tipografia do Arco do Cego, criada em 1799 (Varela & Lopes, 2007). Esse projeto editorial visava à tradução de obras importantes para o conhecimento corográfico do Brasil, bem como à produção de obras técnicas relacionadas com esse propósito. Dentre os mais conhecidos colaboradores estava o Frei José Mariano da Conceição Velloso – famoso no campo botânico – que, em 1800, publicou o "*Aviario Brasilico, ou Galeria Ornithologica de Aves indigenas do Brazil*".

Em abril de 1800, Martim foi designado para o cargo de inspetor de minas e matas (e naturalista) da Capitania de São Paulo, órgão submetido à Intendência Geral das Minas e Metais do Reino, na época dirigida pelo irmão José Bonifácio (Varela & Lopes, 2007).

Aparentemente fez duas viagens que contemplaram o Paraná, ainda que de forma periférica, via de regra dando maior atenção ao interior paulista.

A datação do que seria a sua primeira viagem ao território paranaense é um pouco complicada, pois os dois relatórios, copiados por Francisco A.Varnhagen diretamente dos manuscritos (Andrada, 1882), tratam de duas partes de

uma única viagem[57]. A parte que alude ao Paraná teria considerado “diferentes villas desde Sorocaba até Coritiba” com início em 27 de novembro de 1802. De Sorocaba, Martim passara por Itapetininga, Itapeva, Apiaí e Rio Verde adentrando no Paraná por volta dos dias 20 a 24 de dezembro, ao cruzar o Rio Itararé. Descreve algumas particularidades da vegetação: “todas as mattas do Rio-Verde, e as que se observão desde Iapó até Coritiba, compoem-se de pinheiros que Linneo meteo no genero *pinus* especie *araucana”.*

Passa pela então vila de Castro, [fazenda] Murungaba, Rio Jaguaricatu, Jaguariaíva, Furnas, Lança (Piraí do Sul), Tijuco Preto e pelo Rio Iapó. Depois disso parece que retornou a São Paulo, cumprindo o roteiro discutido na primeira parte do artigo (Andrada, 1882).

Em início de abril de 1803, investiga o Rio Caxambu e, em seguida, aporta na região hidrográfica do Rio Tibagi, visitando inclusive a Fazenda Monte Alegre e muitos outros pontos das nascentes deste rio. Passa então por Conchas, Tamanduá, Rio dos Papagaios e Bugre quando, finalmente atinge Curitiba. Entre 16 de abril e 4 de maio permanece instalado na capital, realizando incursões pelas adjacências (p.ex. Botiatuva, São José dos Pinhais, grutas calcáreas do alto vale do Ribeira). Toma então o caminho de regresso, mas por outro percurso, que contempla “*a fazenda dos Capados e São Luís, ambas campos de criar, e perto da última passou nas margens de um córrego; no dia seguinte passou por Vutuguara (Butuquara) e foi parar em*

[57] Embora seja apresentado antes (“*Jornal de viagem por diferentes villas até Sorocaba principada a 26 de Janeiro de 1803*”: Andrada, 1882:5), esse relatório é um anexo do posterior (“*Jornal de viagem por diferentes villas desde Sorocaba até Coritiba, principada a 27 de de Novembro de 1802*”; Andrada, 1882:30). Toda a viagem teria iniciado em 27 de novembro de 1802 e findada a 8 de maio do ano seguinte. No segundo relatório há um período extenso (“Janeiro, Fevereiro, Março, até 5 de abril”; Andrada 1882:36) que refere-se ao período tratado com mais detalhes no primeiro documento.

Cambijú...” (Lopes, 2005). Grande parte dessa área compreende os limites da clássica Fazenda Santa Rita, cuja avifauna foi extensamente pesquisada nos anos 80.

Depois passa por Itaiacoca, Pitangui e novamente chega ao Rio Iapó, tomando – segundo ele – o mesmo caminho percorrido na viagem de ida.

Infelizmente não há nada de positivo com relação às suas observações sobre a fauna local, tampouco avifauna. Martim refere-se a “todos os mineraes, e vegetaes, enunciados nas minhas differentes viagens pela Capitania, [que] forão remetidos ao ministerio pela secretaria do ultramar” (Andrada, 1882:47). É de fato sabido que, em 1803, Martim foi incumbido da conservação e envio de “plantas bravas” para Lisboa, muitas delas oriundas de suas coletas feitas no planalto paranaense e que seguiram para Lisboa. Nesse material, além de itens mineralógicos, constavam amostras de resina de pinheiro, de almêcega e de angico, mas também objetos etnológicos. Em outras remessas, encaminhou muitos exemplares de plantas, e também de fósseis, destinadas ao “complexo museológico d’Ajuda” (que englobava o Museu Real, o Gabinete de História Natural e o Jardim Botânico), dirigido por Domenico Vandelli. Segundo Varela & Lopes (2007), naquele tempo “*remetiam-se as plantas secas e os animais empalhados para o Real Museu ou para o Gabinete de História Natural da Ajuda, onde eram conservados em produtos químicos, dissecados e analisados*”[58].

Uma outra viagem de Andrada, ainda, ocorreu em 1805. Um de seus relatórios de viagem, agora alusivo à excursão pelo vale do Rio Ribeira e litoral paulista, foi publicado (Andrada, 1847) por iniciativa do Instituto

[58] São de fato numerosos os documentos oficiais emitidos no âmbito da Capitania de São Paulo e que aludem à remessa de animais e plantas brasileiros para Portugal, notavelmente entre meados do Século XVIII e início do Século XIX (Arruda, 2002).

Histórico e Geográfico Brasileiro, que organizou e unificou a apresentação original, divulgada em vários números no periódico 'Gazeta Official". Lastimavelmente, esse resgate foi possível apenas até o litoral sul de São Paulo, na região de Cananeia, visto que, a partir dali, os manuscritos se perderam (Blake, 1900). Os dados colhidos, no entanto, são interessantes como registros em regiões adjacentes ao território paranaense.

O itinerário se iniciou em Santos (8 de julho de 1805), passando por Peruíbe, Itanhaem, Iguape e Cananeia, cidade limítrofe onde se demorou onze dias, entre 27 de julho e 6 de agosto. Do percurso, descreve detalhadamente o Rio Ribeira (Andrada, 1847:534), aparentemente com foco em sua foz, defronte à Ilha Comprida:

> "Esta ribeira, admiravel pela sua extensão e largura, e pela facilidade de navegação até Yporanga, pela fertilidade das terras que ficam em suas margens, pela abundancia de peixe, caça de pello e passaros, como jacús, antilopes, macucos, tetráo maior, nambú (an tetráo minor?) gralhas, jurutís, (*colomba passarina*) guirapongas, maitacas e papagaios, especies do genero *psitacus*, carões e piassocas, &c, seria um paiz admiravel, e de grande rendimento para Portugal, se fosse mais povoado por gente mais industriosa e mais abastada, pois que grandes fundos só são capazes de dar grandes lucros ; mas S.A. está mui longe, e só de perto é que pode ver os melhoramentos de que carecem suas colonias".

Jacus, citados por ele, são *Penelope obscura*, também conhecidos como jacuguaçu ou jacu-velho. Os macucos e inambus referem-se certa e respectivamente a *Tinamus solitarius* e *Crypturellus obsoletus*, sendo notável a distinção de tamanho entre ambos. As gralhas são

indiscutivelmente gralhas-azuis (*Cyanocorax caeruleus*), guirapongas são *Procnias nudicollis* e baitacas, *Pionus maximiliani*. Registro interessante, de grande valor histórico pode ser resgatado quanto aos papagaios que, sem dúvida, são *Amazona brasiliensis*, espécie endêmica do litoral-sul de São Paulo e toda a porção litorânea paranaense. Carões e piaçocas são aves aquáticas, talvez *Aramus guarauna* e *Jacana jacana*, essa última conhecida como jaçanã ou cafezinho.

Em seguida, Andrada adentra, em breve excursão, o Rio Juquiá, afluente da margem esquerda e declara alguns aspectos interessantes sobre a avifauna adjacente ao Paraná (Andrada, 1847:535):

> "Tenho-me espantado da prodigiosa multidão de passaros, que sem medo algum vêm comnosco confraternisar, e isto me faz lembrar o que um viajante francez refere das ilhas Malvinas no começo da povoação que ahi se intentou o governo francez, mas que depois cedeu á coroa de Hespanha: um naturalista que viajasse só com o designio de indagal-os, sem duvida teria enriquecido a ornithologia de muitas especies e generos novos".

Em 13 de agosto retoma o caminho fluvial pelo Rio Ribeira, até chegar na foz do Rio Açungui [59] (um dos formadores do Rio Juquiá, São Paulo), o que aconteceu aproximadamente em 3 de setembro de 1805. Nesse ponto, Andrada (1847:536) aprofunda-se no relato sobre o leito fluvial, margens e outros detalhes do rio, inclusive faunísticos:

---

[59] Não confundir com o rio homônimo, totalmente paranaense, que também desagua no Rio Ribeira, porém, na divisa dos municípios de Rio Branco do Sul e Cerro Azul.

> "Se Linneo intentou suas primeiras viagens á pé e despido de todos os meios, eu tambem, por instruir-me conhecendo os productos naturaes d'esta capitania, tenho asrrostado com todos os perigos, cobrindo-me com as folhas da areca oleracea e alimentando-me com o seu palmito, zombando de onças, tão damnosas e malfazejas, andando á pé por entre matas continuas, emmaranhadas de espinhos : tudo isto tolero com gosto, e só me desgosta a escasseza de observações (menos bugios e micos)".

Em seguida, seguindo por um caminho que levava a Itapetininga, visita e dedica várias linhas ao Ribeirão Xiririca, cuja foz encontra-se perto da cidade de Eldorado (São Paulo). Chega a Ivaporunduva, hoje uma comunidade de quilombolas e, em seguida Jurumirim, atualmente uma barragem situada no Rio Paranapanema, perto de Avaré.

No dia 19 de setembro já está na divisa com o Paraná, ao adentrar o "arraial de Yporanga" (atualmente Iporanga, São Paulo). Dali descreve os rios, grutas e rochas do afloramento calcáreo e segue para Apiaí, retornando – no fim do mês – para Iguape. Nessa primeira incursão, como visto, Andrada não chega a atingir os limites paranaenses mas passa por locais muito próximos.

De Iguape chega a Cananeia em 3 de outubro, por meio de uma canoa. Nesta data colhe uma informação preciosa (Andrada, 1847:544): "*N'este mesmo dia matei um guará : esta ave tem o tamanho de um frango, o bico comprido, fino e acanelado; o pescoço do comprimento de quase um palmo, as pernas compridas, delgadas por quatro dedos ; a côr é vermelha, mas n'este todas as pennas ainda não estavam vermelhas ; as da barriga eram brancas, e as coberturas das azas e pescoço eram pardacentas (*heotantalus ruber, *L.)*". Refere-se à espécie atualmente

denominada *Eudocimus ruber*, o guará, tão lembrado em inúmeras crônicas desta e outras regiões do Sudeste e Sul brasileiros, desde tempos muito recuados.

Anos mais tarde, Martim e seu irmão José Bonifácio ainda publicariam o relatório de outra viagem feita por ambos (1820 a 1821), exclusivamente em solo paulista e, tal como os anteriores, com ênfase em geologia e mineralogia (Silva & Andrada, 1846)[60].

Cronologia

1803	Chega ao Brasil o alemão GEORGE HEINRICH VON LANGSDORFF (já cônsul geral da Rússia), em sua primeira visita, onde permanece por nem dois meses como naturalista de expedição russa para exploração da América comandada pelo capitão A.Krusenstern. Na ocasião, coleciona espécimes ornitológicos em Santa Catarina. Nove anos depois (1812), publica "***Bemerkungen auf einer Reise um die Welt***", narrando suas impressões de viagem.

[60] Esse mesmo conteúdo foi divulgado em francês muitos anos antes por Menezes de Drummond, com autoria atribuída (em nota de rodapé) apenas a José Bonifácio ([Silva], 1827).

1805 a 1806

JOAQUIM DE AMORIM E CASTRO

JOAQUIM DE AMORIM E CASTRO (n. Bahia, 1750; f. Rio de Janeiro: 28 de fevereiro de 1817) foi um advogado, doutor em Direito pela Universidade de Coimbra, desembargador e juiz da Coroa e da Fazenda, atuando na cidade de Cachoeira (onde era fazendeiro) e no Rio de Janeiro; era também um naturalista por opção sendo, ao mesmo tempo, membro do Conselho de Justiça Militar e sócio-correspondente da Academia Real das Ciências de Lisboa (Blake, 1883-1902).

Publicou diversas obras (bem mais do que as cinco comumente mencionadas nas biografias), em geral tratando de Botânica e agricultura, todas descritivas e iconográficas e aludindo a aspectos da história natural da cochonilha, do malvavisco, da cultura do tabaco e, ainda, das árvores de importância econômica na Bahia, entre 1790 e 1894 (esta última *post mortem*).

Sua produção mais notável foi o "Historia natural do Brasil, segundo o systhêma de Linêo [...]", uma monografia com 52 páginas enviada à Academia de Lisboa em julho de 1789, tratando da fauna e flora da cidade baiana onde residia.

Grande parte de sua obra foi produzida quando morava em Cachoeira (Bahia), onde esteve até 1801 quando então se transferiu para o Rio de Janeiro, assumindo a

função de desembargador. Seu escritos não apenas se constituiam de livros e relatórios mas também de rica correspondência trocada com Domingos Vandelli e deste com outros correspondentes, anunciando as descobertas (Pataca, 2006).

Algo que chama a atenção em seu protocolo de trabalho é a adoção de uma nova filosofia de experimentação científica, resultado indiscutível das novas ideias consequentes da reforma pombalina. Segundo Pataca (2006): “O autor associa os 'estudos de gabinete', a leitura de bibliografia e a observação no campo em seu processo de investigação. Para ele, essa complementaridade era essencial, especialmente para as análises das minas, onde a disposição geográfica dos minerais é essencial para o planejamento de extração e para a construção de teorias”.

Entre 1805, Castro – já reconhecido como naturalista e portando grande expressão política na colônia – foi nomeado desembargador-sindicante [61] da Comarca de Paranaguá (Oliveira, 2008). No entanto, pouco se sabe sobre sua atuação como magistrado naquela cidade litorânea paranaense e, menos ainda, sob suas funções secundárias de naturalista naquela cidade. Autores, embora mencionem explicitamente as suas inclinações para a História Natural, tratam com desmerecido desleixo essa importante fase da vida do estudioso baiano. Kato (2004), inclusive, questiona se ele realmente atuou em Paranaguá e mesmo se efetivamente esteve na cidade em algum momento.

Em nosso ponto de vista, novas diligências e pesquisas mais minuciosas em arquivos locais poderiam resultar – caso documentações e mesmo escritos tenha sido

[61] Vários autores referem-se a Castro como ouvidor em Paranaguá, dentre eles Antônio Vieira dos Santos. No entanto, segundo Pegoraro (2007), o ouvidor da época seria Antônio Ribeiro de Carvalho, atuando nessa função entre 1804 e 1810. O naturalista baiano teria sido designado pelo governador da Capitania de São Paulo para averiguar a conduta de João Batista dos Guimarães Peixoto, antigo ouvidor, exonerado em 1802.

produzidos por ele – em valiosas informações sobre as condições ambientais da época, tão pouco abordada por seus contemporâneos.

Isso por que, segundo Pataca (2006), no período em que esteve de alguma forma ligado a Paranaguá "... também realizou algumas investigações em história natural, especialmente nas viagens de ida e volta para o Rio de Janeiro, que foram realizadas em sete meses, '*costeando a imensa costa, q. decorre da Sepetiba athe a Villa de Santos, e dahia athe a villa de Parnagua na grande distancia de quazi trezentas legoas; e outra tanta estensão de caminho no regresso athe esta Corte'"*. Essa informação, que não pudemos apurar, baseia-se em um documento do acervo da Biblioteca Nacional, no qual solicita nomeação ao cargo de deputado da Junta do Comércio (Pataca, 2007).

Cronologia

1807 Fuga da família real para o Brasil, em conseqüência do Bloqueio Continental determinado por Napoleão e da iminente invasão dos exércitos franceses a Portugal. Esse episódio é um verdadeiro marco para diversas mudanças ocorridas no Brasil, especialmente no campo das ciências naturais.

1807 Em Munique inicia-se o acervo, sob os cuidados da Academia de Ciências da Bavária, do chamado *Wilhelmine Museum*, mais tarde *Zoologische Staatssammlung München*. Em 1811, as coleções zoológicas são separadas das demais e ficam sob a curadoria de Johann B.R.von Spix.

1807 É publicado o primeiro volume (incompleto, contendo apenas

parte das ilustrações) da obra do alemão Peter Simon Pallas, intitulada “***Zoographia Rosso-Asiatica***”, onde faz uma síntese das idéias de Linné e Buffon, tidas como opostas. Do primeiro autor ele sedimentou a classificação binomial e, do segundo, a idéia de que as espécies eram mutáveis, particularmente em decorrência das variações climáticas. Pallas publicou muitos livros, cabendo-lhe a autoria de pelo menos 425 espécies de aves, maior parte delas na segunda metade do Século XVIII. Algumas delas serviram de matéria-prima para diversos autores que realizaram as devidas redescrições.

1808 É assinado, em Salvador, o Decreto de Abertura dos Portos às Nações Amigas, uma carta régia assinada por D.João, príncipe-regente. Era o fim do Pacto Colonial que obrigava os produtos brasileiros a passarem pelas alfândegas portuguesas para serem comercializados. Com a determinação é que foram possíveis as tantas expedições de pesquisa e coleta de material biológico e etnográfico dentro das fronteiras brasileiras, até então fechadas para visitantes estrangeiros.

1808 Exércitos napoleônicos liderados pelo General Junot invadem o Museu d’Ajuda, em Lisboa. Sob o comando do naturalista Geoffroy de Saint Hilaire, roubam diversos itens, especialmente iconográficos e exemplares preparados e colecionados por Alexandre Rodrigues Ferreira e pelo Frei Velloso.

1808 Com a nova divisão político-administrativa da colônia, Curitiba torna-se 5ª Comarca da Província de São Paulo.

1808 Por meio de carta régia, o Príncipe Regente D. João ordena o extermínio dos índios botocudos e, com isso, declara oficialmente “principiada a guerra contra esses bárbaros”.

1809 O barão Wilhelm L.Eschwege, fundador da Geologia e Mineralogia no Brasil, chega ao País a convite de D.João para ocupar o cargo de inspetor das minas e curador do Real Gabinete Mineralógico. Nesta posição permanece até o seu retorno em 1821. Suas viagens são relatadas em “***Journal von***

	Brasilien" (1818) e no famoso "***Pluto Brasiliensis***" (1833).
1809	O Padre Francisco das Chagas Lima chega aos Campos de Guarapuava, com a expedição liderada por Diogo Pinto. Ocorre a fundação de Guarapuava, como "Nossa Senhora de Belém", na região entre os rios Coutinho e Jordão.

1809 a 1827

PADRE CHAGAS LIMA

O padre **FRANCISCO DAS CHAGAS LIMA** (n. Curitiba, 1757; f. Guarapuava, 1832) [62] exerceu sua profissão em Curitiba (até aproximadamente 1795), depois Queluz, onde permaneceu até 1808; no ano seguinte, foi transferido para Guarapuava, como 1° capelão da Real Expedição Colonizadora dos Campos de Guarapuava, intervenção épica liderada pelo tenente-coronel Diogo Pinto de Azevedo Portugal (Macedo, 1951). Essa expedição tinha como finalidade, explorar os campos de Guarapuava, pacificar os índios bravios lá instalados e fundar novas povoações[63]. Duas outras incursões com o mesmo objetivo (a primeira por Bruno da Costa Filgueiras e, em seguida, pelo capitão Antônio da Silveira Peixoto) já haviam sido malogradas anteriormente, em decorrência de ataques dos indígenas.

Assim o cônego Ildefonso Xavier Ferreira, em 13 de agosto de 1853, referiu-se à missão do padre:

---

[62] Essas informações são de Francisco Negrão (1926-1950) mas totalmente confusos são os dados biográficos sobre o padre. No "Diccionario Bibliographico Brazileiro" de Sacramento Blake (1893:426 do volume 2) consta: "*Brazileiro, não sei si nato ou adoptivo, nasceu, segundo posso calcular, pelo anno de 1780*". Segundo consta, era irmão de Manuel da Cruz Lima, pai de Diogo Feijó, Regente Feijó (1835-1837).

[63] Informações valiosas sobre o Padre Chagas e sobre os campos de Guarapuava estão em Saint-Hilaire (1940).

> *“No começo do presente seculo, appareceu nesta provincia um genio raro, um destes ornamentos do clero de S. Paulo, o virtuoso Curitybano Padre Francisco das Chagas Lima, que estando capellão da ‘Apparecida’ (em Guaratinguetá) foi mandado a Queluz, hoje Villa Rica, bastante populosa, ao pé das Arêas, para catechisar os indios, que viviam n’aquelle lugar. Luctando com a penuria, com a fome e com a miseria (porque o Governo de então quasi nada lhe ministrava) conseguio graças aos benemeritos seus Amigos de Guaratinguetá) aldear os indios, reduzil-os a fé catholica e proporcionar aos fazendeiros aquelles ricos terrenos para a cultura do café. Ha passado meio seculo, e sabemos que ainda existem poucos descendentes dessa horda, ali subsistentes, e que a villa de Queluz é uma das mais florescentes da Provincia. Poucos annos depois foi mandado este Apostolo a Guarapuava (ao sul da Provincia) e tendo outros recursos do Governo, porque já existia no Brasil a familia Real Portugueza, Conseguiu catechisar tres nações diversas cujas linguas falava perfeitamente, contando já innumeraveis filhos, arrancados a idolatria; seus trabalhos foram destruidos pelo commandante da expedição que contra a vontade do Padre Missionario queria misturar, e com effeito misturou, os soldados com os indigenas, facilitando assim a desenvoltura dos soldados e dos indigenas, tambem a ella propensos” (Negrão, 1871-1937).*

Em Guarapuava, Chagas Lima instalou-se por 17 anos, para catequizar os temidos índios Camés, dos quais tornou-se amigo e defensor. Teve grande participação no processo de colonização daquela cidade, da qual produziu um mapa em 1821 e diversos escritos. Um deles trata-se de um relato sobre o descobrimento e descrição da "Colonia de Guarapuava" (reproduzido em Paraná, 1899:79), com

destaque para os costumes e língua dos índios locais, nominados "Camés, Votorões, Dorins e Xocrens" (p.90) e descrições sobre o clima, paisagens, rios, orografia e animais. Todas essas denominações indígenas nada mais são do que referências a grupos de caingangues, cujos primeiros registros linguísticos foram feitos pelo próprio Padre Chagas no seu livro "Memoria sobre o descobrimento e colônia de Guarapuava", redigido em 1827 e publicado apenas em 1842 (Lima, 1842).

Ele também escreveu em 1821 o "Estado actual da conquista de Guarapuava no fim do anno de 1821", tratando do mesmo tema e com outros detalhes descritivos da região. Esse estudo foi publicado *post mortem*, quase um século depois, como encarte de Franco (1953), que resgatou os manuscritos (D'Angelis, 2003). Por toda sua contribuição ao conhecimento da lingua dos "bugres", como eram tratados os caingangues, Chagas recebeu a alcunha de "Anchieta de Guarapuava" pelo historiador Ermelino de Leão.

Estudioso, Padre Chagas Lima é um dos poucos que menciona, em sua obra, informação colhida por um naturalista conhecido mas pouco lembrado:

> *"O clima é analogo aos dos campos geraes de Coritiba, frio e de temperatura irregular, pois se elevam (como observou o Dr.Sellow na freguezia de Belem) a 450 braças acima do nivel do mar".*

Algumas narrativas de sua lavra são interessantes para a Ornitologia paranaense como a que se segue, com o seguinte teor (Lima, 1842:64):

> *"O rio que consta ser mais abundante de peixe é o Pequery, não muito distante do Campo* [de Guarapuava]. *N'este tambem se encontra formação de pedra calcarea e de mina de ferro. Nos campos são as differentes formações de granito, ás quaes denominam lageados. Encontram-se poucos quadrupedes indigenas, algumas onças e veados; ha, porém, abundancia de perdizes e avestruzes, e alguns corvos brancos, assim como papagaios e periquitos, que se aninham nos bosques visinhos, de onde sahem para o campo; além d'isso encontram-se alguns dos pequenos passaros vulgares n'esta provincia".*

Perdizes - seja essa denominação alusiva às perdizes propriamente ditas (*Rhynchotus rufescens*), seja às codornas (*Nothura maculosa*) - são de fato comuns naquela região, visto as grande extensões de campos naturais que originalmente existiam ali (*vide* sob Affonso Botelho de S.Payo e Souza acima). Já os "papagaios" tratam-se do papagaio-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*) e os periquitos, que quase certamente referem-se à popular espécie conhecida como tiriva (*Pyrrhura frontalis*), não causam nenhuma suspeita quanto à citação. Da mesma forma, os tais "corvos brancos", nome pelos quais são conhecidos localmente os urubus-reis (*Sarcoramphus papa*) incluem-se nas aves bem conhecidas para a região e sem qualquer tipo de destaque adicional.

O que traz sugestão para questionamento são as "avestruzes" que, por certo referem-se às emas (*Rhea americana*), cuja presença nos campos de Guarapuava parece digna de suspeita, haja vista a incompatibilidade com sua distribuição conhecida para o sul do Brasil (*vide* Cabeça de Vaca e João Teixeira Albernás II, acima). Por faltarem

informações mais detalhadas, na referida obra, sobre a presença destas aves, consideramo-la como puramente especulativa. Isso porque, somadas as localidades de ocorrência da espécie, obtemos a metade meridional do Rio Grande do Sul (Belton, 1984), inclusive litoral mas, por esse setor, atingindo apenas o litoral extremo sul de Santa Catarina, particularmente na região de Sombrio (Rosário, 1996). Nada impede, por exemplo, que o padre Chagas tenha se baseado em fontes mais antigas e não propriamente em relatos obtidos de sua experiência de campo gerando (ou perpetuando), por assim, dizer, um "erro em cascata".

Em publicação póstuma, mas redigida em 1809, Chagas Lima (1863:48) refere-se aos papagaios da região de Guarapuava e seu uso em uma promessa realizada pelo cacique local, Hipólito Candói, chefe dos Votorões:

> *"Porém elle, além de polygamo, era supersticioso; pois continuando a sua enfermidade, se devia recorrer a Deus, mandou fazer corpos de cera, e com pennas de papagaio formou duas figuras d'estas aves, com azas abertas, e as pôz sobre seu leito suspensas por duas linhas, de maneira que se moviam com a agitação do ar e do fumo do fogo. A estas aves é que fazia seus votos com muita reverencia, dizendo:* Iongjó! Iongjó! Cangantomy caraca pano tom, *isto é,* Papagaio! Papagaio! Se eu sarar, nunca mais despedirei setas contra vós*: no que se vê que temia morrer, e quanto era afferrado a seus principios, apezar das instruções, já recibidas. Eram, comtudo, dolosos os seus votos; porque, apenas restabeleceu sua saúde, fez uma grande caçada de papagaios, e logo depois foi para a guerra, levando para os sertões toa a sua família, que era*

> *numerosa, e outros muitos Votorões, com os quaes se foi alojar em uma campina além do rio Iguassú...”*

Apesar do caráter anedótico desta passagem parece claro no mínimo que os papagaios-de-peito-roxo (*Amazona vinacea*) hoje raros em maior parte de sua distribuição eram abundantes naquela região[64] e inclusive serviam-se como item alimentar dos índios.

Cabe também ao padre Chagas uma das primeiras – dentre dezenas – interpretações etimológicas do topônimo Guarapuava (Lima, 1842):

> *“Ficam comprehendidos os campos de Guarapuava em uma parte do territorio antigamente denominado* Guairá*.*
>
> *Contam que aquelle nome lhe foi dado por uns antigos sertanistas, que havendo chegado aos ditos, e caçando uma arara, que prenderam pelo pé, esta fizera esforços por libertar-se, e não podendo partir a correntinha com o bico, applicou este á perna, e cortando-a se escapou. Os sertanistas então disseram, em phrase da antiga linguagem do paiz,* Guará *(em contraposição á palavra* Guairá*, que significa passaro pequeno) e* Puava*, isto é, ave que não é rasteira, mas voadora veloz; de cujo acontecimento resultou ficar o campo com aquelle nome, o que depois se deu ao vasto terreno desde o rio Ytatú (em cujas margens esteve a antiga e demolida Villa Rica) até as cabeceiras do Uruguay,*

[64] Como ainda hoje o são, especialmente ao longo do curso do Rio Jordão até sua desembocadura no Rio Iguaçu, onde está atualmente a Usina Hidrelética de Segredo.

e desde a Serra dos Agudos até o rio Paraná".

Essa interpretação etimológica e histórica, no entanto, deve ser avaliada apenas no campo anedótico, visto que não encontra sustentação alguma que sirva como elemento para considerar alguma espécie de arara para aquela região, assunto esse já extensamente abordado (Straube, 2010).

Cronologia

1810 Em Berlim, é criado o *Museum für Naturkunde* sob grande influência do conde de Hoffmannsegg que cedeu as coleções brasileiras de Sieber, Feijó, Gomes e Beltrão, entregues aos cuidados de Carl Illiger, autor de catálogo (1812).

1811 O anatomista alemão Christian Ludwig Nitzsch publica "***Osteographischen Beiträge zur Naturgeschichte der Vögel***" e, em seguida, cinco volumes da obra enciclopédica "*Anatomie der Vögel*" (1815-1826). Nove anos depois, lança uma classificação das Aves suportada pela anatomia das glândulas nasais e, depois disso (1829), lança o "*Observationes de Avium arteria carotide communi*", agora usando o sistema circulatório como instrumento de parentesco. Prosseguindo seu trabalho revisivo, mas baseado em poucos exemplares, publica o "*Pterlyographiae Avium pars prior*", obra importante reeditada pela Royal Society, por meio de Philip L.Sclater (1867), sob o título "*Nitzsch's Pterylography*".

1812 Curitiba torna-se Comarca e passa a ser residência dos ouvidores.

1812 Baseada na coleção particular do pintor, inventor e naturalista estadunidense Charles Willson Peale, é criada a *Academy of Natural Sciences of Philadelphia*, incluindo o museu de História

Natural, considerado o mais antigo nos EUA.

1812 Fundação do *Museo Argentino de Ciencias Naturales Bernardino Rivadavia*, em Buenos Aires (Argentina).

1813 Novamente chega ao Brasil o BARÃO VON LANGSDORFF, assumindo a posição de cônsul da Rússia no Rio de Janeiro, cargo que ocupou até 1820, quando retorna à Rússia. Durante este tempo, estabelece-se na famosa Fazenda Mandioca, na região serrana do Rio de Janeiro. Na comitiva, vem o naturalista alemão George Wilhelm Freyreiss, que radicou-se em Leopoldina (sul da Bahia) até seu falecimento em 1825, depois de viagens em companhia do Barão de Eschwege e, depois, do Príncipe de Wied-Neuwied.

1813 O holandês Coenraad Jacob Temminck inicia sua enorme obra de descrição de espécies de aves, muitas delas brasileiras. Sua produção iniciou-se de maneira calamitosa quando teve autoria omitida em um estudo sobre columbídeos (1808-1811), atribuído à ilustradora das espécies, Pauline de Courcelles, depois Madame Knip. Dois anos depois, Temminck decide publicar os textos integrais deste trabalho, resultando nos três volumes (1813-1825) do "***Histoire générale des pigeons and des gallinacées***" onde várias espécies brasileiras são incorporadas, especialmente de Tinamidae.

1813 Blasius Merrem, discípulo de Johann Friedrich Blumenbach, publica uma classificação das Aves (***Systematis naturalis Avium***) com base na anatomia e, pela primeira vez, distinguem-se os grupos Ratitae e Carinatae, com base na presença de quilha esternal. O artigo foi publicado no *Abhandlungen der Köninglichen Akademie der Wissenschaften zu Berlin*.

1813 Por determinação do presidente paraguaio José Gaspar Francia, são decretadas restrições às exportações de erva-mate naquele país, culminando com a total proibição de comércio no Paraguai. Com isso, o Brasil tornou-se o maior produtor e passou a receber a visita de navios argentinos e

uruguaios em busca do produto, cuja expansão econômica resultou em parte da destruição da natureza dos planaltos.

1814 Por indicação e apoio do Barão von Langsdorff, o Brasil recebe a visita do naturalista alemão FRIEDRICH SELLOW, que permanece no estado do Rio de Janeiro até o ano seguinte.

1814 Chega ao Brasil Maximilian Alexander Philipp, o príncipe de Wied-Neuwied, usando o pseudônimo de "Max von Braunsberg". Explora os estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, Bahia e Minas Gerais e retorna em 1817. Aqui encontra SELLOW e Freyreiss, protegidos de Langsdorff, delegando-os os trabalhos de coleta botânica e zoológica respectivamente.

1814 Martin Heinrich Karl Lichtenstein ocupa-se de analisar o legado ornitológico de Marcgrave e Piso, publicando o primeiro (dentre quatro: 1814-1826) estudo alusivo: "***Die Werke von Markgrave und Piso über die Naturgeschichte Brasiliens erlautert aus den wieder aufgefundenen Original Abbildungen***". Outros autores mais modernos também dedicaram-se às merecidas revisões, com destaque para Adolf Schneider, Olivério Pinto e especialmente Dante M.Teixeira.

1815 Brasil é elevado a "Reino Unido de Portugal, Brasil e Algarves".

1815 FRIEDRICH SELLOW viaja pelo Brasil trabalhando eventualmente em companhia do Príncipe de Wied-Neuwied, George Freyreiss e Ignaz von Olfers. Em 1820 é contratado (mas apenas regularizado em 1821 por D.Pedro) como naturalista-viajante do Museu Imperial, recém-criado por D.João.

1815 Falece Alexandre Rodrigues Ferreira.

1815 Coenraad Jakob Temminck publica o "***Manuel d'Ornithologie***".

1815 Na obra "***Analyse de la Nature ou tableau de l'univers et des corps organisés***", o intelectual turco de ascendência franco-alemã Constantine Samuel Rafinesque-Schmaltz, batiza vários táxons superiores de aves; com isso acaba a ele sendo

consignada a autoria de diversas famílias de aves neotropicais.

1816 JEAN BAPTIST DEBRET chega ao Brasil, na comitiva da Missão Artística Francesa, chefiada por Joachim Lebreton e vinda logo depois da derrota de Napoleão. Retorna à França apenas em 1831, depois de vasta obra iconográfica (incluindo a célebre pintura da coroação de D.Pedro I) e participação na fundação da Academia Imperial de Belas Artes, no Rio de Janeiro. No mesmo grupo, chega Aimée Adrien Taunay, com apenas 13 anos de idade, aqui chegado pela emigração de sua família (inclusive – e especialmente – seu pai Nicolas Antoine Taunay, pintor de paisagens).

1816 O BARÃO VON LANGSDORFF retorna ao Brasil onde permanece até o ano seguinte.

1816 Ignaz Franz Werner Maria von Olfers chega ao Brasil, onde fica até 1819.

1816 AUGUSTE DE SAINT HILAIRE chega ao Brasil, ali permanecendo – após longa expedição – até 1822. Junto a ele, vem Pierre Delalande, que logo retorna em companhia do duque de Luxemburgo, sendo substituído pelo preparador Yves Prégent. Por alguns meses, Saint Hilaire fica em companhia do médico e botânico brasileiro Antônio Ildefonso Gomes que dele separa-se em 1817. Delalande ficou célebre por ter acompanhado Geoffroy de Saint Hilaire no saque ao Museu d'Ajuda, ocorrido em 1808.

1816 O ornitólogo francês Louis Jean Pierre Vieillot inicia (1816-1819) a sua obra-maior "***Nouveau dictionnaire d'Histoire Naturelle***" onde descreve muitas aves brasileiras, várias delas colecionadas por Delalande no Brasil. Com seu outro trabalho (*"Analyse d'une nouvelle Ornithologie élémentaire*", 1816), cria um ambiente competitivo com Temminck, estudioso esse que passou a ser seu maior rival.

1816 O naturalista britânico William Swainson chega ao Brasil, onde trabalha em especial no nordeste, mas também no Rio de

Janeiro; retorna em 1818. Quando de sua volta publica "***Zoological illustrations***" (1820-1823) e "***Ornithological drawings***" (1834-1841).

1817 Em Viena, D.Pedro de Alcântara, filho de D.João, casa-se com a arquiduquesa Maria Leopoldina, filha de Franz I, imperador da Áustria.

1817 O botânico francês Charles Gaudichaud-Beaupré visita o Brasil pela primeira vez, à bordo do *Uranie*, navio francês que realizou a circum-navegação sob o comando de Freycinet. Gaudichaud ainda retornou ao Brasil em 1820 e 1832.

1817 Chega ao Brasil (julho) a Comitiva da Missão Austríaca ao Brasil, vinda com o objetivo de fazer observações e estudos de todos os campos da natureza e das artes do País. O grupo acompanhava o séquito que trazida a Princesa Leopoldina e, dentre outros, vieram os alemães Karl Friedrich Philipp von Martius, Johann Baptist von Spix, Johann Christian Mikan, Johann Emanuel Pohl, o italiano Giuseppe Raddi, além dos austríacos JOHANN BAPTIST VON NATTERER e seu auxiliar DOMINICK SOCHOR, Thomas Ender, John Buchberger e Heinrich Wilhelm Schott.

1817 Em Frankfurt (Alemanha) é fundado o *Senckenbergische Naturforschende Gesellschaft*, que atualmente é conhecido como *Senckenberg Forschunginstitute und Naturmuseum* e se trata atualmente da maior coleção de História Natural na Alemanha.

1817 O padre AIRES DE CASAL publica sua "***Corographia brazilica***", um grande clássico oitocentista que descreve o território brasileiro com base em documentos bibliográficos de época.

[1817]

AIRES DE CASAL

O padre **MANUEL AIRES DE CASAL**[65] (n. Pedrógrão, Portugal: 1754; f. Portugal: 1821) era um estudioso da Geografia e da História, formado em Teologia e Filosofia no fim do Século XVIII e vindo ao Brasil em 1796 para assumir o posto de sacerdote da Santa Casa de Misericórdia do Rio de Janeiro. No ano de 1815 tornou-se presbítero secular do Grão-Priorato do Crato[66], quando pôde levar a efeito a sua obra-maior: "*Corografia brazilica, ou relação historico-geografica do Reino do Brazil composta e dedicada a Sua Magestade fidelissima por hum presbitero secular do Gram Priorado do Crato*".

O livro, lançado em 1817, é um dos tratados descritivos mais importantes da terra, povos, costumes e natureza do Brasil no início do Século XIX. Foi ali, inclusive, que se fez a primeira transcrição impressa da Carta de Pero Vaz de Caminha. Segundo as palavras de seu autor, no prefácio do livro (Casal, 1817:ii):

> *"A Descripção geografica do vasto Reino que a Providencia confiou a V R. MAGESTADE na America, he o assumpto da Obra que respeitozamente*

[65] Originalmente "Manoel Ayres de Cazal".

[66] Crato é uma cidade portuguesa da região do Alentejo onde se localizava a Ordem de Malta, organização católica de penetração internacional criada sob influência beneditina, depois como entidade militar e, atualmente, funcionando como órgão ligado a questões humanitárias.

> *offereço a V. r. MAGESTADE. como Sua, por muitos titulos. Nella se acha a Historia do Descobrimento do Brazil em 1500, até o anno de 1532 em que este Paiz foi repartido em Capitanias: mostra-se a Epoca, o Methodo da Colonização, e o actual estado das Povoações, e Producções da Agricultura, e Industria de cada huma dellas: indica-se o que ha mais notavel em a Natureza; como são, Rios, Lagos, Montes, Cabos, Portos, Ilhas, Animaes, Mineraes, e Vegetaes: accrescendo enfim hum Appendice das duas Provincias civilmente anexas á do Gram Pará".*

Segundo Caio Prado Júnior, na introdução da edição facsimilar de 1945 (Instituto Nacional do Livro), porém:

> "[O padre Casal] *Ignora as mais elementares noções científicas do seu tempo, a ponto que se chega às vezes de ter a impressão, lendo sua obra, de que desconhecia a própria existência das ciências naturais, tão ligadas ao assunto de que trata.* [...]. *É aliás Plínio o único naturalista – se é que o título lhe cabe – que Aires cita em sua Corografia".*

Não obstante tais críticas, a "Corografia" pode ser considerada um valioso resultado compilatório, fruto de incansáveis buscas por bibliotecas e arquivos e da colheita de informações em obras mais antigas. Ocorre que Casal, como bem emendado por Caio Padro Júnior (*op.cit.*), pertencia a um momento de transição da ciência geográfica, quando o tipo de abordagem técnica passava a ser considerado sob outros prismas, muito mais detalhistas, como resultado de uma fase pela qual ele mesmo não teve a

oportunidade de vivenciar (Prado-Júnior, 1955). Assim, o tempo que se dedicava – como compilador sério e detalhista – debruçado sobre os documentos da Biblioteca Imperial de Lisboa, não poderia ser comparável com o período destinado às grandes viagens exploradoras de seus contemporâneos como Alexander von Humboldt e tantos outros.

Por estar o que hoje é o Paraná ainda inserido nos limites da Capitania de São Paulo, é pouco o que se pode resgatar quanto às características biológicas daquele estado. Isso é possível apenas ao avaliar o conteúdo de alguns setores geográficos, ou da descrição de cidades ou povoados conhecidos na época.

Nesse sentido, sobre a avifauna paranaense, pode-se obter dados apenas sobre a presença dos guarás (*Eudocimus ruber*)[67], a espécie de ave mais conhecida e citada no âmbito estadual desde o Século XVI:

> "Guaratúba, *cujo verdadeiro nome he* Villa Nova de S.Luiz, *situada junto a hum morro, sobre a margem direita do braço meridional do Rio Guaratuba, em frente da Ilha dos Guarazes, e duas leguas distante do mar, he ainda pequena; mas com circunstancias vantajozas para ser consideravel".*

E ainda:

---

[67] Não propriamente referindo-se ao Paraná, a espécie é descrita como: "Guará*, uma das mais lindas aves paludaes, tem o corpo d'huma perdiz, pernas compridas, pescoço longo, bico comprido, e um pouco curvo; sem cauda. A primeira penna é branca; passado algum tempo torna-se negra, e finalmente escarlate, conservando a segunda côr nas extremidades as azas"* (Casal, 1817:84).

> *"Cinco legoas ao norte do Rio Sahy-Grande, limite da provincia, está a boca do caudaloso e rapido Guaratúba encostada ao lado meridional do morro Cayoába. Este rio, formado de varios outros, que descem da serra geral, tomou o nome da grande quantidade de guarás, que povoão as suas margens, e crião seus filhos em huma ilha rasa, e cuberta de mangues, que fica duas legoas distante do mar, onde por huma Ordenação ninguém os pode matar; aliás estaria extincta a casta destas lindas, e innocentes aves"*(Casal, 1817:215)

Casal aqui se refere ao Rio Saí-guaçu que desde tempos muito antigos é a divisa litorânea com Santa Catarina. Cabe um reparo com relação ao "rápido e caudaloso Guaratuba", topônimo que alude à Baía de Guaratuba e não a um rio como ficara impropriamente implícito. Cayoába e, com efeito, a cidade de Caiobá, atualmente no município de Matinhos e que tem como elemento orográfico mais destacado o morro do Cabaraquara (ou Morro de Caiobá).

Com relação aos guarás (*Eudocimus ruber*) pode-se afirmar serem essas as primeiras menções da espécie ao litoral-sul do Paraná, informações que, aliás, foram consultadas (e confirmadas *in situ*) por Auguste de Saint-Hilaire (1822). O local, situado defronte à foz do Rio dos Meros constitui-se, de fato, de várias ilhotas, das quais três conjuntos se destacam, sendo tratados hoje em dia como ilhas do Capim (Ilha do Capim de Cima, do Meio e de Baixo).

Curioso é que esses registros são costumeiramente atribuídos a Auguste de Saint-Hilaire, embora a primeira edição da corografia tenha saído já em 1817, portanto cinco

anos antes das primeiras indicações do francês sobre os guarás em Guaratuba (Saint-Hilaire, 1822). Mais instigante ainda é a dúvida: sendo um compilador, de onde Casal teria obtido a informação?

Já com relação à lei de proteção aos guarás mencionada, a referência deve ser remetida àquela atribuída a Luiz Antônio Botelho Mourão (*vide* sob esse), oficializada em 1765.

A corografia, sob uma análise crítica pode ser considerada um trabalho verdadeiramente enciclopédico e, em virtude disso, sua publicação teve grande repercussão na Europa e também no Brasil Colônia. Foi, sem dúvida nenhuma, foi consultada por vários estudiosos, inclusive Auguste de Saint-Hilaire, que cognominou o autor de "pai da geografia brasileira". Além do naturalista francês, Casal mantinha relações pessoais com outros nomes emergentes da História Natural, como Johann B. von Spix e Karl von Martius os quais, anos depois, investiram-se pelo interior do Brasil, por certo usando da obra como fonte de referência.

COROGRAFIA BRAZILICA,

OU

RELAÇÃO HISTORICO-GEOGRAFICA

DO

REINO DO BRAZIL

COMPOSTA E DEDICADA

A

SUA MAGESTADE

FIDELISSIMA

POR

HUM PRESBITERO SECULAR

DO

GRAM PRIORADO DO CRATO.

TOM. II.



RIO DE JANEIRO

NA IMPRESSÃO REGIA

M. DCCC. XVII.

Com Licença e Privilegio Real.

Facsimilar da capa da obra de Manuel Aires de Casal, publicada em 1817.

Referências Bibliográficas e Literatura Consultada

[Albernás, J.T.] 1653 [1972]. [Planta da Baía de Paranaguá]. *In:* [p.46-47] J.E.Moreira. **Eleodoro Ébano Pereira e a fundação de Curitiba à luz de novos documentos**. Curitiba, Imprensa da UFPR.

[Albernás, J.T.] 1666 [1972]. Demotração do Pernagua e Cananeia. *In*: [p.42-43] J.E.Moreira. **Eleodoro Ébano Pereira e a fundação de Curitiba à luz de novos documentos**. Curitiba, Imprensa da UFPR.

Alves, M.A.S. & Silva, J.M.C. 2000. A Ornitologia no Brasil: desenvolvimento, tendências atuais e perspectivas. *In*: [p.327-344]. M.A.S.Alves; J.M.C.Silva; M.Sluys, H.G.Bergallo & C.F.D.Rocha (Orgs.). **A ornitologia no Brasil**: pesquisa atual e perspectivas. Rio de Janeiro, EdUERJ.

Amaral, A. do 1976. **Linguagem científica**. São Paulo, Unicamp, UFRJ, UnB e Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia de São Paulo. 297 pp.

Andrada, M.F.R. de 1869. Diario de uma viagem mineralogica pela Provincia de S.Paulo no anno de 1805. **Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro 9**(3):527-548.

Andrada, M.F.R. de 1882. Jornaes das viagens pela Capitania de São-Paulo. **Revista Trimensal do**

Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brasil 45(1):5-48

Arruda, J.J. de A. (org.) 2002. **Documentos manuscritos avulsos da Capitania de São Paulo**. Volume 2 (1618-1823) – Mendes Gouveia. São Paulo, Fapesp, Imprensa Oficial e Edusc. 808 pp.

ASL. 1781. **Breves instrucções aos correspondentes da Academia das Sciencias de Lisboa sobre as remessas dos productos, e noticias pertencentes á historia da natureza, para formar hum museo nacional**. Lisboa, Regia Officina Typographica. 45 pp.

Azara, F. de 1802. **Apuntamientos para la Historia Natural de los páxaros de Paragüay y Rio de la Plata**. Madri, Imprenta de la viuda de Ibarra. 3 volumes: 534+562+479 pp.

Azara, F. de. 1850. **Viajes por la America der Sur: desde 1789 hasta 1801**. Montevidéu, Imprenta del Comercio del Plata. 2ª edição. 320 pp.

Baratti, D. & Candolfi, P. 1999. **Vida y obra del sabio Bertoni**: Moisés Santiago Bertoni (1857-1929), un naturalista suizo en Paraguay. Assunção, Helvetas. 334 pp.

Barbosa, J.A. & Santos, R.C.Z. 2007. Tradução e estudos culturais: um estudo dos Comentários de Cabeza de Vaca. [**Anais do] Encontro Nacional da ABRALIC 2007**: Literatura, artes, saberes. Disponível *online* em http://www.abralic.org.br/enc2007/anais/12/540.pdf >. Acessada em 26 de janeiro de 2008.

Barretto-Filho, H.T. 2001. **Da nação ao planeta através da natureza: uma abordagem antropológica das unidades de conservação de proteção integral na**

Amazônia brasileira. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Tese de doutorado em Antropologia Social.

Bauchot, M.L.; Daget, J.; Hureau, J.C. e Monod, T. 1970. Le problème des 'auteurs secondaires' en Taxionomie. **Bulletin du Muséum National d'histoire Naturelle 2**:301-304.

Belton, W. 1984. Birds of Rio Grande do Sul, Brazil. I. Rheidae through Furnariidae. **Bulletin of the American Museum of Natural History 178**(4):371-631.

Bergman, T. 1799-1800**. Manual do mineralogico, ou esboço do reino mineral, disposto segundo a analyse chimica**. 2 vols. Lisboa, Officina de João Procopio Correa da Silva (vol.1) e Officina de Antonio Rodrigues Galhardo (vol.2).

Bertoni, A. de W. 1901. **Aves nuevas del Paraguay**. Assunção, H.Kraus. 213 pp.

Blake, A.V.A.S. 1883-1902. **Diccionario bibliographico brazileiro**. 6 volumes. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional.

Bonnici, T. 2006. Postcolonial historical ambiguities and environmental tensions in Paraná, Brazil. **Revista Letras 70**:297-317.

Bruning, D.F. 1973. Breeding and rearing rheas in captivity. **International Zoo Yearbook 13**:163-174.

Cabeça de Vaca, A.N. 1555. **La relacion y comentarios del governador Alvar Nuñez Cabeça de Vaca de lo acaescido en las dos jornadas que hizo a las Indias**. Edição online em http://www.library.txstate.edu/swwc/cdv/, acessada em 12 de dezembro de 2006.

Cabeza de Vaca, A.N. 1922. **Naufragios y comentarios**. Madri, Calpe. 368 p.

Cabeza de Vaca, A.N. 1995. **Comentários**. Curitiba, Prefeitura Municipal de Curitiba. Coleção Farol do Saber.

Camargo, J.C.G. 2002. A contribuição dos cronistas coloniais e missionários para o conhecimento do território brasileiro. **Mercator 1**(2):79-90.

Campanário, M.A. 1980. **Hans Staden: o homem e a obra**. São Paulo, Editora Parma. 235 pp.

Carneiro, D. 1976. Efemérides paranaenses. **Boletim do Instituto Geográfico e Etnográfico Paranaense 31**:125-303.

Carneiro, D. 1986. **Afonso Botelho de São Payo e Souza**. Curitiba, Lítero-Técnica e Instituto Histórico, Geografico e Etnográfico Paranaense. Estante Paranista, vol. 26, 289 pp.

Carneiro, N. 1950. **Iconografia paranaense: anterior à fotografia**. Curitiba, Impressora Paranaense, 39 pp.

Casal, M. A. de. 1817 [1945]. **Corografia brazilica** ou relação historico-geografica do Reino do Brazil composta e dedicada a Sua Magestade Fidelissima por hum presbitero secular do Gram Priorado do Crato. Rio de Janeiro, Imprensa Régia. 420 pp. Edição facsimilar editada pela Imprensa Nacional, Rio de Janeiro.

Chmyz, I. & Sauner, Z.C. 1971. Nota prévia sobre as pesquisas arqueológicas no vale do rio Piquiri. **Dédalo** (Museu de Arqueologia e Etnologia) **13**:7-36.

Corrêa, M.C. & Koch, Z. 2007. **Museu vivo: guia ilustrado da História do Paraná**. Curitiba, Olhar Brasileiro Editora. 111 pp.

Cortesão, A. & Mota, A.T. da. 1960-1962. **Portugaliae Monumenta Cartographica**. Lisboa, Comissão para a Comemoração do V Centenário da Morte do Infante D. Henrique. 6 vols.

Cortesão, A. & Mota, A.T. da. 1987. **Portugaliae Monumenta Cartographica**. Lisboa, INCM. 6 vols., 2300 pp.

Cortesão, A. 1935. **Cartografia e cartógrafos portugueses dos séculos XV e XVI**: contribuição para um estudo completo. Lisboa, Seara Nova, 2 vols.

Cortesão, A. 1965. An early chorographic map of Portugal. **Imago Mundi 19**:111-114.

Cruz, A.L.R.B. da. 2002. As viagens são os viajantes: dimensões identitárias dos viajantes naturalistas brasileiros do Século XVIII. **História: Questões e Debates 36**:61-98.

D'Angelis, W. da R. 2003. **O primeiro século de registro da língua Kaingang (1842-1950): valor e uso da documentação etnográfica**. Disponível online em http://www.portalkaingang.org; acessado em 10 de julho de 2008.

Daszkiewicz, P. 2002. A few portuguese letters and manuscripts brought to Paris by Etienne Geoffroy de Saint Hilaire, now in the manuscript collection of the Library of Muséum National d'Histoire Naturelle. **Publicações Avulsas do Museu de Bocage** (2ª série), n° 8, 18 pp.

Dennler, J.G. 1939. Los nombres indígenas en guaraní de los mamíferos de la Argentina y países limítrofes y su importancia para la sistematica. **Physis 36**(48):225-244.

Dorfmund, L.P. 1963. **Geografia e história do Paraná** (de acôrdo com o programa da S.E.C.). São Paulo, Editora FTD. 203 pp.

Falcão, E. C. de (org.). 2006. **Obras científicas, políticas e sociais de José Bonifácio de Andrada e Silva**. Edição monumental comemorativa do bicentenário

de seu nascimento (1963). Brasília, Câmara dos Deputados.

FCC. 2008. **Histórias de Curitiba**. Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba. 288 pp.

Feio, J.L.de A. 1953. Contribuição ao conhecimento da história da zoogeografia do Brasil. **Publicações Avulsas do Museu Nacional 12**:1-22.

Fernandes, F. 1963. **Organização social dos tupinambá**. São Paulo, Difusão Européia do Livro. Coleção Corpo e Alma do Brasil, Volume 11. 375 pp.

Franco, A.M. 1938. O Padre Francisco das Chagas Lima. **Revista do Círculo de Estudos Bandeirantes 1**(5):457-462.

Ghittin, P. 1986. Bow leg syndrome in ratite birds. **Avicultural Magazine 92**(2):70-79.

Gilmore, R.M. 1987. Fauna e etnozoologia da América do Sul tropical. *In*: [p.189-233] B.G.Ribeiro (org). **Suma Ethnologica Brasileira**. Petrópolis, Editora Vozes.

González, J.C. 1943. **Don Félix de Azara: apuntes bio-bibliográficos**. Buenos Aires, Editorial Bajel.

Hartlaub, 1847. systematischer index zu don Félix de Azara's Apuntamientos para la Historia Natural de los páxaros del Paraguay y Rio de la Plata. Bremen, Druck von Schünemann

Hayes, F.E. 1995. Status, distribution and biogeography of the birds of Paraguay. **Monographs on Field Ornithology 1**:1-224.

Hendricks, G.D. 1953. Misconceptions concerning Western Wild Animals. **Western Folklore 12**(2):119-127.

Hershkovitz, P. 1987. A history of recent Mammalogy of the Neotropical Region from 1492 to 1850. *In:* B.D.Patterson e R.M.Timm eds. Studies in Neotropical Mammalogy: essays in honor of Philip

Hershkovitz. **Fieldiana: Zoology**, new series **39**:11-98.
Houaiss, A. & Villar, A. de S. 2001. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro, Editora Objetiva. 2922 pp.
IBGE. 1983. **Carta Curitiba: MIR-514 e MIR-515**, englobando as cartas Rio Branco do Sul (MI-2842-1), Bocaiúva do Sul (MI-2842-2), Antonina (MI-2843), Guaraqueçaba (MI-2844), Cananéia (MI-2845-1), Curitiba (MI-2842-3), Piraquara (MI-2842-4), Araucária (MI-2857-1), São José dos Pinhais (MI-2857-2), Mundo Novo (MI-2858-1), Paranaguá (MI-2858-2), Ilha do Mel (MI-2859-1), Mandirituba (MI-2857-3), Tijucas do Sul (MI-2857-4), Colônia Santos Andrade (MI-2858-3) e Guaratuba (MI-2858-4). Escala 1:250 000. Rio de Janeiro, Diretoria de Geodésia e Cartografia/IBGE.
Ihering, H. von. 1887. Ornithologische Forschung in Brasilien [Investigação ornitológica no Brasil]. ***Ornis:* Zeitschrift für die gesammte Ornithologie 3**:569-581. Verão traduzida e disponível on line em: <http://www.fzb.rs.gov.br/museu/projetos>, acessada em 14 de novembro de 2007.
Ihering, R. von. 1921. Vocabulario zoologico com accepções brasileiras diversas das portuguesas. **Revista do Brasil 63**:263-264.
Inssa, M.H.C. 2000. **Os louros de Lourenço: genealogia e vida do Dr. Lourenço Ribeiro de Andrade (1724-1799)**. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, Departamento de História. Monografia de conclusão de curso. 69 pp.
Kato, A.T.T. 2004. **Outra Paranaguá urbana: implicações sócio-econômicas na configuração espacial (1808).**

Curitiba, Universidade Federal do Paraná. Curso de Bacharelado em História, Monografia. 60 pp.
Koseritz, C. von. 1895. **Bilder aus Brasilien**. Leipzig/Berlim, Verlag von Wilhelm Friedrich. 379 pp.
Krul, R. 2004. Aves marinhas costeiras do Paraná. *In:* [p. 37-56] J.O. Branco (ed.) **Aves marinhas e insulares brasileiras: biologia e conservação.** Itajaí, Editora da Univali.
Leão, A.E.de. 1934. **Indice paranaense [ou] Supplemento [do] Diccionario historico e geographico do Paraná**. Curitiba, Impressora Paranaense. 215+120 pp.
Leão, E.A.de. 1924-1928. **Diccionario historico e geographico do Paraná**. Curitiba, Impressora Paranaense. 2594 pp.
Leite, J.R.T. 1996. Viajantes do imaginário: a América vista da Europa, Séc. XV-XVII. **Revista USP 30**:32-45
Lellis da Silva, C. 1865. Diario da viagem feita pelos sertões de Guarapuava ao Rio Paranan. **Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil 28**(1):1-31.
Lima, F. das C. [1821] 1943. Estado actual da conquista de Guarapuava no fim do ano de 1821. *In*: A.M. Franco. **Diogo Pinto e a conquista de Guarapuava**. Curitiba: Museu Paranaense. p. 233-268.
Lima, F. das C. 1842. Memoria sobre o descobrimento e colonia de Guarapuava. **Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Histórico e Geographico Brasileiro 4**(13):43-64. [O mesmo estudo foi publicado no volume 32 de 1977, do Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense].

Linnaei, C. 1758 [1956]. **Systema Naturae** per regna tria naturae secundum classes, ordines, genera, species, cum characteribus, differentiis, synonimis, locis. Tomus I. Holimae, Laurentii Salvii. Edição facsimilar editada pelo British Museum (Natural History), Londres. 814 pp.

Lopes, J.C.V. 2005. **História da Fazenda Santa Rita**. Curitiba, Editora Progressiva. 260 pp.

Maack, R. 1959. Sobre o itinerário de Ulrich Schmidel através do sul do Brasil (1552-1553). **Boletim da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras (UFPR)**, ser. Geografia Física **1**(2):1-64.

Maack, R. 1968. **Geografia física do Estado do Paraná**. Curitiba, Banco de Desenvolvimento do Paraná, Universidade Federal do Paraná e Instituto de Biologia e Pesquisas Tecnológicas. 350 pp.

Maack, R. 1981. **Geografia física do Estado do Paraná**. Curitiba, Livraria José Olympio e Secretaria do Estado da Cultura e do Esporte do Paraná. 442 p.

Macedo, F.R.A. 1951. **Conquista pacífica de Guarapuava**. Curitiba, GERPA. 275 pp.

Marcondes, M. 1923. **Documentos para a Historia do Paraná: recolhidos e annotados por Moysés Marcondes**. Rio de Janeiro, Typographia do Annuario Nacional.

Markun, P. 2009. **Cabeza de Vaca**. São Paulo, Companhia das Letras. 283 pp.

Moreira, J.E. 1972. **Eleodoro Ébano Pereira e a fundação de Curitiba à luz de novos documentos**. Curitiba, Editora UFPR. 148 pp.

Moreira, J.E. 1975. **Caminhos das Comarcas de Curitiba e Paranaguá** (até a emancipação da Província do Paraná). Curitiba, Imprensa Oficial. 3 volumes: 1045 pp.

Navarro, E.de A. 1999. **Método moderno de tupi antigo**. Petrópolis, Vozes. 619 pp.

Negrão, F. 1926-1950. **Genealogia paranaense**. Curitiba, Imprensa Oficial do Paraná. 6 volumes.

Neiva, A. 1929. **Esboço histórico sobre a Botanica e Zoologia no Brasil**: de Gabriel Soares de Souza, 1587, a 7 de setembro de 1922. São Paulo: Sociedade Impressora Paulista. 143 pp.

Nicolas, M. 1981. **"Sertanistas do Paraná": os esquecidos**. Curitiba, Assembleia Legislativa do Paraná. 131 pp

Nimer, M. 2000. **Influências orientais na língua portuguesa: os vocábulos árabes, arabizados, persas e turcos**. São Paulo, Edusp. 660 pp.

Noelli, F.S. & Mota, L.T. 1999. Índios, jesuítas, bandeirantes e espanhóis no Guairá dos séculos XVI e XVII. **Revista GeoNotas 3**(3):s.p. Disponível online em http://www.dge.uem.br//geonotas/vol3-3/noelli.htm ; acessada em 10 de dezembro de 2006.

Nomura, H. 1996a. **História da Zoologia no Brasil: Século XVI, primeira parte**. Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado. Coleção Mossoroense, Série C, volume 884, 89 pp.

Nomura, H. 1996b. **História da Zoologia no Brasil: Século XVI, segunda parte**. Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado. Coleção Mossoroense, Série C, volume 884, 89 pp.

Nomura, H. 1996c. **História da Zoologia no Brasil: Século XVII, primeira parte**. Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado. Coleção Mossoroense, Série C, volume 884, 89 pp.

Nomura, H. 1996d. **História da Zoologia no Brasil: Século XVII, segunda parte**. Mossoró, Fundação Vingt-Un

Rosado. Coleção Mossoroense, Série C, volume 884, 89 pp.

Nomura, H. 1997. **História da Zoologia no Brasil: Século XVIII, terceira parte**. Mossoró, Fundação Vingt-Un Rosado. Coleção Mossoroense, Série C, volume 884, 89 pp.

Nomura, H. 1998. História da Zoologia no Brasil: Século XVIII. **Publicações Avulsas do Museu Bocage**: Museu Nacional de História Natural, 2º série, 4, 315 pp.

Nomura, H. 2006a. Ornitologia brasileira I: Aves brasileiras descritas no Século XVIII. **Atualidades Ornitológicas 132**; disponível online em www.ao.com.br/download/secxviii.pdf ; acessada em 2 de novembro de 2008.

Nomura, H. 2006b. Ornitologia brasileira II: Aves brasileiras descritas no Século XVIII. **Atualidades Ornitológicas 133**; disponível online em www.ao.com.br/download/secxix.pdf ; acessada em 2 de novembro de 2008.

Nomura, H. 2006c. Ornitologia brasileira III: Aves brasileiras descritas no Século XVIII. **Atualidades Ornitológicas 134**; disponível online em www.ao.com.br/download/secxxxxi.pdf ; acessada em 2 de novembro de 2008.

Nowell, C.E. 1946. Aleixo Garcia and the White King. **The Hispanic American Historical Review 26**(4):450-466.

Oliveira, R.M. de. 2008. **Entre a administração e a ciência: as atribulações de um bacharel coimbrão na vila de Cachoeira (1787-1806)**. Curitiba, Universidade Federal do Paraná, Curso de Licenciatura e Bacharelado em História. Monografia. 57 pp.

Paiva, M. P. 2005. **Associativismo científico no Brasil Imperial: a Sociedade Vellosiana do Rio de Janeiro**. Brasília, Thesaurus. 99 p.

Papávero, N.; Teixeira, D.M. & Llorente-Bousquets, J. 1997. **História da biogeografia no Período Pré-evolutivo**. São Paulo, Editora Plêiade. 258 pp.

Papávero, N.; Figueiredo, J.L.; Teixeira, D.M. & Pujol-Luz, J.R. 1999b. Do Rio de Janeiro a Cuiabá: Notícias sobre os produtos naturais do Brasil, por um autor anônimo do Século XVIII. 8. Capítulo IX: "Noticia de varios peixes de mar e de rios, q' se tem conhecido no Brazil com a distinção, e circunst[cas] q' se tem de cada hum deles. **Historia Naturalis 2**(8):187-218.

Papávero, N.; Teixeira, D.M. & Pujol-Luz, J.R. 1999b. Do Rio de Janeiro a Cuiabá: Notícias sobre os produtos naturais do Brasil, por um autor anônimo do Século XVIII. 6. Capítulo VII: "Noticia de varios bichos e insectos q' se conhecem no Brazil, com a distinção e circunst[cas] q' se poderão descobrir a este respeito. **Historia Naturalis 2**(6):135-153.

Papávero, N.; Teixeira, D.M.; Overal, W.L. & Oujol-Lz, J.R. 2000. **O Novo Éden: a fauna da Amazônia brasileira nos relatos de viajantes e cronistas desde a Descoberta do Rio Amazonas por Pinzón (1500) até o Tratado de Santo Ildefonso (1777)**. Belém, Museu Paraense Emílio Goeldi. 388 p.

Paraná, S. 1899. **Chorographia do Paraná**. Curitiba, Livraria Econômica. 146 pp.

Pardinho, R.P. 1721a [2000]. Provimentos da Vila de Curitiba 1721. *In*: Santos, A.C. de A. (org.). Provimentos do ouvidor Pardinho para Curitiba e Paranagua (1721). **Monumenta 3**(10):27-81.

Pardinho, R.P. 1721b [2000]. Provimentos da Vila de Paranagua 1721. *In*: Santos, A.C. de A. (org.). Provimentos do ouvidor Pardinho para Curitiba e Paranagua (1721). **Monumenta 3**(10):81-175.

Pataca, E.M. 2006. **Terra, água e ar nas viagens científicas portuguesas (1755-1808)**. Campinas, Instituto de Geociências. Tese de doutoramento em Geociências. 245 pp.

Pegoraro, J.W. 2007. **Ouvidores régios e centralização jurídico-administrativa na América portuguesa: a Comarca de Paranaguá (1723-1812)**. Curitiba, Universidade Federal do Paraná. Curso de Pós-Graduação em História. Dissertação de Mestrado. 112 pp.

Pelzeln, A. von. 1871. **Zur Ornithologie brasiliens**: Resultate von Johann Natterers reisen in den Jahren 1817 bis 1835. Viena: A.Pichler's Witwe & Sohn. 462 pp + xx (Itinerarium, von Natterer's Reisen in Brasilien von 1817-1835).

Pereira, M.R. de M. 2008. Diário da viagem q’ fez José António Lopes ao Continente de Curitiba, por ordem do Capt^{am} e Gv^{dor} da Capitania de São Paulo, encontrado e dado a conhecer pelos Dr. Magnus Roberto de Mello Pereira, co o auxílio das historiadoras Mara Fabiana Barbosa e Ana Lúcia Rocha Barbalho da Cruz. *In*: [25-35]. FCC. **Histórias de Curitiba**. Curitiba, Fundação Cultural de Curitiba. 288 pp.

Pinto, O.M. de O. 1944. **Catalogo das Aves do Brasil e lista dos exemplares na coleção do Departamento de Zoologia: 2º parte, Ordem Passeriformes (continuação): Superfamília Tyrannoidea e Subordem Passeres**. São Paulo, Departamento de Zoologia. 700 pp.

Pinto, O.M.de O. 1979. **A Ornitologia no Brasil através das idades (século XVI a século XIX).** São Paulo, Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais. Coleção Brasiliensa Documenta vol.13, 117 pp.

Prado-Júnior, C. 1955. A evolução da geografia e a posição de Aires de Casal. **Boletim Paulista de Geografia 19**:71-97.

Prestes, M.E.B. 2000. **A investigação da natureza no Brasil Colônia**. São Paulo, Anna Blume e FAPESP. 153 p.

Roncaglio, C. 2009. A ideia da natureza como patrimônio: um percurso histórico. **Desenvolvimento e Meio Ambiente 19**:111-128.

Reece, R.L. & Butler, R. 1984. Some observations on the development of the long bones of ratite birds. **Australian Veterinary Journal 61**(12):403-405.

Reis, N.G. 2002. **Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial**. São Paulo, EDUSP. Coleção Uspiana Brasil 500 Anos. 414 pp.

Ribas, A. A.; Schochinski, A.T.; Cardoso-Júnior, A.; Malinowiske, C.R.; Gallo, E. & Martinez, I. 1977. Esboço histórico da justiça no Paraná. **Boletim do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense 32**:155-232. [nota[68]]

Ribeiro, J.C.G. 1906. Ulrich Schmidel: noticia biographica. **Revista do Instituto Historico e Geographico de S.[ão] Paulo 10**:29-38.

Rivereau, J.C. (org.) 1970. **Antonina: folha geológica**. Curitiba, Comissão da Carta Geológica do Paraná. Escala 1:70 000.

[68] Autoria dúbia, admitida a Maury Rodrigues Cruz no Índice do volume respectivo, mas, consignado textualmente (p.154) aos autores acima listados.

Robebar, A. 1930. Coleccionistas de aves del Paraguay. **Revista de la Sociedad Científica del Paraguay 1**(1):239-240.

Roque, A.C. 2009. **Entre terra, céu e mar: viagens portuguesas e conhecimento da África austral nos roteiros e diários de navegação da primeira metade do Séc. XVI**. Academia de Marinha, Textos das Conferências 2009. Disponível online em http://www.marinha.pt; acessada em 13 de abril de 2011.

Rosário, L. A. 1996. **As aves em Santa Catarina: distribuição geográfica e meio ambiente.** Florianópolis: FATMA. 81 p.

Saint-Hilaire, A. de. 1822. Aperçu d’un voyage dans l’interieur du Brésil, la Province Cisplatine at les missions dites du Paraguay. **Mémoires du Muséum d’histoire Naturelle 9**:307-380.

Saint-Hilaire, A. de. 1851. **Voyage dans l'intérieur du Brésil, quatrième partie: Voyage dans les Provinces de Saint-Paul et de Saint-Catherine, Tome Second.** Paris, Arthus Bertrand, Libraire-Éditeur, 423 pp.

Saint-Hilaire, A. de 1940. **Viagem à Província de São Paulo e resumo das viagens ao Brasil, Província Cisplatina e Missões do Paraguai**. São Paulo, Livraria Martins. Biblioteca Histórica Brasileira, volume 2. 375 pp.

SÃO PAULO. 1940. **Documentos interessantes para a historia e costumes de São Paulo**: officio do capitão general D. Luiz Antonio de Souza Botelho Mourão aos diversos funccionarios da Capitania (1765-1771), vol. 65. São Paulo, Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, Secção do Arquivo Histórico. 424 pp.

SÃO PAULO. 1956. **Documentos interessantes para a historia e costumes de São Paulo**: officio do general Martim Lopes Lobo de Saldanha ao Ouvidor da Comarca de Paranaguá (1778), vol. 81. São Paulo, Departamento do Arquivo do Estado de São Paulo, Secção do Arquivo Histórico. 424 pp.

Scherer-Neto, P. & Straube, F.C. 1995. **Aves do Paraná**: história, lista anotada e bibliografia. Campo Largo, Logos Press, 79 pp.

Schmidel, U. 1567. **Vierte Schiffart. Warhafftige Historien Einer Wunderbaren Schiffart welche Ulrich Schmidel von Straubing von Anno 1534. bisz Anno 1554 in Americam oder Newenwelt bey Brasilia und Rio della Plata gethan**. Was er in diesen Neuntzehen Jahren auszgestanden und was fuer seltzame Wunderbare Laender und Leut er gesehen: burch ermelten Schmidel selbs beschrieben An jetzt aber an Tag geben mit Verbesserung und Corrigierung der Staett Laender und Fluesz namen deszgleichen mit einer nothwendigen Landtaffel Figuren und anderer mehr Erklerung gezieret Durch. Noribergae [Nuremberg], Levinum Hulsium. 103 p.

Schmidel, U. 1903. **Viaje al Rio de la Plata (1534-1554)**. Notas bibliografias y biograficas por Bartolomé Mitre; prólogo, traducción y anotaciones por Samuel A.Lafone Quevedo. Buenos Aires, Cabaht e Cia Editores. Disponivel on line em http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/12586186423471506765435/p0000001.htm, acessada em 13 de dezembro de 2006.

Sick, H. 1997. **Ornitologia brasileira**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 862 pp.

[Silva, J.B. de A.] 1827. Amérique. Voyage minéralogique dans les Provinces de Saint-Paul au Brésil (article

communiqué par M.Menezés de Drummond de Rio (Janeiro). **Journal des Voyages découvertes et navigations modernes 36**:216-227.

Silva, J.B. de A. & Andrada, M.F.R. de 1846. **Viagem mineralogica na Provincia de S.Paulo**. *In* [p.1-34: apêndice] N.Boubée. Geologia elementar. Tradução de José Bonifácio de Andrada e Silva. Rio de Janeiro, Typographia Nacional.

Silva-e-Silva, R. de. 2007. **Guarás-vermelhos no Brasil**: as cores vibrantes da preservação. Vinhedo/SP, Avis Brasilis.

Soares, O. 2001. **O andarilho das Américas: Cabeza de Vaca**. Ponta Grossa, Editora UEPG. 140 pp.

Staden, H. 1557 (1927). **Warhaftige Historia und beschreibung eyner Landtschafft der wilden nacketen grimmigen Menschfresser Leuthen in der Newenwelt America gelegen, vor und nach Christi geburt im Land zü Hessen unbekant, biss uff diese ij, nechst vergangene jar, Da sie Hans Staden von Homberg auss Hessen durch sein eygne erfarung erkant, und yetz durch den truck an tag gibt**. Frankfurt, Wüsten. [Edição fac-similar, não paginada, com notas de Richard N.Wegner].

Staden, H. 1557 (1847). **The captivity of Hans Stade de Hesse in A.D. 1547-1555 among the wild tribes of estearn Brazil**. Tradução de Albert Tootal, anotações de Richard Francis Burton. Londres, Hakluit Society. 169 pp.

Staden, H. 1557 (1900). **Hans Staden: suas viagens e captiveiro entre os selvagens do Brasil**. Traducção da Primeira Edição Original com annotações explicativas [de Alberto Loefgren]. São Paulo, Instituto Historico e Geographico de S.Paulo. Edição comemorativa do 4° Centenário.

Staden, H. 1988. **Duas viagens ao Brasil (1547-1555)**. Tradução de Guiomar de C.Franco. São Paulo, EDUSP. Coleção Reconquista do Brasil, volume 17: 217 pp.

Stellfeld, C. 1952. **Os dois Vellozo: biografias de Frei José Mariano da Conceição Vellozo e Padre doutor Joaquim Vellozo de Miranda**. Rio de Janeiro, Gráfica Editora Sousa. 266 pp.

Storey, A.A.; Ramírez, J.M.; Quiroz, D.; Burley, D.V.; Addison, D.J.; Walter, R.; Anderson, A.J.; Hunt, T.L.; Athens, J.S.; Huynen, L.; Matisoo-Smith, E.A. 2007. Radiocarbon and DNA evidence for a pre-Columbian introduction of Polynesian chickens to Chile. **Proceedings of the National Academy of Sciences of USA 104**(25):10335-10339.

Straube, E.C. 2002. Hans Staden não naufragou na Baía de Paranaguá. **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná 53**:183-190.

Straube, F.C. 1999a. "Guará": origem histórica do vocábulo e formação de alguns topônimos paranaenses. **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná 50**:91-100.

Straube, F.C. 2005. Fontes para o conhecimento da riqueza da avifauna do Estado do Paraná (Brasil): ensaio comemorativo aos 25 anos do “Aves do Paraná” de Pedro Scherer Neto. **Atualidades Ornitológicas 126**; disponível online em: http://www.ao.com.br/download/scherer.pdf.

Straube, F.C. 2007. Rodolpho von Ihering e alguns documentos raros sobre a nomenclatura zoológica científica e popular em português do Brasil. **Atualidades Ornitológicas 137**:33-39.

Straube, F.C. 2008a. *Cabeza* ou Cabeça de Vaca? **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná 58**:61-67.

Straube, F.C. 2008b. O autor da "Planta da Baía de Paranaguá" de 1653 e análise das aves ali representadas. **Boletim do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná 59**:23-31.

Straube, F.C. 2010. Fontes históricas sobre a presença de araras no Estado do Paraná. **Atualidades Ornitológicas 156**:64-87.

Straube, F.C. & Di Giácomo, A. 2007. Avifauna das regiões subtropical e temperada do Neotrópico: desafios biogeográficos. **Ciência & Ambiente 35**:137-166.

Straube, F.C. & Scherer-Neto, P. 2001. História da Ornitologia no Paraná. *In*: [p.43-116] F.C.Straube (Ed.). **Ornitologia sem fronteiras**, incluindo os resumos do IX Congresso Brasileiro de Ornitologia (Curitiba, 22 a 27 de julho de 2001). Fundação O Boticário de Proteção à Natureza, Curitiba.

Straube, F.C.; Urben-Filho, A. & Kajiwara, D. 2004. Aves. *In*: [p.145-496] S.B.Mikich & R.S.Bérnils eds. **Livro Vermelho da fauna ameaçada no Estado do Paraná**. Curitiba, Instituto Ambiental do Paraná.

Stresemann, E. 1951. **Die Entwicklung der Ornithologie. Von Aristoteles bis zur Gegenwart**. F.H.Peters, Berlim, 431 pp.

Taunay, A. d'E. 1934. **Zoologia fantástica do Brasil (Séculos XVI e XVII)**. São Paulo, Companhia Melhoramentos. 127 pp. [Obra reeditada pela USP e Museu Paulista em 1999, com 108 páginas].

Teixeira, D.M. 1992. As fontes do paraíso: um ensaio sobre a Ornitologia no Brasil holandês (1624-1654). **Revista Nordestina de Biologia 7**:1/2: 1-149.

Teixeira, D.M. & Papávero, N. 2006. Os animais do Descobrimento: a fauna brasileira mencionada nos documentos relativos á viagem de Pedro Álvares Cabral (1500-1501). **Publicações Avulsas do Museu Nacional 111**:1-136.

Teixeira, D.M.; Lorini, M.L.; Papávero, N. & Pujol-Luz, J.R. 1999a. Do Rio de Janeiro a Cuiabá: Notícias sobre os produtos naturais do Brasil, por um autor anônimo do Século XVIII. 5. Capítulo VI: "Noticia de varios animaes quadrupedes q' há no brasil, com a distinção e circunst[cas] de cada hum deles, q' se tem conhecido. **Historia Naturalis 2**(5):111-134.

Teixeira, D.M.; Papávero, N. & Pujol-Luz, J.R. 1999b. Do Rio de Janeiro a Cuiabá: Notícias sobre os produtos naturais do Brasil, por um autor anônimo do Século XVIII. 7. Capítulo VIII: "Noticia das aves, q' se conhecem no Brazil, com a distinção, e circunst[cas] de cada húa delas. **Historia Naturalis 2**(7):155-186.

Theodoro, J. 1996. Visões e descrições da América: Alvar Nunez Cabeça de Vaca (XVI) e Hercules Florence (XIX). **Revista USP 30**:76-81.

TSU. 2008. [**Cabeza de Vaca's La Relación online**]. Homepage da Library of the Texas State University (EUA). Disponível online em:http://alkek.library.txstate.edu/swwc/cdv/index.html; acessada em janeiro de 2008.

Vanzolini, P.E. 1996. A contribuição zoológica dos primeiros naturalistas viajantes no Brasil. **Revista USP 30**:190-238.

Varela, A.G. & Lopes, M.M. 2007. As atividades científicas do naturalista Martim Francisco Ribeiro de Andrada na Capitania de Sâo Paulo (1800-1805). **História, Ciências, Saúde - Manguinhos 14**(3):947-972.

Vicente, G. 1562. **Compilacam de todas las obras de Gil Vicente a qual se reparte em cinco livros**. O Primeyro he de todas suas cousas de denaçam. O segundo as comedias. O terceyro as tragicomedias. No quarto as farsas. No quinto as obras mendas. Lisboa, Casa de Joam Alvares. 262pp.

Walters, M. 2003. **A concise History of Ornithology**. New Haven/London, Yale University Press. 255 pp.



http://www.hori.bio.br

A série **Hori Cadernos Técnicos** (HCT) é uma iniciativa da Hori Consultoria Ambiental, cujo objetivo é preencher uma grande lacuna existente de documentos técnicos ligados alguns campos específicos das Ciências da Natureza. A coleção abrange temática variada mas com ênfase em instrumentação, metodologia, técnicas complementares, inovadoras ou alternativas, revisões, estudos de caso, relatos e resultados conclusivos de estudos de impactos ambientais, monitoramentos e demais abordagens no campo da consultoria ambiental e do ecoturismo.

HCT n° 1 (dezembro de 2010)
Glossário Brasileiro de Birdwatching (Inglês-Português-Inglês) por Fernando C.Straube, Arnaldo B.Guimarães-Júnior, Maria Cecília Vieira-da-Rocha e Dimas Pioli.
ISBN: 978-85-62546-01-3

HCT n° 2 (junho de 2011)
Lista das aves do Paraná *(Edição comemorativa do Centenário da Ornitologia no Paraná)* por Pedro Scherer-Neto, Fernando C.Straube, Eduardo Carrano e Alberto Urben-Filho.
ISBN: 978-85-62546-02-0

HCT n° 3 (dezembro de 2011)
Ruínas e urubus: História da Ornitologia no Paraná. *Período Pré-Nattereriano (Séculos 1541-1819)* por Fernando C.Straube.
ISBN: **978-85-62546-03-7**